



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO**

MARIA BETÂNIA DA COSTA ATAÍDE

**“ENCONTROS NA PENÍNSULA”, DE MILTON HATOUM – UM REENCONTRO
COM TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS EM SALA DE AULA**

CAMPINA GRANDE – PB

2022

MARIA BETÂNIA DA COSTA ATAÍDE

**“ENCONTROS NA PENÍNSULA”, DE MILTON HATOUM – UM REENCONTRO
COM TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS EM SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguagem e Ensino na área de Ensino de Literatura e Formação de Leitores.

Orientador: Prof. Dr. José Edilson de Amorim (UFCG)

CAMPINA GRANDE – PB

2022

- A862e Ataíde, Maria Betânia da Costa.
“Encontros na península”, de Milton Hatoum – um reencontro com textos de Machado de Assis em sala de aula / Maria Betânia da Costa Ataíde. - Campina Grande, 2022.
148 f. il. color.
- Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2022.
"Orientação: Prof. Dr. José Edilson de Amorim."
Referências.
1. Literatura Comparada. 2. Machado de Assis. 3. Milton Hatoum. 4. Método Recepcional. 5. Horizonte de Expectativa. I. Amorim, José Edilson de. II. Título.

CDU 82.091(043)

MARIA BETÂNIA DA COSTA ATAÍDE

**“ENCONTROS NA PENÍNSULA”, DE MILTON HATOUM – UM REENCONTRO
COM TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS EM SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguagem e Ensino, na área de Ensino de Literatura e Formação de Leitores.

Orientador: Prof. Dr. José Edilson de Amorim (UFCG)

Aprovação em 24 /02/2022

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. José Edilson de Amorim (UFCG)

Assinatura do Orientador



Orientador

Prof. Dra. Naelza de Araújo Wanderley (UFCG)

Prof. Dra. Naelza de Araújo Wanderley (UFCG)

Examinadora interna

Prof. Dra. Alyere Farias (UFPB)

Examinadora Externa



Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves (UFCG)

Suplente



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
PROGRAMA DE POS-GRADUACAO EM LINGUAGEM E ENSINO
Rua Arpígio Veloso, 882, - Bairro Universitário, Campina Grande/PB, CEP 58429 900

REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

Ata da **307** Sessão Pública de defesa de Dissertação para conferir o Grau de Mestre em Linguagem e Ensino a **Maria Betânia da Costa Ataíde**.

1. Aos 24 dias do mês de fevereiro do ano de 2022, às 14:00 horas, através da sala virtual Google Meet em sessão pública, a Banca Examinadora presidida pelo (a) Prof (a). Dr (a). José Edilson de Amorim, (UFCEG/PPGLE), orientador (a), e composta pelo (a) Prof (a). Dr (a). Naelza de Araújo Wanderley, (UFCEG/PPGLE), na qualidade de membro titular interno, pela Prof (a). Dr (a). Alyere Silva Farias, (UFPB), na qualidade de membro titular externo, reuniu-se para julgamento da Dissertação de Mestrado do (a) discente **Maria Betânia da Costa Ataíde**, intitulada: "“**Encontros na Península**”, **De Milton Hatoum – um Reencontro com Textos de Machado de Assis em Sala de Aula**”".

2. A sessão foi aberta pelo (a) presidente que apresentou os integrantes da Banca Examinadora e passou a palavra ao (à) mestrando (a). Este (a) fez a exposição do seu trabalho, sendo seguida das arguições do (a) s examinadores (as).

3. Logo após, o (a) presidente da Banca Examinadora solicitou aos presentes que se retirassem da sala virtual e voltassem em 20 minutos para ouvir o parecer da banca sobre o trabalho apresentado.

4. Após análise do mérito da Dissertação, do desempenho do (a) candidato (a) durante a apresentação e arguição do trabalho e, em conformidade com o artigo 78 do Regulamento do Curso de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, o presidente da Banca Examinadora informou ao candidato que o trabalho obteve nota **8,0 (oito)** correspondente ao conceito **APROVADO**.

5. Nada mais havendo a tratar, Eu JOSÉ NOBERTO TAVARES JÚNIOR, SIAPE 2012524, Secretário do PPGLE, lavro e assino a presente Ata, lida e aprovada pela banca examinadora, que a assina conjuntamente, e também o mestrando que dá ciência do resultado.



Documento assinado eletronicamente por **JOSE NOBERTO TAVARES JUNIOR, SECRETÁRIO (A)**, em 25/02/2022, às 13:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Betânia da Costa Ataíde, Usuário Externo**, em 25/02/2022, às 13:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **JOSE EDILSON DE AMORIM, PROFESSOR 3 GRAU**, em 25/02/2022, às 13:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **NAELZA DE ARAUJO WANDERLEY, PROFESSOR 3 GRAU**, em 02/03/2022, às 08:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **ALYERE SILVA FARIAS, Usuário Externo**, em 17/05/2022, às 18:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador 2133722 e o código CRC **8E2AD478**.

Minha Musa

**A Musa, que inspira meus tímidos cantos,
É doce e risonha, se amor lhe sorrir;
É grave e saudosa, se brotam-lhe os prantos.
Saudades carpindo, que sinto por ti.**

**A musa, que inspira-me os versos nascidos
De mágoas que sinto no peito a pungir,
Sufoca-me os tristes e longos gemidos,
Que as dores que oculto me fazem trair.**

**A Musa, que inspira-me os cantos de prece,
Que nascem-me d'alma, que envio ao Senhor.
Desperta-me a crença, que às vezes 'dormece
Ao último arranco de esp'ranças de amor.**

**A Musa, que o ramo das glórias enlaça,
Da terra gigante – meu berço infantil,
De afetos um nome na ideia me traça,
Que o eco no peito repete: - Brasil!**

**A Musa, que inspira meus cantos é livre,
Detesta os preceitos da vil opressão,
O ardor, a coragem do herói do Tibre,
Na lira engrandece, dizendo: - Catão!**

**O aroma de esp'rança, que n'alma recende,
É ela que aspira, no cálix da flor;
É ela que o estro na frente me acende,
A Musa que inspira meus versos de amor!**

(MACHADO DE ASSIS)

AGRADECIMENTOS

Ao Deus da minha vida, rocha poderosa e meu abrigo, pois “somente em Deus eu encontro paz e nele ponho a minha esperança.” (Salmos 62:5). “O Senhor é a minha força e o meu escudo; nele o meu coração confia, e dele recebo ajuda. Meu coração exulta de alegria, e com o meu cântico lhe darei graças.” (Salmos 28:7).

Ao meu querido orientador, Prof. Dr. José Edilson de Amorim, por acreditar que sou capaz, em nossa pesquisa, e por estar sempre compartilhando conhecimentos e palavras de conforto. Agradeço pela humildade, paciência e dedicação. Muito grata pelos livros que me emprestou, e principalmente por ter lutado comigo na conquista da minha bolsa.

À profa. Dr. Naelza Waanderley com quem tive a oportunidade de estudar a Literatura de Cordel pelos conhecimentos compartilhados durante as aulas reflexivas. Agradeço, também, ao corpo docente do PPGLE, em especial, Dra. Denise Lino.

À Profa. Dra. Alyere Farias, que tive o prazer de conhecê-la durante o processo de qualificação. Agradeço pelas palavras de conforto e contribuições que vieram na hora certa para melhorar a nossa dissertação. Aos escritores Machado de Assis e Milton Hatoum, pelas belíssimas obras literárias.

À Rita Ataíde, minha mãe querida, fonte de inspiração com quem amo compartilhar cada momento. Ao meu pai Manoel João Ataíde, irmãs e irmãos, por me ajudarem a cuidar da minha mãezinha quando estou ausente, em especial, Luciene Ataíde.

À Lucicláudia Alves, pela amizade e motivação, por acreditar em meus sonhos e permanecer sempre presente em minhas conquistas. Ao meu noivo, Luciano Vicente, por estar sempre ao meu lado com amor e paciência. Às minhas sobrinhas e sobrinhos amados, em especial Flanciele Ataíde e Damiana Ataíde.

Ao meu amigo, prof. Johne Paulino, pela motivação e perseverança, e as minhas amigas, Socorro Dionísio e Jéssica Soares com quem tenho maior apreço e gratidão.

Ao secretário do PPGLE, Júnior, pela disponibilidade e atenção quando necessitei. À CAPES, por ter concedido a bolsa de estudos para o desenvolvimento da pesquisa.

Às amigas e aos amigos da turma do mestrado: Ákila, Luana, Emanuely, Jessica, Emily, Fernanda, Rozânia, Iasmin, Davi e Paulo com quem compartilhei momentos de alegria, dúvidas, angústias e reflexões. Aos alunos contribuintes da pesquisa, muito grata por me estimularem a ser uma professora pesquisadora.

GRATIDÃO!

Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel.

Abrirei rios nos altos desnudos e fontes no meio dos vales; tornarei o deserto em açudes de águas e a terra seca, em mananciais.

(Isaias 41: 10 e 18)

RESUMO

Nesta dissertação, analisamos os contos “Encontros na Península”, de Milton Hatoum, “A causa secreta” e “Missa do galo”, de Machado de Assis. Escolhemos estas narrativas como objeto de estudo do nosso trabalho e realizamos uma ação de leitura com a turma do 2º ano do Ensino Médio da Escola Cidadã Integral Professora Maria Cecília de Castro, em Alcantil-PB. Nossa vivência com a leitura literária aconteceu na modalidade remota emergencial, devido ao contexto do período pandêmico, que resultou em inúmeras questões e dificuldades para nossa atuação em sala de aula como professores pesquisadores. Além da ação de leitura, atentamos para uma revisão bibliográfica e construímos uma leitura reflexiva dos contos supracitados, a fim de desenvolvermos, metodologicamente, os seguintes questionamentos: 1) Que marcas dos textos de Machado de Assis podemos verificar no conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum? Com quais textos de Machado de Assis o conto supracitado mais dialoga? A partir destas interrogações, obtivemos por objetivo geral: Investigar a recepção dos alunos do 2º ano através de leituras comparativas entre os textos “Encontros na Península”, de Hatoum, “A causa secreta” e “Missa do galo”, de Machado de Assis. No que diz respeito aos objetivos específicos: a) Identificar no conto “Encontros na Península”, de Hatoum outros textos de Machado de Assis; b) Conhecer e analisar os textos de Machado de Assis presentes no de Hatoum; c) Analisar e compreender o conto de Milton Hatoum a partir das relações intertextuais que ele incorpora dos textos machadianos. Quanto à metodologia utilizada seguimos as orientações de Rildo Cosson (2016) com a sequência expandida. Por ser uma pesquisa bibliográfica utilizamos os teóricos relacionados aos objetivos do estudo proposto, tais como: Bakhtin (2016) sobre diálogo, dialogismo; Carvalhal (2004) acerca da Literatura Comparada; Aguiar e Bordini (1988) a respeito do método recepcional; Kristeva *apud* Genette (2006) acerca da intertextualidade; Cortázar (1993), Gouveia (2011), Bosi (1997) e Gotlib (2006) para o conceito do gênero conto; Guimarães e Batista (2012) acerca das concepções de leitura; entres outros. O corpus de análise foi composto por três resumos dos contos supracitados e uma leitura comparativa; observações de duas aulas; um questionário de sondagem; aulas utilizando a plataforma *Google Meet* e imagens printadas (prints) durante a ação de leitura.

Palavras-chave: Machado de Assis. Milton Hatoum. Literatura Comparada. Método Recpcional. Horizonte de Expectativa.

ABSTRACT

In this dissertation, we analyze the short stories "Encounters on the Peninsula", by Milton Hatoum, "The Secret Cause" and "Rooster's Mass", by Machado de Assis. We chose these narratives as the object of study of our work and carried out a reading action with the 2nd year high school class of the Escola Cidadã Integral Professora Maria Cecília de Castro, in Alcantil-PB. Our experience with literary reading happened in the emergency remote modality, due to the context of the pandemic period, which resulted in numerous issues and difficulties for our performance in the classroom as research teachers. Besides the reading action, we paid attention to a bibliographic review and constructed a reflective reading of the aforementioned short stories in order to methodologically develop the following questions: 1) What marks from Machado de Assis' texts can we verify in the short story "Encounters on the Peninsula", by Milton Hatoum? With which texts by Machado de Assis does the above mentioned tale most often dialogue? From these questions, we obtained the following general objective: To investigate the reception of 2nd grade students through comparative readings between the texts "Encounters in the Peninsula", by Hatoum, "The Secret Cause" and "Rooster's Mass", by Machado de Assis. Concerning the specific objectives: a) To identify in Hatoum's short story "Encounters in the Peninsula" other texts by Machado de Assis; b) To know and analyze the texts by Machado de Assis present in Hatoum's short story; c) To analyze and understand Milton Hatoum's short story from the intertextual relations that it incorporates from the Machado de Assis texts. As for the methodology used, we followed the guidelines of Rildo Cosson (2016) with the expanded sequence. Since it is a bibliographical research we used the theorists related to the objectives of the proposed study, such as: Bakhtin (2016) about dialogue, dialogism; Carvalhal (2004) about Comparative Literature; Aguiar and Bordini (1988) regarding the receptional method; Kristeva apud Genette (2006) about intertextuality; Cortázar (1993), Gouveia (2011), Bosi (1997) and Gotlib (2006) for the concept of the short story genre; Guimarães and Batista (2012) about the conceptions of reading; among others. The corpus of analysis was composed of three summaries of the aforementioned short stories and a comparative reading; observations of two classes; a survey questionnaire; classes using the Google Meet platform and images printed during the reading action.

Keywords: Machado de Assis. Milton Hatoum. Comparative Literature. Receptional Method. Horizon of Expectation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Resposta da aluna: Marina Costa, zona rural de Alcantil-PB.....	52
Figura 2 - Resposta da aluna: Marina Costa, zona rural de Alcantil-PB.....	53
Figura 3 - Resposta da aluna: Marina Costa, zona rural de Alcantil-PB.....	54
Figura 4 - Resposta da aluna: Marina Costa, zona rural de Alcantil-PB.....	54
Figura 5 - Resposta da aluna: Marina Costa, zona rural de Alcantil-PB.....	55
Figura 6 - Resposta da aluna: Marina Costa, zona rural de Alcantil-PB.....	55
Figura 7 - Resposta da aluna: Marina Costa, zona rural de Alcantil-PB.....	56
Figura 8 - Resposta da aluna: Marina Costa, zona rural de Alcantil-PB.....	57
Figura 9 - Resposta da aluna: Marina Costa, zona rural de Alcantil-PB.....	58
Figura 9 - Resposta da aluna: Marina Costa, zona rural de Alcantil-PB.....	58
Figura 11 - Resposta de Maria Cecília, zona urbana de Alcantil-PB.....	59
Figura 12 - Resposta de Maria Cecília, zona urbana de Alcantil-PB.....	60
Figura 13 - Resposta de Maria Cecília, zona urbana de Alcantil-PB.....	60
Figura 14 - Resposta de Maria Cecília, zona urbana de Alcantil-PB.....	61
Figura 15 - Resposta de Maria Cecília, zona urbana de Alcantil-PB.....	61
Figura 16 - Resposta de Maria Cecília, zona urbana de Alcantil-PB.....	62
Figura 17 - Resposta de Maria Cecília, zona urbana de Alcantil-PB.....	62
Figura 18 - Resposta de Maria Cecília, zona urbana de Alcantil-PB.....	63
Figura 19 - Resposta de Maria Cecília, zona urbana de Alcantil-PB.....	64
Figura 20 - Resposta da aluna: Isabella Lima, zona rural de Alcantil-PB.....	64
Figura 21 - Resposta da aluna: Isabella Lima, zona rural de Alcantil-PB.....	65
Figura 22 - Resposta da aluna: Isabella Lima, zona rural de Alcantil-PB.....	65
Figura 23 - Resposta da aluna: Isabella Lima, zona rural de Alcantil-PB.....	66
Figura 24 - Resposta da aluna: Isabella Lima, zona rural de Alcantil-PB.....	66
Figura 25 - Resposta da aluna: Isabella Lima, zona rural de Alcantil-PB.....	67
Figura 26 - Resposta da aluna: Isabella Lima, zona rural de Alcantil-PB.....	67
Figura 27 - Resposta da aluna: Isabella Lima, zona rural de Alcantil-PB.....	68
Figura 28 - Resposta da aluna: Isabella Lima, zona rural de Alcantil-PB.....	68
Figura 29 - Resposta da aluna: Isabella Lima, zona rural de Alcantil-PB.....	69
Figura 30 - Período de observação.....	71
Figura 31 - Período de observação.....	72

Figura 32- “Encontros na Península”, de Milton Hatoum.....	75
Figura 33- “Encontros na Península”, de Milton Hatoum.....	76
Figura 34- “Encontros na Península”, de Milton Hatoum.....	78
Figura 35- “Encontros na Península”, de Milton Hatoum.....	79
Figura 36- “Encontros na Península”, de Milton Hatoum.....	80
Figura 37- “Encontros na Península”, de Milton Hatoum.....	81
Figura 38- “Encontros na Península”, de Milton Hatoum.....	82
Figura 39- “Encontros na Península”, de Milton Hatoum.....	83
Figura 40 - Conto “A causa secreta”, de Machado de Assis.....	84
Figura 41 - Conto “A causa secreta”, de Machado de Assis.....	85
Figura 42- Conto “A causa secreta”, de Machado de Assis.....	86
Figura 43 - Conto “A causa secreta”, de Machado de Assis.....	87
Figura 44 - Conto “A causa secreta”, de Machado de Assis.....	88
Figura 45 - Conto “A causa secreta”, de Machado de Assis.....	89
Figura 46- Conto “A causa secreta”, de Machado de Assis.....	90
Figura 47 - Conto “A causa secreta”, de Machado de Assis.....	92
Figura 48- Conclusão dos contos “A causa secreta” e “Encontros na Península”.....	93
Figura 49- Conclusão dos contos “A causa secreta” e “Encontros na Península”.....	94
Figura 50- Conclusão dos contos “A causa secreta” e “Encontros na Península”.....	95
Figura 51- Conclusão dos contos “A causa secreta” e “Encontros na Península”.....	96
Figura 52- Conclusão dos contos “A causa secreta” e “Encontros na Península”.....	97
Figura 53- Conclusão dos contos “A causa secreta” e “Encontros na Península”.....	98

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I.....	17
1 CONCEPÇÃO DE LEITURA: Interação entre autor, texto e leitor.....	17
1.1 Leitura nas aulas de literatura e os conceitos do gênero conto.....	18
1.2 Dialogismo e intertextualidade: construção do texto literário.....	23
1.3 Literatura Comparada e Método Receptional.....	26
CAPÍTULO II.....	30
2 DOS “ENCONTROS NA PENÍNSULA”, DE MILTON HATOUM AO REENCONTRO D’“A CAUSA SECRETA” E “MISSA DO GALO”, DE MACHADO DE ASSIS.....	30
2.1 Dos desencontros e decepções em “Encontros na Península”, de Milton Hatoum.....	30
2.2 Do mistério e da crueldade n’“A causa secreta”, de Machado de Assis.....	32
2.3 “Ela, que era apenas simpática, ficou linda, ficou lindíssima”: “Missa do galo”, de Machado de Assis.....	36
2.4 Milton Hatoum em diálogo com Machado de Assis: Um convite aos leitores para desvendarem os mistérios de relacionamentos.....	38
CAPÍTULO III.....	44
3 PLATAFORMA <i>GOOGLE MEET</i>: Inesperada, Improvisada e Necessária na Aula de Literatura.....	44
3.1 Categorizando a pesquisa: revisão e pesquisa bibliográfica, descritiva, qualitativa e pesquisa-ação.....	44
3.2 A parceria que deu certo: professor apto a receber nossa vivência literária no 2º ano do Ensino Médio.....	46
3.3 Momento da observação: dois encontros seguidos.....	47

3.4 Sequência Expandida de Leitura Segundo Cosson (2016)	48
CAPÍTULO IV.....	50
4 RUMOS DA PESQUISA NO CONTEXTO PANDÊMICO COVID-19: Desafios do Professor em Aulas Literárias com o Ensino Remoto Emergencial.....	50
4.1 Análise do questionário de sondagem.....	51
4.2 “ <i>Eu sempre leio conto, romance, história em quadrinho etc.</i> ”: Marina Costa.....	52
4.3 Sobre Machado de Assis: “ <i>Eu não sei nenhum livro dele, pois eu nunca li só ouvi falar</i> ”: Cecília Macêdo.....	58
4.4 “ <i>Sim, chamou foi interessante à forma que ele leu</i> ”: Isabella Lima.....	63
4.5 Vivência literária com a sequência expandida de leitura segundo Cosson (2016)	68
4.6 Da aula presencial ao ensino remoto emergencial: reinvenções e persistências.....	69
4.7 A celebração da “Missa do galo”, de Machado de Assis em sala de aula.....	72
4.8 Motivação e reencontro no diálogo intertextual entre Milton Hatoum e Machado de Assis	73
4.9 Do encantamento literário através dos contos de Machado de Assis e Milton Hatoum...83	
4.10 “[...] mas lendo com você eu conheci e entendi que ler contos é muito bom e traz conhecimento e dar sabedoria”: a recepção e ruptura dos horizontes de expectativas	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS.....	102
APÊNDICES.....	105
APÊNDICE A: Termos de Assentimento destinado aos pais ou responsáveis de alunos menores de idade.....	105
APÊNDICE B: Termo de Anuência Institucional.....	111
APÊNDICE C: Questionário de Sondagem.....	112
APÊNDICE D: Sequência Expandida.....	113
Anexo 1. Conto “Encontros na Península”.....	119
Anexo 2. Conto “A causa secreta”	132
Anexo 3. Conto “Missa do galo”.....	143

INTRODUÇÃO

No período de 2018.1 cursamos como aluna especial a disciplina “Narrativas em Contexto de Ensino” ministrada pela Prof. Dra. Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega e ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino da UFCG. Durante as aulas tivemos a oportunidade de estudar a obra *A cidade ilhada*, de Milton Hatoum. No mesmo período, lecionamos em turmas do Ensino Médio na cidade de Alcantil-PB, e apresentamos alguns contos deste livro com o propósito de fazermos uma leitura comparada com o texto machadiano “A causa secreta” que identificamos na íntegra no livro didático do segundo ano. A ideia de lermos o conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum foi tão frutífera que enraizou novos propósitos de continuarmos com uma ação de leitura comparativa.

Posteriormente, ingressamos ao mestrado regular e desenvolvemos o projeto voltado à análise dos contos supracitados. Tivemos oportunidade para retornamos à escola na modalidade do ensino remoto que, outrora, realizamos o primeiro ensaio com as atividades de leituras compartilhadas. Essa proposta surgiu após entrarmos em contexto epidêmico, pois inicialmente a ideia era desenvolvermos a pesquisa com o ensino presencial numa escola na cidade de Campina Grande-PB.

As obras literárias, muitas das vezes, passam por processos de reescritas e para isso temos os elementos literários conforme os exemplos a seguir: personagens, enredo, tempo, espaço, narrador e tema, os quais são utilizados com frequência na formação de uma nova escrita. De acordo com Bakhtin, (1997, p. 332) “Não há textos Puros, nem poderia haver. Qualquer texto comporta, por outro lado, elementos que se poderiam chamar técnicos (aspecto técnico da grafia, da elocução, etc.). ” Dessa forma, os textos adquirem traços de outras narrativas.

Ainda sobre esses processos de escrita, Bakhtin acrescenta a possibilidade de “[...] encontro de dois textos, do que está concluído e do que está sendo elaborado em reação ao primeiro. Há, portanto, encontro de dois sujeitos, de dois autores.” (p. 333). Diante do exposto, destacamos o conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum (2009) para demonstrar o diálogo deste com alguns textos machadianos.

Levando em consideração as mudanças ocorridas, renovamo-nos e seguimos com o nosso propósito. Enfatizando o texto analisado, julgamos pertinente contemplar os questionamentos da protagonista Victoria Soller: “Agora quero encontrar aquele louco nas páginas de Machado. Mas em qual conto ou romance? Tu sabes, professor? ”, Hatoum (p. 110, 2009). Estas interrogações estão presentes no conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum. Consideramos que ao lermos os textos “Missa do galo”, “Luís Soares”, “A causa secreta”, “O segredo de Augusta”, “A parasita azul”, “O lapso”, o capítulo “O almocreve”, de Memórias póstumas de Braz Cubas, e o ensaio “Instinto de Nacionalidade”, de Machado de Assis, identificamos alguns indícios de possíveis respostas dessas indagações da personagem.

Com relação a nossa questão norteadora, como ocorre a recepção dos alunos do 2^a ano do Ensino Médio durante a vivência literária dos contos “Missa do Galo”, “A Causa Secreta”, de Machado de Assis e “Encontros na Península”, de Milton Hatoum?

Para embasarmos discussões acerca desses questionamentos, proporcionamos uma leitura comparada do conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum com textos de Machado de Assis, sobretudo, o texto “A causa secreta” e “Missa do galo”, com o intuito de refletirmos, juntamente, com os alunos colaboradores da pesquisa a possibilidade de abordarmos várias respostas a personagem Victoria Soller, tendo em vista que essas indagações ficaram em aberto, cabe aos leitores, respondê-las. Na ação da leitura enfatizamos o diálogo e as relações intertextuais presentes na obra de Hatoum. Além disso, verificamos que a composição narrativa do seu conto está baseada, na nossa compreensão, em textos do eterno escritor carioca.

Para fundamentarmos nossa pesquisa, adotamos a perspectiva teórica de Tânia Franco Carvalhal (2004), com a obra *Literatura Comparada*. Em concordância com a autora, “comparar é um procedimento que faz parte da estrutura de pensamento do homem e da organização da cultura.” (CARVALHAL, 2004, p. 6). O trabalho parte também dos conceitos de intertextualidade e dialogismo, categorias por demais importantes quando se dedica a comparar uma narrativa com outros textos literários; para isto nos baseamos em Kristeva *apud* Genette (2006).

Quanto à metodologia utilizada seguimos as orientações de Rildo Cosson (2016) com a sequência expandida. Por ser uma pesquisa bibliográfica utilizamos os teóricos relacionados aos objetivos do estudo proposto, tais como: Bakhtin (2016) sobre diálogo, dialogismo; Aguiar e Bordini (1988) que abordam o método recepcional; Cortázar (1993), Gouveia (2011), Bosi (1997) e Gotlib (2006) para o conceito do gênero conto; Machado (2016) sobre gênero

discursivo; Guimarães e Batista (2012) concepções de leitura; etc. O corpus de análise foi composto por três análises bibliográficas dos contos supracitados; observações de duas aulas; um questionário de sondagem; aulas utilizando a plataforma *Google Meet*; imagens printadas (prints) durante a ação de leitura.

A presente dissertação organiza-se em quatro capítulos, além desta introdução e da conclusão. No primeiro capítulo, apresentamos a fundamentação teórica com uma discussão acerca das concepções de leitura e da interação entre autor, texto e leitor. Quanto ao ensino da literatura levamos em consideração a complexidade do leitor. Além das reflexões acerca do dialogismo e a intertextualidade na construção do texto literário, também abordamos algumas informações sobre a literatura comparada e o método recepcional.

O segundo capítulo é dedicado à leitura preliminar dos contos intitulados “Encontros na Península”, de Milton Hatoum, “Missa do galo” e “A causa secreta”, de Machado de Assis com o objetivo de proporcionarmos ao leitor uma reflexão a construção narrativa dos textos. O terceiro capítulo explicita os procedimentos metodológicos que foram utilizados no percurso da vivência pedagógica. Além disso, descrevemos a parceria com o professor que se disponibilizou auxiliarmos nossa proposta em todos os momentos, que vão desde as observações das aulas até a aplicação do questionário de sondagem. E, por fim, o quarto capítulo relatamos o resultado da análise dos dados, a vivência em sala de aula na modalidade remota emergencial e o trabalho com ação de leitura.

CAPÍTULO 1: CONCEPÇÃO DE LEITURA: Interação entre autor, texto e leitor

Há inúmeras concepções de leitura que variam com diferentes autores. Ao lermos o livro *Língua e Literatura: Machado de Assis em sala de aula* destacamos algumas delas, e, inclusive, Guimarães e Batista (2012, p. 20) admitem a leitura como “[...] parte de um processo que concebe língua e linguagem como interação entre sujeitos (autor e leitor) com papéis ativos nos processos comunicativos e dialógicos, cada um com uma contribuição a dar no processo de formação dos efeitos de sentido”. Sendo assim, o leitor mostra-se ativo na ação da leitura valendo-se de seus conhecimentos prévios, e, conseqüentemente, os ativa em busca da interpretação.

Partindo dessa reflexão, compreendemos que os sentidos do texto acontecem na e em conjunto com a interação entre autor, obra e leitor. Já para a existência desses sentidos, o sujeito precisa participar, ativamente, da ação de leitura, ou seja, seu conhecimento prévio se faz presente, contribuindo com suas experiências e vivências. Guimarães e Batista (2012, p. 21) esclarecem que “[...] os textos literários situam-se entre a conotação e a denotação, entre o real e o imaginário, sugerindo uma participação mais ativa do leitor, que deve ser convidado a entrar no universo da verossimilhança literária.” Dessa forma, as obras literárias conciliam a realidade e a ficção que cominam na apropriação da verossimilhança (aquilo que possui semelhança com o mundo real).

Para a mediação literária, levando em consideração a complexidade do leitor, Guimarães e Batista (2012, p. 24) afirmam que é importante “visitar a história de quem somos e do que construímos.” Além disso, acrescentam que “[...] não se há de pleitear, em ambiente escolar, uma leitura estritamente frugal dos textos literários. Antes, há de se questionar a ausência da provocação, do estímulo ao prazer da leitura”.

Quando alunos são convocados pelos professores para lerem textos em ambiente escolar, verificamos que eles ao realizarem atividades corriqueiras, em sala de aula, não se tornam leitores críticos e reflexivos, já que em sua maioria concluem a educação básica com dificuldade, inclusive, na compreensão dos gêneros textuais. Caso o mediador não confronte o leitor, e mostre que a diversidade de interpretações de um texto pode proporcionar sentidos que são construídos pelas vivências e experiências adquiridas ao longo da vida, ele continuará com a ideia de que a obra já tem o sentido completo, e passará a ser, somente, um leitor passivo.

1.1 Leitura nas aulas de literatura e os conceitos do gênero conto

Vale ressaltar que, os primeiros encontros com os textos, optamos por lê-los através de indicações dos nossos familiares ou professores. De acordo com Cavalcanti (2009, p. 31), “[...] a criança iniciada no mundo da leitura é alguém que pode ampliar sua visão do outro, que pode adentrar no universo do simbólico e construir para si uma realidade mais carregada de sentido”. O que nos permite refletir que a leitura é a base para a nossa aprendizagem, porquanto ler, diariamente, ajuda no processo da comunicação, pois teremos mais facilidade de compartilhar conhecimentos e evoluirmos o nosso intelecto. Observa-se que a leitura era considerada algo indispensável para o convívio social. Em outras palavras,

[...] saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significa possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade, no caso à classe dos senhores, dos homens livres (MARTINS, 1994, p. 22).

Essa expressão de liberdade nos satisfaz, no momento em que lutamos para ter voz e possibilidade de dialogarmos acerca das várias temáticas existentes. Para Martins (1994, p. 25) “[...] a leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo.” Essa integridade torna-se completa quando o leitor permite que a leitura faça parte da sua rotina. No que se refere, a leitura vai além da prática de pegar um livro e abri-lo com o objetivo de folheá-lo. É importante compreender que, “a leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido-seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento.” (MARTINS, 1994, p. 33). Em referência ao que foi dito, a autora acrescenta,

[...] esse diálogo é referenciado por um tempo e um espaço, uma situação, desenvolvido de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta, em função de expectativas e necessidades do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor (MARTINS, 1994, p. 33).

Deste modo, refletimos que nossa aprendizagem desenvolvida pela leitura parte, também, do contexto social que estamos inseridos, melhor dizendo, do que presenciamos. Por esta razão, “aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados.” (MARTINS, 1994, p. 33). Essa perspectiva parte da ideia de que aprendemos com nós mesmos e com o outro, dentro da

realidade de cada um, e que os nossos professores, mediadores de conhecimentos, nos ajudam na motivação. Além disso, a autora destaca que

[...] a função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre a leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, repito, a algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, coisas, ideias, situações imaginárias ou reais (MARTINS, 1994, p. 34).

Dessa mesma constatação, assinalamos que as aprendizagens, acerca da leitura, vão além do ambiente escolar. São independentes das instituições de ensino que o leitor frequenta. De acordo com Ceccantini (2009, p. 214),

[...] muitos dos adultos hoje leitores maduros, afeiçoados ao livro e à leitura, foram crianças que vivenciaram práticas escolares acertadas no trabalho com a leitura, estudantes em boa parte das vezes oriundos da escola pública e de famílias não leitoras.

Por isso a importância do professor leitor, já que parte da motivação desse profissional, em sala de aula, para despertar nos alunos a vontade de conhecer os textos literários. Quando o mediador ler a obra, ele já conhece o autor, enredo, tema, personagens, e assim, fica mais prático para motivá-los. E, ao escolher um elemento narrativo para iniciar a análise do texto, cria-se uma aproximação interativa.

Antes de tudo, Amorim (2011, p. 59) esclarece que “essa escolha pode ser de um tema, de um autor, de um livro, de um texto”. Geralmente, ao lermos um conteúdo polêmico temos a necessidade de dialogar e interagir com o outro, e é nessa perspectiva que selecionamos a temática. Nesse sentido, o ensino do gênero literário conto permite uma ação de leitura, tanto oral quanto silenciosa.

Vale ressaltar que muitos jovens apenas usufruem dos processos de leitura em sala de aula, e é por meio da motivação dos professores que acontece o encantamento pelos gêneros literários, como por exemplos: as poesias, os contos, as crônicas, os cordéis, os romances, etc. Dessa maneira, Amorim (2011, p. 59-60), formula que

A leitura, principalmente enquanto escolha motivada pela necessidade de aprendizagem sistemática, é uma atitude de conhecimento que vamos formando, e que se vai incorporando à nossa experiência vivida, como todas as outras que precisamos aprender para viver.

Logo, a metodização da leitura se correlaciona à agregação da construção de conhecimentos que adquirimos no decorrer de nossas vivências aliado a formação acadêmica. Nesse sentido, ao lermos uma obra é provável nos identificarmos e sentirmos representados pelos personagens. Uma vez que neles estão presentes os costumes culturais que fazem partes da sociedade e da essência do leitor. A respeito disso, Iser (1979, p. 83), conclui que “a leitura une o processamento do texto ao efeito sobre o leitor”. Esta influência recíproca é descrita como interação. Sendo assim, é por intermédio do processo interativo que o leitor cria uma aproximação com a obra.

Assim, “a qualidade do ato da leitura não é medida pela qualidade intrínseca do texto, mas pela qualidade de reação do leitor. A riqueza da leitura não está necessariamente, nas grandes obras clássicas, mas na experiência do leitor ao processar o texto.” (LEFFA, 1996, p. 14). Dessa forma, os textos canônicos e populares recebem o mesmo grau de importância que varia de acordo com a individualidade de cada um.

De acordo com Bordini e Aguiar (2013), a leitura é um elemento histórico e social, visto que prioriza a socialização através do leitor. Portanto,

[...] ler é apropriar-se de um produto cultural, gerado intencionalmente, por um ou mais autores inseridos em determinada comunidade. Entrar em contato com o objeto histórico e social, construído ideologicamente, através do qual o sujeito marca sua presença na coletividade em que vive. (BORDINI e AGUIAR, 2013, p. 154).

Consequentemente, apresentamos alguns conceitos do gênero literário conto (nosso objeto de estudo). Para atingirmos essa meta, nos respaldamos em: Cortázar (1993) e Gouveia (2011). Ao lermos um conto, deparamos com uma quantidade menor de páginas, diferentemente de um romance, no entanto, a qualidade do texto não está equivalente ao número quantitativo de suas páginas.

Por esta razão, esboçamos as duas abordagens, quer dizer, um pequeno confronto de ideais entre os autores. Mas antes de abordarmos as opiniões dos autores citados anteriormente, sintetizamos a concepção do gênero conto baseado em Bosi (1997) e Gotlib (2006).

Acima de tudo, Bosi (1997, p. 7) esclarece que “[...] o conto exerce à sua maneira o destino da ficção contemporânea”. Na verdade, se comparada à novela e ao romance, a narrativa curta condensa e potencia no seu espaço todas as possibilidades da ficção”. Sob o mesmo ponto de vista, o conto não se refere, sistematicamente, aos fatos ocorridos, melhor dizendo, não tem um compromisso com a verossimilhança do texto (evento realista.). Todavia, há contos que

trazem traços reais, como, por exemplo, os que estão presentes no livro: “*Você vai voltar pra mim*”, de B. KUCINSKI (2013).

Segundo Gotlib (2006, p. 13) “[...] a história do conto, nas linhas mais gerais, pode se esboçar a partir do critério de invenção, que foi se desenvolvendo”. Relacionado à invenção temática, o conto tem desempenhado, corriqueiramente, a função de lugar privilegiado ou de circunstâncias exemplares vividas pelo homem da contemporaneidade.

Enfatizamos que o conto, a poesia, a crônica e o romance têm características semelhantes, como, por exemplo: a função poética, a musicalidade, a adaptação do real para o imaginário, a plurissignificação. Ou seja, as palavras do texto literário valorizam a linguagem conotativa, sem deixar de lado emoção e afetividade. E é por meio desses aspectos que o conto é definido como texto literário.

Além disso, Cortázar (1993) conceitua o conto pelo limite de páginas. Em linhas gerais,

[...] para se entender o caráter peculiar do conto, costuma-se compará-lo com o romance, gênero muito mais popular, sobre o qual abundam as preceptísticas. Assinala-se, por exemplo, que o romance se desenvolve no papel, e, portanto, no tempo de leitura, sem outros limites que o esgotamento da matéria romanceada; por sua vez, o conto parte da noção de limite, e, em primeiro lugar, de limite físico, de tal modo que, na França, quando um conto ultrapassa as vinte páginas, toma já o nome de nouvelle, gênero a cavaleiro entre o conto e o romance propriamente dito. (CORTÁZAR, 1993, p. 151).

Esta afirmação deixa lacunas, pois existem contos contendo apenas duas laudas, ou menos, e outros que ultrapassam 35. Um exemplo de conto com menos de duas páginas é “*O jogo de chá*”, de B. Kucinski (2013). Outro que contém mais de 35 é “*A Mancha*”, de Veríssimo (2004). Portanto, essa ideia de extensão não apresenta o real sentido de definição deste gênero. Em primeiro lugar, acerca desse assunto, Gouveia (2011), considera que,

O número de página, portanto, não sintomatiza a qualidade do texto nem sua classificação como gênero, porque o conto “*El perseguidor*”, de Cortázar, tem quase sessenta páginas. O número de páginas pouco diz da extensão da ação, do tempo e do espaço, porque um conto de duas ou três páginas, como “*La casa de Asterión*”, de Borges, que transcorre no tempo mítico do Minotauro, pode não apresentar nenhuma delimitação nítida de tempo e duração. Enfim, o número de páginas não é necessariamente correlato às categorias internas do conto. (GOUVEIA, 2011, p. 25).

Por esta e outras razões, Gouveia (2011, p. 27) afirma que Cortázar (1993) não traz conceito do gênero conto, e sim, supostos conceitos. Além disso, relata que “ele é problemático e não satisfaz a uma verdadeira pesquisa científica”. Essas explanações são apenas para sintetizar o que afirma a crítica sobre o gênero.

Feita a reflexão acima, vamos abordar a narrativa “Encontros na Península”, de Milton Hatoum. Identificamos, em primeiro plano, a história do professor que está em busca de um trabalho, e é contratado por Victória Soller. Na segunda história, é narrado o enamoramento entre Victória e Soares. Posteriormente, ela descobre que seu amado é casado com uma senhora cadeirante. Levando em consideração essa duplicidade de histórias, Piglia (2004) afirma que,

[...] cada uma das duas histórias é contada de modo distinto. Trabalhar com duas histórias quer dizer trabalhar com dois sistemas diferentes de casualidade. Os mesmos acontecimentos entram simultaneamente em duas lógicas narrativas antagônicas. Os elementos essenciais de um conto têm dupla função e são empregados de maneira diferente em cada uma das duas histórias. Os pontos de interseção são fundamento da construção. (PIGLIA, 2004, p. 90).

Essa distinção entre as duas histórias é nítida no início da narrativa supracitada; contudo, a distinção estabelecida entre elas não impede a construção do sentido do enredo. Ainda sobre esse assunto, Piglia (2004, p. 91) estabelece que “o conto é um relato que encerra um relato secreto. Não se trata de um sentido oculto que dependa de interpretação: o enigma não é outra coisa senão uma história contada de um modo enigmático.” Portanto, cabe ao leitor no ato da leitura desvendar este enigma.

Conseqüentemente, a segunda tese de Piglia, (2004, p. 91) considera que “a história secreta é a chave da forma do conto e de suas variantes”, de quando um conto utiliza em seu desfecho um segredo, como ocorre no final marcante entre Soares, Victória e Augusta, em “*Encontros na Península*”, de Milton Hatoum. Em síntese, só descobrimos que Soares é casado com Augusta ao finalizar o enredo, sendo desvendado, assim, o segredo do personagem.

Em suma, Piglia (2004), com essas teses, reflete a respeito do conto moderno que narra duas histórias, de modo que sobrevém apenas uma. E, nesse enredo fica em oculto o mais precioso, como é abordado em “Encontros na Península”, de Hatoum. No fim, Victória pergunta: “Mas em qual conto ou romance? Tu sabes, professor?” (HATOUM, 2009, p. 110). Portanto, o conto termina com esse segredo, sendo assim, “a história é construída com o não-dito, com o subentendido e a alusão” (PIGLIA, 2004, p. 92). Que constatamos, posteriormente, tal segredo será desvendado em possíveis respostas de textos machadianos.

1.2 Dialogismo e intertextualidade: construção do texto literário

Ao lermos uma narrativa ou qualquer gênero textual é possível correlacionarmos essa leitura a outros textos com que tivemos contato em algum momento de nossas vivências literárias. Isso é recorrente, no processo de formação do leitor, através da ação de leitura em determinada obra que é influenciada por textos precedentes.

Para Bakhtin *apud* Brait (2016, p. 66) “[...] cada palavra está dialogicamente decomposta, em cada palavra há uma interferência de vozes [...]”. Além disso, “[...] toda obra é construída como um contínuo diálogo interior de três vozes nos limites de uma consciência que se decompôs”. Consonante a essa perspectiva, “o diálogo permite substituir com sua própria voz a voz de outra pessoa.” (BRAIT, 2016, p. 67). Diante essa citação, podemos refletir sobre as interrogações de Victoria Soller ao dizer: “Agora quero encontrar aquele louco nas páginas de Machado.” (HATOUM, 2009, p. 110). Quando ela fala o vocábulo *louco* está referindo-se a Soares, personagem esse que faz várias críticas ao escritor brasileiro.

Dentre estas informações, Bakhtin (1995, p. 106) esclarece que “o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto”. É através dele que todas as informações que são transcritas num texto, sendo referencial histórico, cultural ou social encandeiam-se ao discurso. Por esses aspectos, “cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica.” (BAKHTIN, 1995, p. 43). Nesse sentido, Brait (2016, p. 51) nos apresenta a perspectiva de Bakhtin, explanando que “[...] a consciência do outro não se insere na moldura da consciência do autor, mas que permite a ele entrar em relações dialógicas”.

A partir dessa visão, destacamos a ideia dos contos terem diálogo entre si, e isso ocorre em duas ou mais obras. Esse diálogo também acontece na medida em que há possíveis supressões ou reaproveitamento de trabalhos. Em outras palavras,

[...] essa supressão não significa descarte do material. Ao contrário, há um reaproveitamento em trabalhos posteriores. Esse dado, essa forma de trabalhar, confirma a ideia de que uma série de temas e escritos de Bakhtin vão se constituindo, e reconstruindo, desde a década de 1990 até a década de 1970, formando uma rede articulada. Mesmo sem querer forçar uma unidade, é inegável que as preocupações de Bakhtin vão ganhando forma, num diálogo entre textos e, em certas medida, entre épocas. (BRAIT, 2016, p. 53).

Essa perspectiva bakhtiniana realça o entendimento acerca do diálogo entre as narrativas, a importância de reaproveitar os textos para realização de uma nova produção textual. Vemos que para Samoyault (2008, p. 18) “[...] em todo texto a palavra introduz um

diálogo com outros textos [...]”. Outro aspecto importante é o surgimento do diálogo no vocábulo, como já foi citado anteriormente, e é através desse resultado que vai formulando-se um novo texto. Por conseguinte,

[...] o texto aparece então como o lugar de uma troca entre pedaços de enunciados que ele redistribui ou permuta, construindo um texto novo a partir dos textos anteriores. Não se trata, a partir daí, de determinar um intertexto qualquer, já que tudo se torna intertextual; trata-se antes de trabalhar sobre a carga dialógica das palavras e dos textos, os fragmentos de discursos que cada um deles introduz um diálogo. “A linguagem do romance, escreve Bakhtin, é um sistema de linguagens que se iluminam naturalmente, dialogando”. (SAMOYAUT, 2008, p. 18).

Nesse percurso, há uma importante reflexão acerca da intertextualidade. Genette (2006, p. 8), afirma que a intertextualidade está relacionada “[...] como presença efetiva de um texto em outro”. Ainda, em complementação, o autor afirma:

Sua forma mais explícita e mais literal é a prática tradicional da citação (com aspas, com ou sem referência precisa). [...]; sua forma menos ainda menos explícita e menos literal é a alusão, isto é, um enunciado cuja compreensão plena supõe a percepção de uma relação entre ele e um outro, a qual necessariamente uma de suas inflexões remete [...]. (GENETTE, 2006, pág. 8).

Na visão de Kristeva *apud* GENETTE (2006, p. 50) “todo texto é absorção e transformação de outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, se instala a de intertextualidade, e a linguagem poética se lê, pelo menos, como dupla”. Nesse sentido, através de um texto novas produções são escritas.

As contribuições de um texto existente levam a formulação de outro, não precisa ser necessariamente, uma réplica, todavia, durante o processo de produção textual, o autor já tem uma bagagem de leitura que facilita para o surgimento de conteúdos que serão apresentados nessa produção. Nessa perspectiva,

O processo de escrita é visto, então, como resultantes também do processo de leitura de um corpus literário anterior. O texto, portanto, é absorção e réplica a outro texto (ou vários textos). A análise dessa produtividade leva ao exame das relações que os textos tramam entre eles para verificar, como quer Gérard Genette, a presença efetiva de um texto em outro, através dos procedimentos de imitação, cópia literal, apropriação parafrástica, paródia, etc. (CARVALHAL, 2004, p. 50-51).

Algumas das principais características da intertextualidade são: alusão, imitação e paródia. Quem nunca escutou a letra de uma música em dois estilos musicais diferentes? Ou um único ritmo em paródia? E quando lemos um conto e reconhecemos episódios idênticos de

outro gênero literário? Nesse contexto, Carvalho (2004, p. 53-54) informa que “toda repetição está carregada de uma intencionalidade certa: quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, enfim, quer atuar com relação ao texto antecessor”. Diante esse aspecto, ao estudarmos o conto de Milton Hatoum e os textos Machadianos verificamos a *alusão* presente nos textos de Hatoum. E foi também, por meio desta característica da intertextualidade, que analisamos as obras de ambos os autores. Para a produção dos textos, Koch e Elias (2009, p. 43-44) ressaltam a importância do conhecimento textual, visto que

[...] está relacionado à presença de um texto ou mais em outro. Nesse sentido, falar de conhecimento de textos significa também falar de intertextualidade, um princípio que entra na constituição de todo e qualquer texto, visto que este é produzido em resposta a outro texto, sempre. A escrita, portanto, é uma atividade que exige a retomada de outros textos, explícita ou implicitamente, dependendo do propósito da comunicação.

Por fim, Genette (2006, p. 9) destaca que “a intertextualidade é [...] o mecanismo próprio da leitura literária”. Em outras palavras, é um conjunto de elementos que vão ligando um sentido ao outro. Essa ligação de significado entre os textos ocorre por meio do autor e leitor, posto que, tendo uma vivência, um repertório de leitura, eles conseguem construir e identificar o sentido do enredo, compreender os temas, e fazer referência intertextual de uma obra para a outra.

No momento em que um professor mediador traz para a sala de aula um texto do qual já tenha realizado a análise, influenciará o leitor, pois além de possibilitar interação, eles podem dialogar e criar atividades reflexivas acerca dos temas, entre outros elementos textuais. Para Samoyault (2008, p. 21), “[...] a palavra de outrem se inscrevem nas palavras que dizemos e o diálogo identifica-se com a expansão de todos esses enunciados. Todas as palavras abrem-se assim às palavras do outro, o outro podendo corresponder ao conjunto da literatura existente”. Nesse ponto de vista, o sentido para compreender a obra está relacionado ao contexto em que está inserida, assim, utilizando os recursos do intertexto. Como se vê, não é tão difícil compreender a obra, quando já se tem esses conhecimentos acerca das reações intertextuais.

1.3 Literatura Comparada e Método Receptional

Os textos interagem entre si. Ao ler uma obra de um autor contemporâneo, deparamos com nomes de personagens, personalidades, cenas idênticas, enredos semelhantes a textos clássicos. Toda vez que isso acontece, procuramos compará-los. Com base nesses pressupostos,

recorremos à solução na literatura comparada que de acordo com Carvalho (2004, p. 74), “[...] é uma forma específica de interrogar os textos literários na sua interação com outros textos, literários ou não, e outras formas de expressão cultural e artística”.

Em relação à literatura comparada, Carvalho (2011, p. 189), explica que vai além de comparar os gêneros textuais sejam eles literários ou não, pois exerce a função de comparar as “diferentes áreas do conhecimento e da crença”.

Com referência à área literária, ao lermos alguns textos machadianos e os relacionarmos com o conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum, encontramos em textos de Machado “Luís Soares”, e “Leandro Soares”, personagem do conto “A Parasita Azul”. O que chamou nossa atenção não foi à coincidência ou não de Hatoum ter colocado os mesmos nomes em seus personagens, mas também, o fato de terem características semelhantes.

Portanto, para Carvalho (2011, p. 199) “[...] um estudo de literatura comparada não tem que ser comparativo a cada página ou a cada capítulo, mas a propósito, a ênfase e a execução globais devem ser comparativos”. Como já foi citado, um nome de personagem, uma expressão, a estrutura de um texto, tudo isso pode ser levado em consideração quando o assunto é comparar. De acordo com Carvalho (2011, p.7),

pode-se dizer, então, que a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe.

Para um texto literário ser analisado, criticamente, é importante ser comparado, como foi o caso das reflexões presentes nos textos de Cortázar (1993) e Gouveia (2011). Portanto, segundo Carvalho (2011, p. 7) “[...] compara, então, não apenas com o objetivo de concluir sobre a natureza dos elementos confrontados, mas, principalmente, para saber se são iguais ou diferentes.” Vale ressaltar que “o surgimento da literatura comparada está vinculado à corrente de pensamentos em que comparar estruturas ou fenômenos análogos, com a finalidade de extrair leis gerais, foi dominante nas ciências naturais.” (CARVALHAL, 2011, p. 8).

Diante disso, Carvalho (2011, p. 8) vem alegar que a difusão do termo se fixou em meados do século XIX, devido ao entusiasmo do criador das *Lições de anatomia comparada*, de Cuvier (1800). E, em seguida, “[...] a comparação se transfere para os estudos literários por uma espécie de contágio”.

Enfatizamos um pouco as pesquisas da Estética da Recepção. Cabe lembrar aqui que, metodologicamente, o leitor de um texto literário tinha a função de atuar como sujeito passivo

durante o processo de leitura. Com o advento da Estética da Recepção, houve mudanças significativas no desenvolvimento da aprendizagem, pois esse leitor que era impulsionado a participar da ação de leitura como sujeito passivo, atualmente, exerce o papel de parte integrante na construção de sentido da obra. E nessa perspectiva, Zilberman (2004), ao explicar o princípio da Estética da Recepção aborda que

Jauss propõe uma inversão metodológica na abordagem dos fatos artísticos: sugere que o foco deve recair sobre o leitor ou a recepção, e não exclusivamente sobre o autor e a produção. Seu conceito de leitor baseia-se em duas categorias: a de horizonte de expectativa, misto dos códigos vigentes e da soma de experiências sociais acumuladas; e a de emancipação, entendida como a finalidade e efeito alcançado pela arte, que libera seu destinatário das percepções usuais e confere-lhe nova visão da realidade. (ZILBERMAN, 2004, p. 49).

Nessa mesma concepção teórica, as autoras Bordini e Aguiar (1988, p. 31), afirmam que “a teoria da estética da recepção desenvolve seus estudos em torno da reflexão sobre as relações entre narrador-texto-leitor”. Por esta razão, avalia-se um texto narrativo com base na teoria recepcional, “[...] através da descrição de componentes internos e dos espaços vazios a serem preenchidos pelo leitor.” (BORDINI E AGUIAR, 1988, p. 31).

Em 1975, a Estética da Recepção atingiu o seu auge com a exposição de Hans Robert Jauss em um congresso bienal dos romanistas alemães. Segundo Jauss (1994), o significado de uma obra não se constrói de maneira isolada, como se fosse autossuficiente. Em outras palavras, como se ela fosse capaz de viver sem o leitor, pode até ter a capacidade de existência, mas sem o leitor, a obra é mais um texto que vai ocupar apenas um espaço físico. Ela precisa do leitor para permanecer viva e ativa. Para as autoras Bordini e Aguiar (1988),

[...] a recepção é concebida, pelos teóricos alemães da Escola de Constança, como sendo uma concretização pertinente à estrutura da obra, tanto no momento da sua produção como no da sua leitura, que pode ser estudada esteticamente, o que dá ensejo à denominação da teoria da estética da recepção. (BORDINI e AGUIAR, 1988, p. 83).

Ao citar a Estética da Recepção, temos também, o método recepcional. E para melhor embasamento teórico, recorreremos às autoras Bordini e Aguiar (1988, p. 81). Elas afirmam que, “[...] o método recepcional não se submete à tradição dominante, uma vez que sua base teórica defende a ideia do “relativismo histórico” e cultural”. Quando as autoras abordam a tradição dominante é no sentido que o ensino de literatura era trabalhado na perspectiva tradicional. E, por esta razão, o leitor não interagiu com a obra, pois ele era encarado desse modo, como sendo apenas um leitor passivo e que deveria deter os sentidos que o autor e seu texto comunicavam.

Foi, portanto, através da ideia do relativismo histórico que houve mudanças significativas, pois, o leitor começou a ter autonomia, passando, assim, para um leitor ativo, ou seja, contribuindo com sua vivência e conhecimento prévio na interpretação da obra literária.

Importante apresentarmos os teóricos Vodicka e Ingarden, estudados por Bordini e Aguiar (1988, p. 82), que trazem suas ideias acerca da obra literária. “Para Vodicka, a obra é um signo estético dirigido ao leitor, o que exige a reconstituição histórica da sensibilidade do público para entender-se como ela se concretiza.”

E logo, as ideias deles “[...] são reformuladas por teóricos posteriores, que entendem o processo de concretização como interação do leitor com o texto.” (BORDINI e AGUIAR, 1988, p. 82). Levando em consideração que “a atitude de interação tem como pré-condição o fato de que o texto e leitor estão mergulhados em horizontes históricos, muitas vezes distintos e defasados, que precisam fundir-se para que a comunicação ocorra.” (BORDINI e AGUIAR, 1988, p. 83). As autoras abordam Regina Zilberman que classifica a convenção constitutiva do horizonte de expectativa. Nesse sentido, ela o classifica da seguinte maneira:

[...] “-social, pois o indivíduo ocupa uma posição na hierarquia da sociedade; “- intelectual, porque ele detém uma visão de mundo compatível, na maior parte das vezes, com seu lugar no espaço social, mas que atinge após completar o ciclo de sua educação formal; “- ideológica, correspondente aos valores circulantes no meio que se imbui e dos quais não consegue fugir; “-linguística, pois emprega um certo padrão expressivo, mais ou menos coincidente com a norma gramatical privilegiada, o que decorre tanto de sua educação, como do espaço social em que transita; “-literário, proveniente das leituras que fez, de suas preferências e da oferta artística que a tradição, a atualidade e os meios de comunicação, incluindo-se aí a própria escola, lhe concedem”. (AGUIAR e BORDINI, 1988, p. 83).

Nessa perspectiva, o professor mediador, na realidade da sala de aula, precisa deixar de lado a teoria tradicional dos gêneros textuais e propor a leitura a partir da experiência do leitor, levando em consideração os horizontes de expectativas dele.

Conclui-se então, segundo Bordini e Aguiar (1988, p. 84), que “[...] a atitude receptiva se inicia com uma aproximação entre texto e leitor, em que toda a historicidade de ambos vem à tona”. Respalhando a teoria das autoras, o leitor precisa ter prazer pela leitura para interagir com o texto, além disso, tanto ampliar quanto romper os horizontes de suas próprias expectativas.

CAPÍTULO 2: DOS “ENCONTROS NA PENÍNSULA”, DE MILTON HATOUM AO REENCONTRO D’“A CAUSA SECRETA” E “MISSA DO GALO”, DE MACHADO DE ASSIS

Nesse capítulo, apresentamos três resumos dos contos intitulados: “Encontros na Península”, de Milton Hatoum, “A causa secreta” e “Missa do galo”, de Machado de Assis. Além disso, discutimos o diálogo presente entre os textos de Machado e o conto de Hatoum. E proporcionamos uma reflexão acerca dos enredos desses contos que foram nosso objeto de estudo.

Em 2008, Hatoum foi convidado para a abertura do simpósio internacional “Caminhos Cruzados: Machado de Assis pela Crítica Mundial”, em São Paulo. E, em homenagem a um dos grandes escritores da literatura brasileira, Machado de Assis, ele leu o texto “Encontros na Península”. Texto esse com temas, como, por exemplo: loucura, sadismo, adultério, dentre outros que também são encontrados no contexto histórico, em que foram escritas as obras machadianas.

2.1 Dos desencontros e decepções em “Encontros na Península”, de Milton Hatoum

“Como Victoria pagava bem. Uma catalã de mão aberta. E que leitura. Durante o verão ela leu com zelo de tradutora doze dos dezoito contos indicados (...)” (HATOUM, 2009, p.104).

Uma catalã que aprecia e analisa os textos machadianos. Desse modo, é adjetivada a protagonista Victoria Soller do conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum. O cenário é construído em Barcelona, na década de 80. Outro personagem importante do conto é o professor particular de Língua Portuguesa, contratado pela viúva Soller. Ele estava à procura de trabalho e foi surpreendido com uma ligação: “[...] então o acaso saiu da sombra e o telefone tocou. Uma mulher havia lido um cartaz no Centro de Estudos Brasileiros: ensina-se português do Brasil. Victoria Soler queria aprender português. ” (HATOUM, 2009, p. 103). Não tinha intenção de dominar o padrão da Língua Portuguesa, seu interesse era com a Literatura, ou seja, ler algumas obras de Machado de Assis.

A curiosidade pelas narrativas do escritor brasileiro surgiu ao namorar o português Soares, leitor compulsivo de Eça de Queirós. Em posse dessa informação, o professor faz a seguinte reflexão: “a pátria me salvou neste verão, pensei. ” (HATOUM, 2009, p. 104). Não

poderia ser qualquer professor de Língua Portuguesa, mas de naturalidade brasileira, para que conhecesse, profundamente, as obras machadianas. Essa informação que a pátria o salvou, Hatoum faz uma alusão ao ensaio “Instinto de Nacionalidade”, de Machado de Assis.

Portanto, na busca de impressionar sua aluna, o professor lhe indicou dois romances e dezoito contos do autor que ela tanto almejava conhecer. Ao ler *Dom Casmurro*, Victoria concluiu que o autor é um homem culto e, impressionada, questionou como surgiria um escritor como Machado no subúrbio do mundo. Acerca dos narradores machadianos, a leitora aponta que “[...] são terríveis, irônicos, geniais.” (HATOUM, 2009, p. 105). Em contraponto, Soares considera que Machado de Assis é inferior a Eça de Queirós. E, possivelmente, Soares não apreciava as obras dele, uma vez que o escritor brasileiro criticou, cruelmente, dois romances do português.

Em Lisboa, Victoria Soller com seus 36 anos, bonita e sonhadora, conheceu Soares. Almoçaram em um restaurante próximo ao hotel em que estava hospedada. Neste almoço, ela narrou sua história de vida, e ele limitou-se à Literatura. Em consonância, esclarece que, “consegui um emprego que me permite ler a maior parte do tempo.” (HATOUM, 2009, p. 107). Esse trabalho restringia-se a cuidar e ler para uma senhora. Posteriormente, apresentada como sua esposa.

Foram vários encontros amorosos. Victoria fez plano, com a intenção de mudar-se para Lisboa com o propósito de viver esse romance intenso. Já apaixonada, narrou que numa “[...] tarde de maio, antes de sair do hotel, ele me beijou e acariciou com tanta volúpia que adiamos a nossa despedida.” (HATOUM, 2009, p. 108). Sendo assim, afirmou que o encontro foi o mais marcante, por isso, o interesse de ficar perto dele por mais tempo, ao ponto de pensar em morar próximo, porém essa ideia fora efêmera, uma vez que descobriu a verdadeira personalidade de Soares. Ficou surpreendida ao segui-lo e desvendar seus mistérios.

Certo dia, à distância ela o observava com ternura e alegria, porém “[...] ele parou e se curvou para um mendigo sentado na calçada. [...] tirou do bolso uma moeda, jogou-a para o alto e, quando o cobre ia cair nas mãos estendidas, Soares agarrou a esmola e deu uma gargalhada.” (HATOUM, 2009, p. 109). A atitude dele a impulsionou a refletir acerca da perversidade e frieza com o sofrimento dos necessitados. Essa cena serviu como um gatilho para que ela repensasse os valores do seu amado que até então pareciam impecáveis.

Consequentemente, Victoria investigou os segredos de Soares. A casa, onde é o paradeiro dele, fica em Alfama. Ela o encontra numa festa de aniversário que se assemelha a um velório, pois se surpreendeu com algumas damas de pretos, inclusive a aniversariante.

Soares, ao vê-la entrar, não demonstra abalo e a cumprimenta. Adiante, apresenta a viúva a sua esposa, afirmando ser sua professora de espanhol. Após, se ajoelhou diante da senhora e a beijou o rosto. “Um beijo demorado, tão demorado que ele teve tempo de me olhar com uma expressão cínica, voraz, de prazer mórbido.” (HATOUM, 2009, p. 110).

Victoria ficou impactada com a atitude dele, principalmente ao perceber que a senhora além de ser idosa é também cadeirante. Aquele olhar louco de Soares a deixa sem ação, várias mulheres falaram com ela, mas, em pânico, não deu atenção, apenas ouviu as palavras proferidas de Augusta: “Ensine meu marido a amar, nem que seja em espanhol.” (HATOUM, 2009, p. 110). Após essa expressão, conclui-se a narrativa com a saída de Victoria da casa de Soares. Em lágrimas, ela o amaldiçoou, e resolveu contratar o professor, como já foi dito anteriormente, para lhe ensinar português do Brasil, especificamente as obras de Machado de Assis, com o objetivo de desvendar os mistérios do amante. Hatoum encerra o conto com as seguintes indagações: “Agora quero encontrar aquele louco nas páginas de Machado. Mas em qual conto ou romance? Tu sabes, professor?” (HATOUM, 2009, p. 110).

2.2 Do mistério e da crueldade n’“A causa secreta”, de Machado de Assis

“A peça era um dramalhão, cosido a facadas, ouriçado de imprecações e remorsos; mas Fortunato ouviu-a com singular interesse”, (ASSIS, 2019, p. 194).

A primeira vez que Garcia encontrou Fortunato foi em 1960, quando ainda estudava o curso de medicina. Porém, o segundo encontro foi o que marcou. O estudante residia na rua de D. Manuel e gostava de ir ao teatro de São Januário, o que era uma distração. Por coincidência, Fortunato, em uma noite qualquer, foi assistir a uma peça teatral e houve o reencontro. Algo chamou a atenção do estudante, pois ele observou que Fortunato fixava seu olhar nas cenas mais cruéis. Ao deparar com essa situação, ficou desconfiado, principalmente porque antes de concluir o enredo, Fortunato foi embora. Por esta razão, Garcia o seguiu. Misteriosamente, ele foi pelo um beco até chegar ao largo da Carioca. “Ia devagar cabisbaixo, parando às vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e ele ia andando.” (ASSIS, 2019, p. 194). A maldade já iniciava com os animais indefesos.

A busca de ter informações foi em vão, pois o estudante retornou ao lar sem compreender os mistérios desse rapaz. Semanas depois, Garcia ouviu um barulho no corredor e ficou atento. Logo presenciou uma cena de um senhor todo ensanguentado que foi socorrido por alguns homens (o ferido era um empregado do Arsenal de Guerra). Preocupado com a situação, afirmou que era preciso chamar um médico, porém Fortunato respondeu que este já estava a caminho. Garcia ficou surpreso quando viu que o homem que acudia o ferido era o da Santa Casa e do teatro. Inicialmente, pressupôs que ele fosse parente do ferido, mas logo percebeu que não. Outro aspecto relevante foi a iniciativa de Fortunato assumir a direção do serviço, além de pedir que os demais se ausentassem, e deixou apenas o estudante de medicina para auxiliar nos procedimentos realizados.

Com o objetivo de livrar-se do episódio, Fortunato narrou em detalhes a possível versão. Disse que “foi uma malta de capoeiras.” (ASSIS, 2019, p. 195). Ao retornar do quartel de Moura, pois tinha ido visitar ao primo, escutou um barulho muito grande. Afirmou que presenciou uma confusão, e percebeu um homem ferido. Por isso, resolveu ajudá-lo. Esse senhor era Gouveia, empregado no Arsenal de Guerra. Garcia perguntou a Fortunato se o conhecia. Ele explicou que nunca o tinha visto. Quando o médico e subdelegado chegaram, interrogaram Fortunato. Ignorando a complexidade dos fatos, afirmou que se chamava “Fortunato Gomes da Silveira, ser capitalista, solteiro, morador em Catumbi.” (ASSIS, 2019, p. 195). Após as informações, se uniu ao estudante para ajudar a fazer o curativo do ferido. Sem se conturbar, segurou a bacia e demais objetos, permanecendo com um olhar frio para o enfermo.

Aliás, ao finalizar o tratamento, Fortunato conversou em particular com o médico e o acompanhou até a saída, além de comunicar ao subdelegado que estava disposto a ajudar nas investigações da polícia. Quando eles saíram, Fortunato e Garcia ficaram no quarto. O estudante olhou para ele, “viu-o sentar-se tranquilamente, estirar as pernas, meter as mãos nas algibeiras das calças e fitar os olhos no ferido. Os olhos eram claros, cor de chumbo, moviam-se devagar e tinham a expressão dura, seca e fria.” (ASSIS, 2019, p. 195). O que nos leva a inquietação é a frieza dele, pois estando ao lado do ferido, Fortunato perguntou a Garcia como ele estava, mas a sensação que o estudante teve foi que ele o desprezava, e estava apenas movido pela curiosidade. Após uma hora, Fortunato foi embora e retornou dias seguintes, porém, ao perceber que Gouveia já estava bem recuperado, partiu sem deixar rastros.

Com a intenção de agradecer a Fortunato por tê-lo ajudado, Gouveia perguntou a Garcia onde ele morava. Dias depois foi ter com ele. “Fortunato recebeu-o constrangido, ouviu

impaciente as palavras de agradecimento, deu-lhe uma resposta enfasiada. ” (ASSIS, 2019, p. 196). E, rindo-se, avisou para ele ter cuidado com os capoeiras. “O pobre diabo saiu de lá mortificado, humilhado, mastigado a custo o desdém, forcejando por esquecê-lo, explicá-lo ou perdoá-lo, para que no coração só ficasse a memória do benefício; mas o esforço era em vão. ” (ASSIS, 2019, p. 196). Garcia, ao saber desse tratamento, ficou assustado com a situação. Queria ter a oportunidade de conversar com Fortunato novamente, porém não tinha recebido um convite formal.

Com o passar do tempo, já formado, e residindo na Rua Mata-Cavalos, próximo a do Conde, Garcia encontrou Fortunato várias vezes e, por essa razão, foi se criando uma aproximação entre eles. Certo dia, Garcia recebeu um convite para visitá-lo em sua residência, afirmando ele estar casado, e jantar com o casal no domingo. Foi um bom jantar, Garcia conheceu Maria Luíza, a esposa de Fortunato. Gostou bastante da companhia dela, porém não viu mudança na figura do esposo. Já a esposa era linda, com apenas vinte e cinco anos, mas parecia ter bem menos.

Em outro encontro em que Garcia foi visitá-los, “[...] percebeu que entre eles havia alguma dissonância de caracteres, pouca ou nenhuma afinidade moral, e da parte da mulher para com o marido uns modos que transcendiam o respeito e confinavam na resignação e no temor. ” (ASSIS, 2019, p. 197). Curioso em saber se Luísa sabia como eles se conheceram, Garcia fez questão de contar como isso aconteceu. Fortunato não gostou muito da ideia e contestou. Porém, Garcia insistiu e afirmou que a jovem ia ouvir uma estória bonita. Então, “contou o caso da rua de D. Manuel. A moça ouviu-o espantada. [...] no fim contou ele próprio a visita que o ferido lhe fez, com todos os pormenores da figura, dos gestos [...]. ” (ASSIS, 2019, p. 197). Garcia o elogiou tanto que disse: “[...] se algum dia fundar uma casa de saúde, irei convidá-lo”. (ASSIS, 2019, p. 198). Ele tinha brincado com a situação, mas a ideia ficou na cabeça de Fortunato, e ele insistiu muito nela. Garcia finalmente aceitou, pois, querendo ou não, era um bom negócio para ambos.

A ideia da fundação da casa da saúde pode ter sido boa para eles, mas não foi importante para Luísa. Em razão de ser muito nervosa, além disso, ficou inquieta só com a notícia. Mas Fortunato não hesitou. E tudo saiu do jeito que ele planejou. “Aberta a casa, foi ele o próprio administrador e chefe de enfermeiros, examinava tudo, ordenava tudo, compras e caldos, drogas e contas. ” (ASSIS, 2019, p. 198). Nessa parceria, o imprescindível estava dando certo. Ele como sempre atencioso com os enfermos. “Fortunato estudava, acompanhava as operações, e nenhum outro curava os cáusticos. A comunhão dos interesses apertou os laços da intimidade.

Garcia tornou-se familiar na casa; ali jantava quase todos os dias [...]. ” (ASSIS, 2019, p. 198). Nessa convivência com Fortunato, Garcia ficou mais próximo de Luísa, observando, assim, sua rotina e percebeu o quanto ela era solitária. “Garcia começou a sentir que alguma coisa o agitava, quando ela aparecia, quando falava, quando trabalhava, calada, ao canto da janela, ou tocava o piano umas músicas tristes. Manso e manso, entrou-lhe o amor no coração. ” (ASSIS, 2019, p. 199).

Maria Luísa cada dia ficava mais atormentada, pois Fortunato resolveu estudar anatomia e fisiologia; assim, em suas horas vagas costumava envenenar cães e gatos. Como não podendo mais incomodar os doentes na casa de saúde, ele resolveu instalar o laboratório em sua residência. Maria Luísa, não suportando mais a situação, resolveu pedir ajuda a Garcia para que ele falasse com Fortunato e afirmasse que aquela situação estava lhe fazendo muito mal. Atendendo ao pedido da amiga, Garcia solicitou que Fortunato encerrasse com aqueles estudos. “Maria Luísa agradeceu ao médico, tanto por ela como pelos animais, que não podia ver padecer. ” (ASSIS, 2019, p. 199). Além disso, ela já se encontrava doente, Garcia já tinha percebido e se preocupava em avisar logo a Fortunato. Dois dias depois, Garcia foi até à casa de Fortunato jantar com eles. Ao chegar, encontra Luísa aflita. Curioso, pergunta o que é. Ela diz que há um rato e sai. Garcia lembrou que ele tinha falado a respeito desse rato, mas não esperava o que viu.

“No momento que Garcia entrou, Fortunato cortava ao rato uma das patas; em seguida desceu o infeliz até a chama, rápido, para não matá-lo, e dispôs-se a fazer o mesmo à terceira, pois já lhe havia cortado a primeira. Garcia estacou horrorizado. ” (ASSIS, 2019, p. 100). E o questionou porque não o matar logo? Fortunato sorriu com satisfação e continuou torturando o rato com os mesmos procedimentos. “O miserável estorcia-se, guinchando, ensanguentado, chamuscado, e não acabava de morrer. ” (ASSIS, 2019, p. 100). Garcia tentou impedir, mas Fortunato, sem nenhuma piedade, sacrificou o animal da pior forma possível.

Após o ato repugnante, Garcia só queria compreender o motivo de tanta maldade. Pois não percebeu “nem raiva, nem ódio; tão somente um vasto prazer, quieto e profundo. ” (ASSIS, 2019, p. 100). ““Castiga sem raiva”, pensou o médico, “pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que só a dor alheia dar: é o segredo deste homem. ”” (ASSIS, 2019, p. 100). Ao voltar ao gabinete, Maria Luísa é chamada de fracalhona por Fortunato. Ele fez questão de dizer ao médico que ela quase desmaiou ao deparar com a cena. Luísa se defendeu afirmando ser muito nervosa. E foram jantar; porém, nesse momento, Luísa cada vez mais demonstrava estar doente. Tossia sem parar. Fortunato a amava, do seu jeito, mas a amava; e, ao descobrir da doença fez

o possível para curá-la, pois não aceitava perdê-la. “Mas foi tudo em vão. A doença era mortal.” (ASSIS, 2019, p. 101).

Antes de sua morte, ele ficou o tempo todo ao seu lado. Garcia, ao vê-lo fatigado, pediu que fosse descansar. E que ele continuava a velar o cadáver. Então, Fortunato fez isso, porém não por muito tempo; e, ao retornar em silêncio para não acordar a parenta que dormia perto, observou que “Garcia tinha-se chegado ao cadáver, levantara o lenço e contemplara por alguns instantes as feições defuntas. Depois, como se a morte espiritualizasse tudo, inclinou-se e beijou-a na testa.” (ASSIS, 2019, p. 101). Nesse exato momento, Fortunato presencia tal cena. Não demonstrou ciúmes, mas como sendo vaidoso não aceitava a situação. “Entretanto, Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver, mas então não pôde mais. O beijo reventou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões, lágrimas de amor calado.” (ASSIS, 2019, p. 101). E Fortunato continuou paralisado, mas saboreando tranquilamente uma explosão de dor moral.

2.3. “Ela, que era apenas simpática, ficou linda, ficou lindíssima”: “Missa do galo”, de Machado de Assis

“O próprio rosto era mediano, nem bonito nem feio, Era o que chamamos uma pessoa simpática. Não dizia mal de ninguém, perdoava tudo. Não sabia odiar; pode ser até que não soubesse amar.” (ASSIS, 2019, p. 312).

O conto “Missa do galo”, de Machado de Assis, tem por enredo a estória dos personagens Nogueira, Conceição, D. Inácia e Meneses. A D. Inácia é a mãe de Conceição. De início, Meneses foi casado com uma das primas de Nogueira, e a segunda esposa é a filha de D. Inácia. No primeiro parágrafo, começa a explanação das idades de Nogueira e Conceição, ele com dezessete, ela com trinta. Neste dia, comemorava-se o Natal. E Nogueira combinou com um vizinho para irem à missa do galo. Esta se iniciava às doze horas da noite. O primeiro espaço apresentado é a casa de Menezes, lugar em que Nogueira ficou hospedado quando veio de Mangaratiba para o Rio de Janeiro. Nogueira “vivia tranquilo, naquela casa assobradada da rua do Senado.” (ASSIS, 2019, p. 312). Ele tinha poucas relações, sua dedicação era aos livros, e fazia alguns passeios. Cotidianamente, a família ia para seus quartos por volta das dez horas

da noite. O jovem nunca tinha ido ao teatro, e ao ouvir Meneses falar que ia com frequência, também lhe despertou interesse.

Todavia, o teatro de Meneses era apenas uma ironia, pois “vestia-se, saía e só tornava na manhã seguinte.” (ASSIS, 2019, p. 312). A verdade é que Meneses tinha uma amante separada do marido. Além de dormir fora de casa uma vez por semana. O adultério para Conceição foi estranhamento apenas no início, pois ela com um tempo acabou se acostumando. No terceiro parágrafo, Conceição é adjetivada como “[...] “a santa”, e fazia jus ao título, tão facilmente suportava os esquecimentos do marido. Em verdade, era um temperamento moderado, sem extremos, nem grandes lágrimas, nem grandes risos.” (ASSIS, 2019, p. 312).

Por voltas dos anos 1862, Nogueira já estava de férias, porém continuou no Rio de Janeiro para presenciar “a missa do galo na Corte”. Entretanto, Meneses preferiu ir ao teatro, naquela noite de Natal. Todos da casa foram dormir cedo, como de costume, menos Nogueira que ficou esperando chegar o horário de ir à missa. Preocupada com o tempo que ele ia esperar para então sair de casa, pois a missa começava às doze horas da noite, D. Inácia perguntou o que ele ia fazer durante esse percurso. “Leio, D. Inácia. Tinha comigo um romance, *Os Três Mosqueteiros* [...].” (ASSIS, 2019, p. 313). Quando estamos lendo, dependendo da leitura, o tempo passa de pressa, e foi exatamente o que aconteceu. “Os minutos voavam, ao contrário do que costumam fazer, quando são de espera; ouvi bater onze horas [...].” (ASSIS, 2019, p. 313). Nessa ocasião, apareceu Conceição. Ela interrogou o porquê de ele ainda não ter ido.

Percebemos que a presença dela foi tão impactante e inesperada. Porém, Nogueira prestou atenção em cada detalhe. “Conceição entrou na sala, arrastando as chinelinhas da alcova. Vestia um roupão branco, mal-apanhado na cintura. Sendo magra, tinha um ar de visão romântica [...].” (ASSIS, 2019, p. 313). Conceição o faz acreditar que acordou por acaso, porém “os olhos não eram de pessoa que acabasse de dormir; parecia não ter ainda pegado no sono.” (ASSIS, 2019, p. 313). Logo, ela inicia um diálogo. Perguntou o que ele estava lendo, já sabendo da resposta, e ficou atenta durante a conversação. Importante destacar o fragmento em que ela “[...] de vez em quando passava a língua pelos beiços, para umedecê-los. Quando acabei de falar, não me disse nada; ficamos assim alguns segundos.” (ASSIS, 2019, p. 313). Esta passagem do texto faz pressentir, nós acreditamos ou não, um enamoramento entre eles. Todavia um clima aconteceu. Pois ele até ficou preocupado dela perder o sono, porém muito entusiasmada pediu para continuarem conversando. Ou seja, o diálogo estava agradável. Além disso, eles já estavam à vontade um com o outro, é nítido quando ele observa os detalhes das

vestes dela. Além da presença de Conceição o despertar mais do que a leitura do romance. Quando ele falava alto, ela solicitava para falar mais baixo, pois estava preocupada em acordar D. Inácia. Isso foi um gatilho para eles se aproximarem mais ainda, visto que “[...] tão perto ficavam as nossas caras. Realmente, não era preciso falar alto para ser ouvido: cochichávamos os dous, eu mais que ela, porque falava mais [...].” (ASSIS, 2019, p. 313).

Outro fragmento que dá a ideia de enamoramento entre Conceição e Nogueira, é quando ele afirma que há impressões confusas desse momento que ficaram juntos. “Uma das que ainda tenho frescas é que, em certa ocasião, ela, que era apenas simpática, ficou linda, ficou lindíssima.” (ASSIS, 2019, p. 316). Melhor dizer, ele só veio perceber tal beleza após ter um diálogo com ela. Aproximando-se da meia noite, Nogueira escuta um grito “Missa do galo”! “Missa do galo”! Foi o vizinho chamando por ele. Nogueira durante a missa não tirou Conceição do pensamento, porém no outro dia, horário do almoço, ele narra como foi a missa, mas não conseguiu despertar o interesse de Conceição. Finaliza-se o conto, com a estória que Conceição ficou viúva, pois “o escrivão tinha morrido de apoplexia. [...] mais tarde que casara com o escrevente juramentado do marido.” (ASSIS, 2019, p. 318).

2.4 Milton Hatoum em diálogo com Machado de Assis: Um convite aos leitores para desvendarem os mistérios de relacionamentos

Nesse tópico, realizamos uma leitura comparativa acerca de alguns fragmentos com o objetivo de apresentar as relações intertextuais presentes no conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum, comparando-o, assim, com “A causa secreta” e “Missa do galo”, de Machado de Assis.

Para a leitura de “Encontros na Península”, abordamos informações acerca da cidade de Barcelona. Uma vez que “a cidade é um símbolo da sociabilidade humana, lugar de encontro e de vida em comum.” (Dalcastagnè, 2012, p. 110). Os encontros aconteciam em Catalunha, a qual tem como capital Barcelona, que fica localizada na Espanha. Lá se falam em duas línguas, o espanhol e o catalão. É importante frisar o catalão, pois Victória Soller é adjetivada como uma catalã, melhor dizer, “Quem pode com uma catalã?” (HATOUM, 2009, p. 109).

A capital situa-se na “costa nordeste da Península Ibérica, de frente para o Mar Mediterrâneo, em uma planície de aproximadamente 5 km.” (PINHEIRO, 2017, p. 207). Não é

regra, porém é importante analisarmos também o título da obra, principalmente porque, na maioria das vezes, ao lermos o título desvendamos algumas ideias relevantes que se aproximam ao enredo e aos personagens. Então, quando lemos o título “Encontros na Península”, surge logo o questionamento: Que é Península? E vamos compreendê-lo dentro do contexto que está relacionado à cidade de Barcelona.

De acordo com Dalcastagnè (2012, p. 110), a cidade também é considerada como “um símbolo da diversidade humana, espaço em que convivem massas de pessoas que não se conhecem, não se reconhecem ou mesmo se hostilizam”. Essa citação é importante para pontuarmos o seguinte: “Soares não me contou mais nada de sua vida. Lia e cuidava de uma dama. Isso era tudo.” (HATOUM, 2009, p. 108).

Então, temos a informação que Victória namorava um homem sem conhecer a história de vida dele, se tinha família, filhos, se era comprometido ou não. Apaixonou-se por um indivíduo que poderia correspondê-la com amor ou indiferença. É possível afirmar que ela estava apaixonada, pois o discurso é bem direto quando ela diz “[...] eu me despedia da Catalunha, sonhando com a vida em Lisboa. Olhava para ele, embebida de desejo e felicidade, que são graças gratuitas. Até cantarolei na minha língua uma canção de amor catalã.” (HATOUM, 2009, p. 109). Expressões que demonstram quando alguém está enamorado por outra pessoa: “sonhando”, “cantar canção de amor”. Nesse ponto de vista, quando estamos apaixonados, tudo fica mais leve, estacionamos no universo da idealização.

E por estar completamente apaixonada por Soares, Victória tinha o desejo de construir algo sólido com ele. Queria ir além dos encontros num quarto de hotel, por isso, sonhava em se mudar para junto do amado. “Pensei em alugar este apartamento e me mudar para Lisboa; poderia ter sido a decisão de uma vida, mas foi uma fantasia de minutos.” (HATOUM, 2009, p. 108). Por que foi apenas uma fantasia? Se ela o amava? Bem, realmente ela desejava e sonhava com um relacionamento recíproco, porém tudo desmoronou quando ela descobriu que Soares não era o homem que ela idealizava. E isso aconteceu quando ela presenciou uma cena repugnante.

Notemos, “[...] ele parou e se curvou para um mendigo sentado na calçada. Meu amante tirou do bolso uma moeda, jogou-a para o alto e, quando o cobre ia cair nas mãos estendidas, Soares agarrou a esmola e deu uma gargalhada.” (HATOUM, 2009, p. 109).

Foi a partir desse momento, nesse ambiente, que ela começou a refletir, que o diálogo começou a surgir, pois “diríamos que o ambiente é a condição sem a qual o diálogo simplesmente não acontece.” (MACHADO *apud* BRAIT, 2016, p. 164). Averiguamos a

situação, primeiro, tudo aconteceu em um espaço social, público, uma rua que praticamente era o abrigo do pedinte. Faminto e sem expectativa de vida, podemos afirmar devido nosso conhecimento prévio, mas sem generalizar. “O mendigo tomou um susto, os braços dele caíram. Soares enfiou a moeda no bolso e apressou o passo, balançando a cabeça; talvez cantasse.” (HATOUM, 2009, p. 109). Quais as características de um ser humano que tem atitude semelhante à de Soares?

Nota-se que essas características estão situadas no conto “A causa secreta”, de Machado de Assis, no personagem Fortunato. Nesses aspectos, verificamos a semelhança de estilo na criação dos personagens entre ambos os contos. “Como se pode ver, a concepção de estilo, no sentido bakhtiniano, pode dar margens a muito mais do que a simples busca de traços que indiquem a expressividade de um indivíduo.” (BRAIT, 2016, p. 98). O que está implícito nas atitudes de Soares corresponde ao discurso de Fortunato, já que ambos têm prazer mórbido em fazer o outro sofrer. O que podemos categorizar como sadismo.

Há uma passagem no conto “A causa secreta”, em que Fortunato foi pelo um beco até chegar ao largo da Carioca. “Ia devagar cabisbaixo, parando às vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e ele ia andando.” (ASSIS, 2019, p. 194). Assim como o mendigo, o cão era morador de rua. Estavam em uma situação precária. Necessitava da ajuda de alguém, no caso do animal, precisava de alimentos e carinho. E o mendigo de ajuda financeira, vestimentas, alimentos e etc... Porém as atitudes dos dois personagens já citados, anteriormente, são para maltratar, tanto o cão quanto o mendigo. Nesse sentido, eles têm prazer de apreciar o sofrimento alheio. Então, tal atitude não está, visivelmente, apenas num indivíduo. Veja que Hatoum traz um personagem que já estava escrito em outra época, em outro contexto, e há um diálogo entre os contos.

Enfatizando o tema da crueldade presente no personagem Fortunato, destacamos a cena em que ele, num estado perverso, corta e queima cada parte do corpo de um rato por este ter dado fim a um papel que era importante. Garcia, ao chegar ao gabinete, presenciou Fortunato sentado à mesa. No local, tinha um liquido flamejante e ele com uma tesoura e o animal preso com um barbante pela cauda. “No momento em que o Garcia entrou, Fortunato cortava ao rato uma das patas; em seguida desceu o infeliz até a chama, rápido para não matá-lo.” (ASSIS, 2019, p. 200). Verificamos nessa cena que a intenção dele não era matá-lo, e sim torturá-lo. Característica de um psicopata, cuja intenção é de torturar algo ou alguém que entra em seu caminho e “atrapalha seus planos”. E isso foi o que aconteceu com o miserável, infelizmente o rato destruiu o papel que era de suma importância para ele.

Levamos em consideração a ironia presente na narrativa de Hatoum, tanto quanto acontece em textos machadianos, pois Victoria Soller consegue ver nos personagens dos romances de Machado de Assis características ainda não reveladas da personalidade do amante, Soares. Por sua vez, ele nutre um desprezo pelos temas eleitos por Machado que, na realidade, são características que lhe compõem a própria personalidade.

Ao identificarmos as semelhanças presentes no conto anterior, nesta leitura enfatizamos a cena em que Garcia e Fortunato estavam assistindo a uma peça teatral. E nos momentos mais cruéis o Fortunato apreciava com mais volúpia. Além de sair do teatro sem a conclusão da peça. Ao retirar-se, Garcia curioso para saber quem era aquele homem misterioso o seguiu. Nessa passagem percebe-se a semelhança que ocorreu com a personagem Victoria Soller que também teve a mesma atitude de seguir Soares.

Por esta razão, contrata o professor para aprender português e descobrir em qual conto ou romance machadiano se encontra Soares. E essa resposta é possível, pois Soares e Fortunato são semelhantes nas atitudes e no caráter. Ambos compactuam da crueldade, e têm comportamentos idênticos. Soares falava que Machado só escrevia sobre adultério e era um homem adúltero, pois, sendo casado se envolveu com Victoria.

Fortunato era um ser frio, não tinha ódio “e com um sorriso único, reflexo de alma satisfeita, alguma coisa que traduzia a delícia íntima das sensações supremas” (ASSIS, 2019, p. 200). Não agiu no ato de matar o rato por ira ou ódio, e sim, por prazer mórbido. Essa característica lembra Soares em “Encontros na Península”, na cena em que ele jogou a moeda para cima ao invés de dá ao mendigo, fez isso não porque odiava ou sentia algum sentimento de ira, e sim como disse o personagem, por prazer mórbido. ““Castiga sem raiva”, pensou o médico, “pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que só a dor alheia pode dar: é o segredo desse homem”” (ASSIS, 2019, p. 201). Concluindo essa parte da nossa leitura, percebemos pelo que analisamos, a partir da leitura dos contos selecionados, algumas considerações acerca do dialogismo proposto por Bakhtin. Pois, ao lermos e compararmos as narrativas, verificamos características marcantes de aspectos intertextuais.

Outro aspecto a ser comparado é o enamoramento entre Victória e o professor, de “Encontros na Península” e Conceição e Nogueira, da “Missa do galo”. No fragmento: “Fingi não olhar para o decote da blusa azul, um decote em V, em cujo vértice brilhava numa flecha bordada. ” (HATOUM, 2009, p. 106). O professor ficou encantado pelo decote de Victoria e Nogueira pelos braços de Conceição, melhor dizendo: “Não estando abotoadas, as mangas,

caíram naturalmente, e eu vi-lhe metade dos braços, muitos claros, e menos magros do que poderiam supor. ” (ASSIS, 2019, p. 315).

Eles estavam tão encantados que reparavam todos os detalhes nelas, o modo de andar, de vestir-se, de falar. Há uma cena no conto “Missa do galo” que o leitor fica inquieto se houve algo a mais ou não entre Nogueira e Conceição. Vejamos: “E não saía daquela posição, que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras. ” Se aconteceu algo entre eles, está implícito.

Vale ressaltar que uma das características de Machado de Assis é deixar algumas informações implícitas no texto. Quem leu “Dom Casmurro”, questiona se Capitu traiu Bentinho com Escobar, pois há uma passagem, no final do romance, que Bentinho afirma que o filho de Capitu não é dele, ou seja, “O quê? – Perguntou ela como se ouvira mal. – Que não é meu filho. Grande foi a estupefação de Capitu, e não menor indignação que lhe sucedeu [...]. ” (ASSIS, 1982, p. 337). Por ser Bentinho o narrador da obra tem apenas a versão dele dos fatos ocorridos.

Voltando ao conto “Encontros na Península”, verificamos o nervosismo do professor quando Victória percebeu o olhar dele para com ela. Em outras palavras, “Meu fingimento foi desastroso, porque ela sorriu ao fisgar meu olhar indiscreto e eu acabei tomando um gole ainda mais prolongado e nervoso. ” (HATOUM, 2009, p. 106). Então, são passagens como estas que o leitor afirma ou não se há enamoramento entre os personagens.

Para ressaltarmos ainda mais o interesse do professor por Victoria, vejamos essas citações: “Ficamos alguns segundos em silêncio. Eu ainda lamentava minha indiscrição, mas esse lamento foi substituído pelo ciúme que senti de Soares. ” Terminaram? Quero dizer, não são mais amantes? Perguntei, ansioso. (HATOUM, 2009, p. 106-107). Portanto, concluímos nossa análise com esse tema enamoramento entre os personagens supracitados, e a informação que se existiu traição ou não, beijos ou não, namoro ou não, fica a critério de cada leitor, pois os textos de Machado de Assis trazem esses mistérios para nós, leitores, desvendarmos. E por fim, chegamos à conclusão que Hatoum também desperta nos leitores interrogações, e segue um estilo de escrita baseado nos textos machadianos, através do diálogo.

CAPÍTULO 3: PLATAFORMA *GOOGLE MEET*: Inesperada, Improvisada e Necessária na Aula de Literatura

É importante destacar que as mídias sociais receberam amplos acessos com o progresso das tecnologias e as diversas plataformas de interação. Com o advento da pandemia do Covid-19, essa realidade ampliou, inclusive nas instituições escolares com a implementação do Ensino Remoto Emergencial, dando seguimento ao processo de ensino-aprendizagem. Neste capítulo, abordamos os procedimentos metodológicos que foram utilizados em nossa vivência pedagógica. O capítulo foi dividido em subtópicos, como, por exemplo: as categorias de leitura que utilizaremos; a parceria que fizemos com o professor Johnne Paulino Barreto e sua turma; o questionário de sondagem; descrição do público alvo da pesquisa; e a sequência básica que aplicamos no período de vivência com a leitura literária, baseada no livro: *Letramento literário: teoria e prática*, de Rildo Cosson (2016).

3.1. Categorizando a pesquisa: revisão e pesquisa bibliográfica, descritiva, qualitativa e pesquisa-ação

A presente pesquisa é desenvolvida a partir de uma revisão bibliográfica, uma vez que “revisão bibliográfica, confundida muitas vezes com a pesquisa bibliográfica, é uma parte muito importante de toda e qualquer pesquisa, pois é a fundamentação teórica, o estado da arte do assunto que está sendo pesquisado.” (GARCIA, 2016, p. 2). Além disso, Garcia (2016, p. 2) afirma que “toda pesquisa, qualquer que seja seu delineamento ou classificação em termos metodológicos, deverá ter a revisão bibliográfica”. Mas concordamos que esta dissertação também tem o suporte teórico de uma pesquisa bibliográfica, pois de acordo com Prodanov (2013, p. 54),

pesquisa bibliográfica: quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa.

Nesse sentido, para a construção de nossa pesquisa utilizamos de livros, dissertações, pesquisamos também, pela internet, artigos publicados, para melhor desenvolver os temas que foram abordados. Além disso, fizemos um capítulo comparando os contos: “Encontros na

Península”, de Milton Hatoum, e “A causa Secreta” e “Missa do galo”, de Machado de Assis. E, para isto tivemos que escolher um tema, formulamos um problema, buscamos outras fontes teóricas, fizemos a leitura do material para produzir a redação do texto. E, de acordo com Prodanov (2013, p. 55) “[...] os demais tipos de pesquisa também envolvem o estudo bibliográfico, pois todas as pesquisas necessitam de um referencial teórico”.

Além disso, o estudo é também descritivo, tendo em vista que na pesquisa descritiva, segundo Prestes (2002, p. 26), “[...] se observam, registram, analisam, classificam e interpretam os fatos, sem que o pesquisador lhes faça qualquer interferência”. Para Moreira e Caleffe (2006), o valor da pesquisa descritiva “[...] baseia-se na premissa de que os problemas podem ser resolvidos e as práticas melhoradas por meio da observação objetiva e minuciosa, da análise e descrição”.

Pensando nessa situação, Moreira e Caleffe (2006, p. 70) ressaltam: “[...] tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos [...] explica a razão, o porquê das coisas.” Vale ressaltar que inclui citação do estudo qualitativo no sentido de que há procura pela interpretação do fenômeno estudado.

O resultado foi muito reflexivo, pois trabalhamos com “[...] a pesquisa-ação participativa, uma vez que houve a participação efetiva da pesquisadora.” (OLIVEIRA, 2007, p. 74). Comumente pesquisa que envolve essa abordagem, além da investigação das práticas de leituras dos leitores literários tem como ponto de partida uma ação intervencionista. Para

Prodanov (2013, p. 66), “[...] nesse tipo de pesquisa, os pesquisadores e os participantes envolvem-se no trabalho de forma cooperativa. [...] os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados”.

Relevante pesquisa acontece, em lugares que há pessoas envolvidas, pode ser em escola, igreja, com grupos teatrais, etc. No caso da nossa vivência com a literatura aconteceu com uma turma do segundo ano B, do ensino médio, na modalidade remota. As obras escolhidas para esse estudo foram: “Encontros na Península”, de Milton Hatoum, “Missa do galo” e “A causa secreta”, de Machado de Assis.

3.2. A parceria que deu certo: professor apto a receber nossa vivência literária no 2º ano do Ensino Médio

Considerando a pandemia do COVID-19 que atingiu vários países, inclusive o Brasil, no primeiro semestre de 2020, é essencial compreender o percurso das transformações e reformulações que sobrevieram. A princípio, o que tínhamos era um projeto para ser apresentado numa classe de uma escola pública na cidade de Campina Grande-PB. Imaginávamos a turma repleta de alunos e sermos recepcionados pela direção e os demais professores. Porém, não foi possível realizar o que almejávamos.

Antes do período epidêmico, até visitamos uma escola estadual no município citado, porque buscávamos um espaço, com uma turma do 2º ano do Ensino Médio, para realizarmos nossa vivência literária. Porém, não obtivemos êxito, uma vez que a professora de Língua Portuguesa afirmou que seguiam o calendário e estavam trabalhando com o ensino integral, por esta justificativa, não podiam aceitar pesquisadores na turma. Compreendemos os argumentos e seguimos nossa jornada em busca de outra escola.

Posteriormente, conseguimos o contato de uma instituição e, praticamente, estava tudo dando certo. Já tínhamos combinado com a professora para apresentarmos nossa proposta. Entretanto, veio à pandemia do covid-19 e o cenário mudou. Nesse período, começamos a procurar estratégias para aplicar nossa pesquisa, pois, infelizmente, os professores e o ministério da educação tiveram que cancelar as aulas presenciais, e começaram a desenvolver o ensino na modalidade remota emergencial.

A partir dos desafios impostos por essa realidade, e com poucas alternativas para solucionarmos as dificuldades que surgiram no momento, até concordamos em alterar a pesquisa para ser somente de revisão bibliográfica. Por outro lado, conversando com o professor Johnne Paulino, ele relatou que estava trabalhando com o ensino remoto emergencial na Escola Cidadã Integral Professora Maria Cecília de Castro, localizada na cidade de Alcantil-PB. Por esta razão, o professor muito solícito, ao saber da nossa procura por uma instituição, ofereceu-nos a turma do 2º ano do Ensino Médio para realizarmos uma ação de leitura literária com base em nosso projeto de pesquisa.

O professor que aceitou nossa vivência em sua turma chama-se Johnne Paulino Barreto, possui graduação em Letras - Língua Portuguesa - pela Universidade Federal de Campina Grande (2014). Especialização em Língua, Linguística e Literatura pela Faculdade Integrada de Patos. Mestre em Formação de Professor, na linha de Linguagens, Culturas e Formação

Docente pela Universidade Estadual da Paraíba. Atualmente, faz parte do corpo docente da ECIT, Escola Cidadã integral Professora Maria Cecília de Castro, em Alcantil-PB. Quando apresentamos a proposta do nosso projeto, ele abraçou a ideia, uma vez que já tinha como objetivo trabalhar com a escola literária do Realismo e os textos machadianos.

3.3. Momento da observação: dois encontros seguidos

Neste tópico fomos bem sucintos. Relatamos em linhas gerais o que aconteceu nos dois primeiros encontros da observação. Partindo dessa perspectiva, observamos duas aulas com carga horária de duas horas. Os encontros aconteceram nas segundas-feiras. A etapa da observação foi muito importante para nossa experiência com aulas remotas emergenciais, inclusive, foi a primeira vez que trabalhamos com essa modalidade de ensino utilizando a plataforma *Google meet*.

O primeiro encontro da observação aconteceu no dia 24 /08/ 2020 e o professor John Paulino disponibilizou o seguinte link: <http://meet.google.com/ikm-ismk-off>. A aula iniciou às 10h10m e finalizou às 11h com o conteúdo: “O Realismo em Portugal e no Brasil: Características gerais, contexto histórico-social e principais escritores”. Este momento serviu para observarmos e refletirmos acerca do comportamento dos alunos, sua participação, dificuldades, principalmente, por ser um ambiente diferente, uma sala de aula virtual que também era novidade para nós. Percebemos que eram poucos os integrantes, apenas três alunas.

Inicialmente o professor explicou a nossa presença, devido à curiosidade dos alunos. Após a apresentação, explanamos a nossa proposta e explicamos o real motivo de estarmos participando da aula. Em seguida, o professor abordou a escola literária: Realismo, ressaltamos que antes, ele lembrou acerca do Romantismo, suas características e principais autores, como, por exemplo, José de Alencar com as obras: “O Guarani” e “Senhora”. As três alunas participaram, assiduamente, porém utilizaram apenas o áudio do celular. Essa questão de não ligarem a câmera nos chamou atenção, inclusive, uma aluna nem sequer ligou o fone, a justificativa foi uma construção que estava acontecendo no momento, e tinha bastante barulho próximo, por esta razão não tinha como ligar o microfone.

Com relação à dinâmica do professor, percebemos que ele é bem criativo, fez apresentação do conteúdo em PDF, selecionou o material adequado ao assunto. Apresentou um resumo e análise da obra “Madame Bovary”, continuando com o Realismo no Brasil e em Portugal com os autores Machado de Assis e Eça de Queiroz. A todo instante instigava as alunas

a contribuírem com suas participações. Fora que dominava com excelência o conteúdo abordado.

O segundo encontro da observação ocorreu no dia 31/08/2020, com o seguinte link: <https://meet.google.com/rsp-dkom-wyc>. A aula iniciou às 10h10. O conteúdo foi o mesmo citado da aula anterior, a que o professor deu continuidade, uma vez que o material utilizado foi bastante extenso, assim como o conteúdo. O corpo integrante dessa aula teve a participação de cinco alunos, sendo três meninas e dois meninos.

Inicialmente, o professor leu o primeiro parágrafo do resumo “Madame Bovary”, em seguida sugeriu uma leitura compartilhada, e cada aluno lia um fragmento do texto. Refletindo acerca da interação dos participantes durante as aulas, apenas um dos alunos interagiu. Importante ressaltar que havia uma aluna que participava bastante, sempre com respostas aos questionamentos do professor. Entretanto, existiam duas alunas que ficavam, somente, na escuta. Compreendemos, portanto, que as discussões e interações com aqueles que contribuía, eram bem produtivas.

Durante nossa participação nas aulas, fomos interrogados por algumas alunas: “É a senhora quem vai dá a próxima aula?” “Já vai trazer para a gente os contos?” “Por quanto tempo você vai permanecer com nós?” Através dessas indagações, percebemos que eles estavam ansiosos para saber o que iríamos fazer nas próximas aulas. Quando o professor encerrou a apresentação do conteúdo, foi o momento exato de falarmos que no próximo encontro, ministrariamos as aulas. Concluindo a observação, começamos a traçar estratégias que pudessemos aproximar os alunos que não tinham tanto interesse, e pouco interagiam.

Além do momento de observação, adquirimos outra solução para conhecermos melhor o perfil da turma. Para isto, aplicamos um questionário de sondagem, no qual colocamos questionamentos para compreendermos os tipos de textos literários que os alunos estavam acostumados a ler. No próximo subtópico, abordamos mais acerca desse meio utilizado em nossa coleta de dados.

3.4. Sequência Expandida de Leitura Segundo Cosson (2016)

Ao concluir as observações das aulas, aplicamos um questionário de sondagem com 12 questões objetivas e subjetivas que abordaram perguntas pessoais e de momentos de leitura que, uma vez recolhidas, contribuiriam para que pudéssemos traçar o perfil dos alunos, bem como o seu dia a dia como leitor. Esse tipo de abordagem é uma ótima estratégia para compreender a realidade dos alunos de forma mais prática, já que o tempo de duração da observação é corrido. Além disso, o questionário proporcionou a oportunidade de obtermos informações a respeito dos leitores, além das que são repassadas pelo professor da turma, através de conversas informais.

Para elaboração da proposta de leitura, nos baseamos no referencial teórico Cosson (2016). Utilizamos o modelo proposto pelo autor, que ele chama de “sequência expandida”, uma vez que, para o trabalho com textos literários, esse autor afirma que essa sequência “[...] vem deixar mais evidente as articulações que propomos entre experiência, saber e educação literários inscritos no horizonte desse letramento na escola.” (COSSON, 2014, p. 76). Para tanto, na nossa sequência, usamos os termos utilizados por esse autor quando ele pensou na sequência expandida, como, por exemplos, motivação, introdução, leitura, contextualização, interpretação e expansão.

As estratégias discutidas pelo autor motivaram o leitor para a realização da leitura das narrativas, pois se sentiram preparados para receber o texto (motivação) e assim, conseguiram atribuir sentidos ao que foi lido (interpretação). Em nossa sequência, discutimos a estratégia da motivação, uma vez que consideramos como uma possibilidade de entrada para leitura literária.

Baseamo-nos também, no método recepcional de Aguiar e Bordini (1988), especificamente, no que se refere à observação da etapa do horizonte de expectativa dos leitores. Para a elaboração de nossa sequência, optamos pela utilização dos seguintes pontos para mediação e verificação da leitura: determinação, ruptura e ampliação do horizonte de expectativa. Segue as etapas do método recepcional conforme apresentadas no capítulo teórico.

CAPÍTULO 4: RUMOS DA PESQUISA NO CONTEXTO PANDÊMICO COVID-19: Desafios do Professor em Aulas Literárias com o Ensino Remoto Emergencial

Há várias modalidades de ensino, que muitas das vezes são confundidas e comparadas. Por outro lado, surgiu o ensino remoto emergencial que foi adotado pelas instituições educacionais brasileiras durante a pandemia. Essa realidade trouxe inúmeras discussões sobre o fazer do mediador, inclusive as metodologias passaram por adaptações e houve várias reflexões a respeito dessas experiências. De acordo com Oliveira (2020, p. 13),

O Ensino remoto emergencial (ERE) não pode ser confundido com a Educação a Distância (EaD). O modelo ERE é adotado em situações emergenciais para apoiar a aprendizagem dos educandos, mas não se configura como uma modalidade educacional com regulamentação própria, como ocorre na EaD.

Diante do exposto, o caráter emergencial faz toda diferença, visto que tínhamos opções de escolher em qual modalidade estudar, mas devido ao contexto epidêmico, “todos” foram, urgentemente, obrigados a adotarem essa modalidade de ensino proposto pela Educação. Segundo Arruda (2020, p. 9),

a educação remota on-line digital se diferencia da Educação a Distância pelo caráter emergencial que propõe usos e apropriações das tecnologias em circunstâncias específicas de atendimento onde outrora existia regularmente a educação presencial.

Importante ressaltar que grandes foram os desafios, principalmente, na educação básica, visto que tínhamos como alternativa a modalidade presencial, e durante a pandemia covid-19 as aulas passaram a ser por plataformas virtuais. Por esta situação, deparamos com as dificuldades dos alunos para estudarem com ensino remoto emergencial. Principalmente, porque nem todos tinham acesso à internet de qualidade, ou ao material adequado, a exemplos de notebook, entre outros. Vale espaldar que “o ensino remoto é uma atividade para os (as) docentes que precisam se apropriar dos fundamentos desse modelo para realizar planejamentos didáticos em sintonia com as demandas dos discentes no PLE.” (OLIVEIRA, 2020, p. 9).

4.1. Análise do questionário de sondagem

O questionário de sondagem foi aplicado na turma do 2º ano do Ensino Médio. Com intuito de descobrirmos se, dentre os alunos, alguns eram leitores assíduos e também se conheciam os autores que abordaríamos nas aulas. Esta estratégia foi de suma importância para a nossa vivência, dado que, através deste questionário acompanhamos o grau de vínculo dos alunos com a leitura literária.

Houve uma quantidade reduzida de alunos, consequência do contexto pandêmico, tendo em vista, que muitos não estavam preparados para as aulas na modalidade remota emergencial. Inclusive, o professor da turma relatou que, nas aulas, a assiduidade era de 4 a 5 alunos.

4.2. “*Eu sempre leio conto, romance, história em quadrinho etc*”: Costa

Nesse momento, apresentamos a transcrição das questões com as repostas. No primeiro questionamento indagamos se o leitor debruça-se por vontade própria, ou se por obrigação. Passamos a refletir quanto à primeira pergunta e sua respectiva resposta: Marina afirmou que lê “*por vontade própria e também com incentivo dos professores*”, e acrescentou: “*eu sempre leio conto, romance, história em quadrinho etc*”. Na fala da aluna identificamos a sua proximidade com a literatura através de gêneros distintos.

Figura 1 - Resposta da aluna: Costa, zona rural de Alcantil-PB.

II. LEITURA LITERÁRIA / Questão 1. Você costuma ler por vontade própria sem que o professor (a) exija? Quais os textos que você costuma ler? **Questão 2.** Na sua casa você tem acesso a livros sem ser os didáticos? (). Sim (). Não. Se a sua resposta foi afirmativa, você recorda o nome de algum desses livros ou os seus autores?

II. LEITURA LITERÁRIA

1. Você costuma ler por vontade própria sem que o professor (a) exija? Quais os textos que você costuma ler?

*por vontade própria e também com incentivo dos professores
eu sempre leio conto, romance, história em quadrinho etc.*

(Fonte: dados da pesquisa)

Figura 2 - Resposta da aluna: Costa, zona rural de Alcantil-PB.

Questão 1. Você costuma ler por vontade própria sem que o professor (a) exija? Quais os textos que você costuma ler? **Questão 2.** Na sua casa você tem acesso a livros sem ser os didáticos? (). Sim (). Não. Se a sua resposta foi afirmativa, você recorda o nome de algum desses livros ou os seus autores?

2. Na sua casa você tem acesso a livros sem ser os didáticos?

Sim () Não

Se a sua resposta foi afirmativa, você recorda o nome de algum desses livros ou os seus autores?

A culpa é das estrelas, A Rainha Vermelha, Santos de calça Jens.

(Fonte: dados da pesquisa)

No segundo questionamento, era para identificarmos se na residência deles possuíam livros literários, além dos didáticos. Ela citou alguns títulos: “*A culpa é das estrelas*”, “*A Rainha vermelha*”, “*Santos de calça Jens*”. Compreendemos por meio dessa resposta que a aluna já vivenciou momentos com os gêneros literários.

A terceira questão era para sabermos a preferência dos gêneros literários, uma vez que ao descobrirmos os textos que estavam no repertório de leitura deles, estrategicamente, poderíamos, também na parte da motivação, levá-los.

Para esta indagação, ela respondeu que tem apreço em ler “*romance*”, tínhamos mais alternativas, como, por exemplos, conto, história em quadrinhos, revistas, poemas, etc. No que concerne a resposta dela ao afirmar que prefere romance, há possibilidade de apreciar um conto, uma novela, um teatro, um cordel, pois os gêneros narrativos têm um encantamento que desperta o prazer ao lê-los.

Figura 3 - Resposta da aluna: Costa, zona rural de Alcantil-PB.

II. LEITURA LITERÁRIA / Questão 4. Dos textos que você leu ao longo de sua vida, algum o (a) marcou? Qual? Fale sobre ele.

Cordel. Outros.

4. Dos textos que você leu ao longo de sua vida, algum o (a) marcou? Qual? Fale sobre ele.

Santos de calça jeans fala muitas coisas que serve muito para os ensinamentos da vida, aprendi muitas coisas

(Fonte: dados da pesquisa)

Figura 4 - Resposta da aluna: Costa, zona rural de Alcantil-PB.

II. LEITURA LITERÁRIA / Questão 3. Qual o tipo de leitura que mais lhe agrada? Revistas. Conto. Romance. História em quadrinhos. Poema. Jornais. Crônica. Teatro. Cordel. Outros.

3 Qual o tipo de leitura que mais lhe agrada?

Revistas. Conto.

Romance. História em quadrinhos.

(Fonte: dados da pesquisa)

A quarta questão, perguntamos se já tinham lido algum texto, e, se essa experiência, de alguma forma, deixou marcas. Em sequência, solicitamos que relatassem acerca da leitura que marcou. A aluna respondeu que leu “*Santos de calça jeans*”. Ao pesquisar, descobrimos que esta obra é do autor Adriano Gonçalves (2015). Ela ainda esclareceu que “*Santos de calça jeans fala muitas coisas que serve muito para os ensinamentos da vida, aprendi muitas coisas*”. Provavelmente pode ser um texto de cunho religioso, pois o título deixa vestígios para essa possível afirmação, além da explicação dela.

A quinta questão, questionamos se os alunos estavam, atualmente, lendo alguma obra literária. Caso a resposta viesse a ser um sim, gostaríamos de saber qual texto e autor. Contudo, ela respondeu que “*não*”. Levando em consideração a essa resposta, ficamos refletindo o porquê dela não está lendo, principalmente porque é uma aluna que aprecia a leitura literária.

Provavelmente é consequência desse período pandêmico que estamos vivenciando, pois afetou bastante a nossa rotina, tanto escolar quanto nas atividades laborais.

Figura 5 - Resposta da aluna: Costa, zona rural de Alcantil-PB.

II. LEITURA LITERÁRIA / Questão 5. Na atualidade você está lendo alguma obra literária? Sim. Não. Se sim, qual texto você está lendo? **Questão 6.** Você costuma ir à biblioteca da sua escola, sala de leitura ou biblioteca pública? a) Quando o professor (a) solicita. b) Indicado por um amigo que está lendo um livro. c) Não costumo ir à biblioteca.

(Fonte: dados da pesquisa)

A sexta questão, era para sabermos se eles costumavam ir à biblioteca da escola, sala de leitura ou biblioteca pública. Não obtivemos resposta dela para esta pergunta, possivelmente esta ausência ao responder, foi devido a não participação das aulas presenciais, uma vez que ela residia na zona rural e a biblioteca localiza-se na zona urbana. Portanto é provável a dificuldade desta aluna ter acesso a leitura fora do seu lar.

O sétimo questionamento, perguntamos se levavam livros para ler em casa. Ela respondeu que levava “*algumas vezes*”. Dito isto, é possível compreendermos que havia, antes desse período pandêmico, a ida desta aluna à biblioteca.

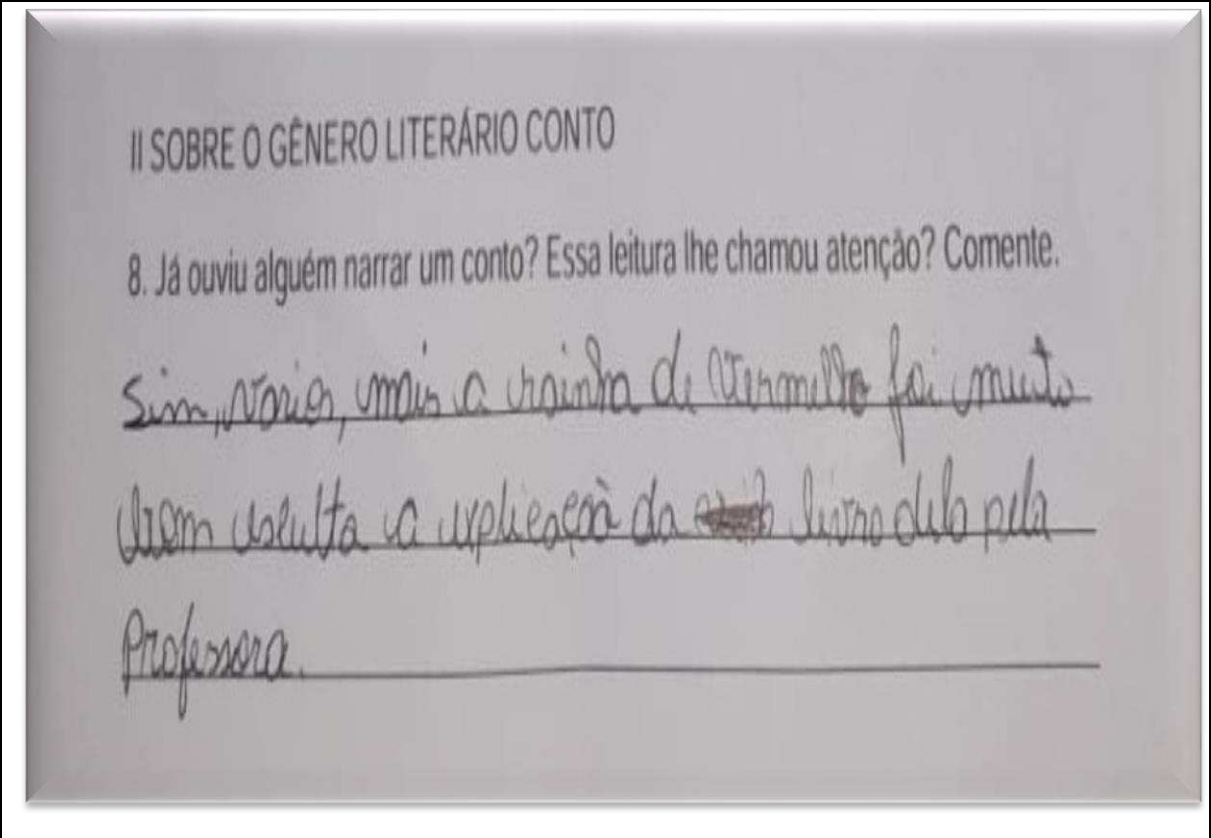
Figura 6 - Resposta da aluna: Costa. Zona rural de Alcantil-PB.

II. LEITURA LITERÁRIA / Questão 7. Você costuma levar livros para ler em casa? Sim. Não. Algumas vezes.

(Fonte: dados da pesquisa)

Figura 7- Resposta da aluna: Costa. Zona rural de Alcantil-PB.

II. LEITURA LITERÁRIA / Questão 8. Já ouviu alguém narrar um conto? Essa leitura lhe chamou atenção? Comente.



(Fonte: dados da pesquisa)

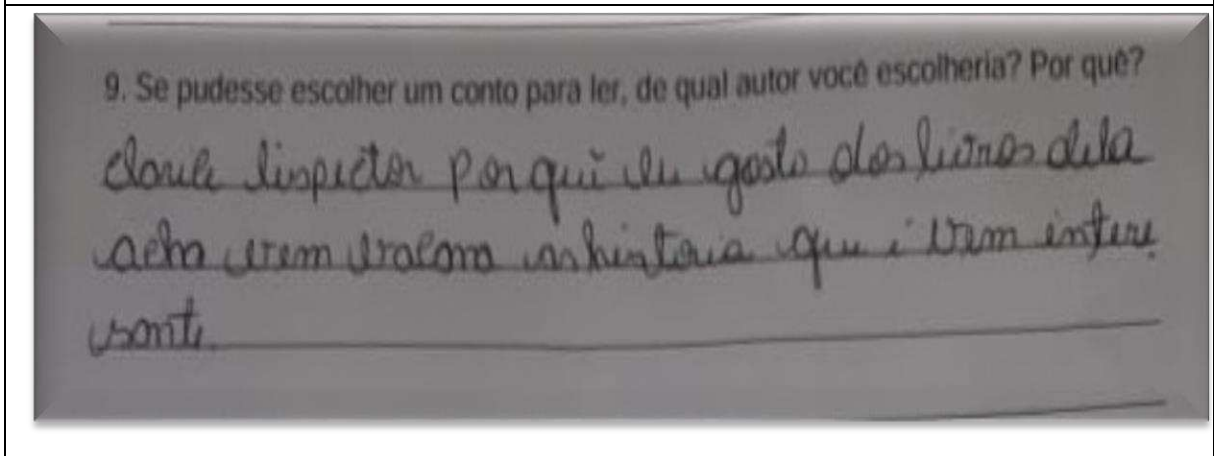
A oitava questão, perguntamos se eles já tinham ouvido alguém narrar um conto, e se essa leitura de alguma forma, tinha lhe chamado atenção. A aluna respondeu que “sim”, e inclusive, várias vezes. Comentou que escutou a professora explicar “*A rainha de vermelho*”. Devido ela não ter colocado o nome do autor da obra, fizemos uma pesquisa básica no *Google* e localizamos “*A rainha vermelha*”, de Victoria Aveyard (2015). Esta obra é o primeiro título de uma série juvenil escrita por Victoria Aveyard. No Brasil, foi lançada pela Editora Companhia das Letras (2015). Em síntese, no universo criado por Victoria Aveyard, o planeta é dividido entre duas dimensões: aqueles que têm sangue prateado e os que possuem sangue vermelho. Os escolhidos com sangue prateado possuem poderes sobrenaturais, além disso, são considerados privilegiados. Enquanto aqueles nascidos com sangue vermelho vivem numa situação humilde, são os plebeus da sociedade que têm como função atender as demandas da elite. A questão nove, perguntamos o seguinte: Se pudesse escolher um conto para ler, de qual autor você escolheria? Por quê? Com relação a essa pergunta, a aluna respondeu que escolheria

“Clarice Lispector”, porque gosta dos livros da autora e acha interessantes as histórias. Clarice Lispector é uma das principais autoras que os professores costumam levar para a sala de aula. Autora de belíssimos textos narrativos, como, por exemplos, o poema “Rifa” e o conto “Amor”.

Figura 8- Resposta da aluna: Costa, zona rural de Alcântil-PB.

II. LEITURA LITERÁRIA / Questão 9. Se pudesse escolher um conto para ler, de qual autor você escolheria?

Por quê?



(Fonte: dados da pesquisa)

A décima questão, focamos a respeito dos autores objetos de estudo da nossa pesquisa. Perguntamos aos alunos o seguinte: Vocês já ouviram falar ou conhecem os contos de Machado de Assis? Se sua resposta foi afirmativa, cite o (s) título (s) que vocês lembram. Quanto a este questionamento, a aluna informou que sim, e citou “Casa Velha”, “Quincas Borba” e “Dom Casmurro”. A alternativa foi para saber se eles já tinham lido alguma obra de Machado de Assis, pois sempre vêm contos machadianos nos livros didáticos do Ensino Médio. Sendo um clássico, consagrado um dos melhores escritores de literatura brasileira, não foi surpresa para nós, ela afirmar que “sim”, além de ser uma aluna que aprecia literatura.

Figura 9- Resposta da aluna: Costa, zona rural de Alcantil-PB.

II. LEITURA LITERÁRIA / Questão 10 Você já ouviu falar ou conhece os contos de Machado de Assis? () Sim. () Não. Se sua resposta foi afirmativa, cite o(s) título(s) que você lembra.

10. Você já ouviu falar ou conhece os contos de Machado de Assis?

Sim. () Não.

Se sua resposta foi afirmativa, cite o(s) título(s) que você lembra...

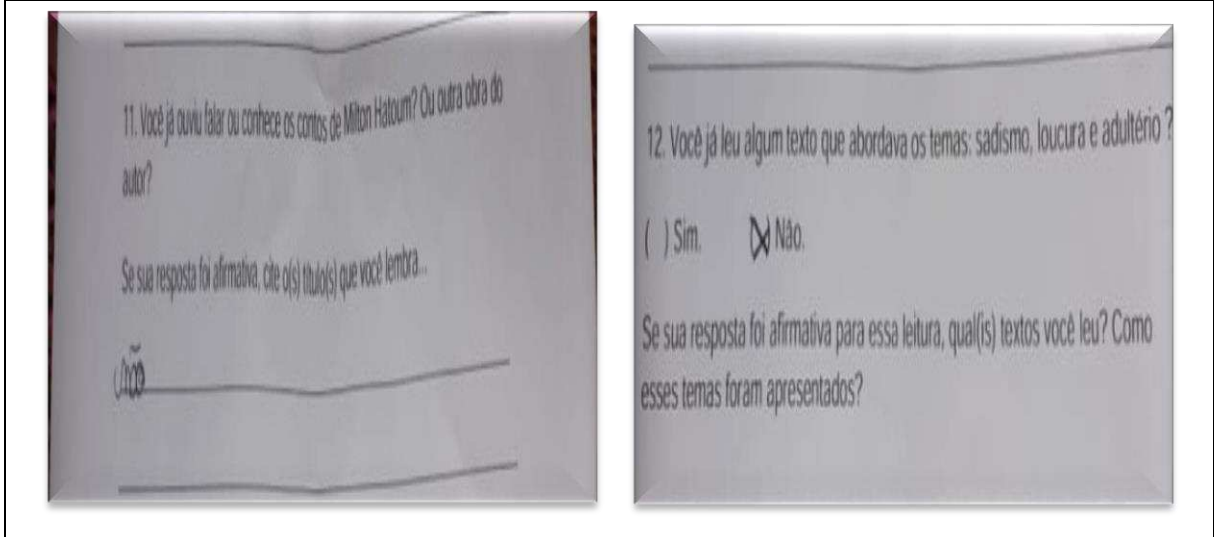
coisa antiga, Quina Uaba, Dom esmummo etc

(Fonte: dados da pesquisa)

A décima primeira questão, questionamos se os alunos já ouviram falar ou conheciam os contos de Milton Hatoum. Ressaltamos que ele é o autor do romance “Dois irmãos”. Caso eles afirmassem que sim, era para citar. Porém a participante respondeu “*não*”. Dito isto, foi algo inédito para ela. E, responsabilidade nossa apresentarmos um autor contemporâneo que têm contos belíssimos escritos, a exemplos de: “*Dois poetas da província*”, “*Bárbara no Inverno*”, “*A ninfa do teatro Amazonas*”, e “*Dançarinos na última noite*”, e assim, sucessivamente.

Figura 9- Resposta da aluna: Costa. Zona rural de Alcantil-PB.

II. LEITURA LITERÁRIA / Questão 11. Você já ouviu falar u conhece os contos de Milton Hatoum? Ou outra obra do autor? Se sua resposta foi afirmativa, cite o (s) título (s) que você lembra...
Questão 12. Você já leu algum texto que abordava os temas: sadismo, loucura e adultério? () Sim. () Não. Se sua resposta foi afirmativa para essa leitura, qual (is) textos você leu? Como esses temas foram apresentados?



(Fonte: dados da pesquisa)

Com a décima segunda questão, concluímos as respostas da aluna participante. Vocês já leram alguns textos que abordavam os temas: sadismo, loucura e adultério? Se sua resposta foi afirmativa para essa leitura, qual (is) textos vocês leram? Como esses temas foram apresentados? Ela respondeu “*não*”. Mas vendo o lado positivo, os contos selecionados abordavam estas temáticas e foi bastante produtivo compartilhá-los com as alunas durante o período de leitura. Na etapa da análise das aulas citamos fragmentos sistematizados acerca desse assunto.

4.3 Sobre Machado de Assis: “*Eu não sei nenhum livro dele, pois eu nunca li só ouvi falar*”: Macêdo

Seguimos o modelo de demonstração do questionário de Marina, e obtivemos as respostas de Maria Cecília, residente da zona rural. Contudo, focamos apenas nas respostas, pois tínhamos as questões nas imagens. Portanto, o primeiro questionamento, Maria Cecília esclareceu que “*no momento não está lendo*”. Será falta de motivação? Ou o contexto que estamos vivendo colaborou por essa falta de interesse pela leitura?

Figura 11- Resposta de Macêdo, zona urbana de Alcantil-PB.

II. LEITURA LITERÁRIA / Questão 1. Você costuma ler por vontade própria sem que o professor (a) exija? Quais os textos que você costuma ler?

II. LEITURA LITERÁRIA

1. Você costuma ler por vontade própria sem que o professor (a) exija? Quais os textos que você costuma ler?

No momento não estou lendo.

(Fonte: dados da pesquisa)

A segunda questão, Macêdo afirmou que “*sim*”, inclusive em sua residência tem um livro de Isabela Freitas, e contos de fadas, como, por exemplos “*Os três porquinhos*”, “*A bela e a fera*”. Contos literários que encantam o público infantil. Para Candido (1995, p. 242) a vivência com a literatura, dá ao homem “a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação”. Por isso, a importância da literatura na vida do ser humano desde pequeno.

Vale ressaltar que estes contos estão presentes na vida de alguns leitores desde a infância, principalmente quando se têm pais que também apreciam a literatura, as crianças são presenteadas com esses textos literários.

Figura 12- Resposta de Macêdo, zona urbana de Alcantil-PB.

II. LEITURA LITERÁRIA / Questão 2. Na sua casa você tem acesso a livros sem ser os didáticos?
 Sim Não. Se a sua resposta foi afirmativa, você recorda o nome de algum desses livros ou os seus autores?

2. Na sua casa você tem acesso a livros sem ser os didáticos?

Sim Não

Se a sua resposta foi afirmativa, você recorda o nome de algum desses livros ou os seus autores?

Tenho um livro ele Isabela Freitas, e de contos de fada como: Os três porquinhos, a bela e a fera, e tenho vários contos assim.

(Fonte: dados da pesquisa)

Para a terceira questão, a aluna respondeu que se agrada em ler o gênero “*conto*”. Muito importante seu interesse, além disso, foi o gênero que fizemos a ação de leitura, e, como sendo a preferência dela, as observações e os argumentos que ela pontuou foram de suma importância para as discussões levantadas durante o período das aulas.

Figura 13- Resposta de Macêdo, zona urbana de Alcantil-PB.

II. LEITURA LITERÁRIA / Questão 3. Qual o tipo de leitura que mais lhe agrada?
 Revistas. Conto. Romance. História em quadrinhos. Poema. Jornais. Crônica. Teatro. Cordel. Outros.

3 Qual o tipo de leitura que mais lhe agrada?

Revistas. Conto.

Romance. História em quadrinhos.

(Fonte: dados da pesquisa)

A quarta questão, ela relatou que se interessa pelo conto “*A bela e a fera*”, pois desde criança costumava lê-lo. Ainda comentou que o enredo da obra é sobre “*uma mulher que gosta de ler e foi aprisionada por uma fera que foi amaldiçoada por uma bruxa e no final ficam juntos e ele se torna príncipe*”. Explicou em poucas palavras, porém objetiva.

Figura 14- Resposta de Macêdo, zona urbana de Alcantil-PB.

II. LEITURA LITERÁRIA / Questão 4. Dos textos que você leu ao longo de sua vida, algum o (a) marcou? Qual? Fale sobre ele.

4. Dos textos que você leu ao longo de sua vida, algum o (a) marcou? Qual? Fale sobre ele.

O da bela e a fera, não sei os certos pois desde de criança costumava ler e gostei mais desse conto, ele fala sobre uma mulher que gosta de ler e foi aprisionada por uma fera que foi amaldiçoada por uma bruxa e no final ficam juntos e ele se torna príncipe.

(Fonte: dados da pesquisa)

Em contrapartida, na quinta questão, assim como foi dito na primeira, respondeu que atualmente não está lendo. Como já foi citado anteriormente, esta falta de leitura pode ser vestígios deste período pandêmico o qual estamos inseridos.

Figura 15- Resposta de Macêdo, zona urbana de Alcantil-PB.

II. LEITURA LITERÁRIA / Questão 5. Na atualidade você está lendo alguma obra literária? () Sim. () Não. Se sim, qual texto você está lendo? **Questão 6** Você costuma ir à biblioteca da sua escola, sala de leitura ou biblioteca pública? a) Quando o professor (a) solicita. b) Indicado por um amigo que está lendo um livro. c) Não costumo ir à biblioteca

fera que foi amaldiçoada por uma bruxa e no final ficam juntos e ele se torna príncipe.

5. Na atualidade você está lendo alguma obra literária?

() Sim. Não.

6. Você costuma ir à biblioteca da sua escola, sala de leitura ou biblioteca pública?

a) Quando o professor (a) solicita.

Indicado por um amigo que está lendo um livro.

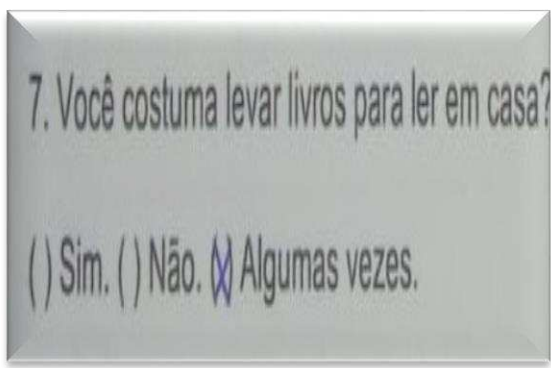
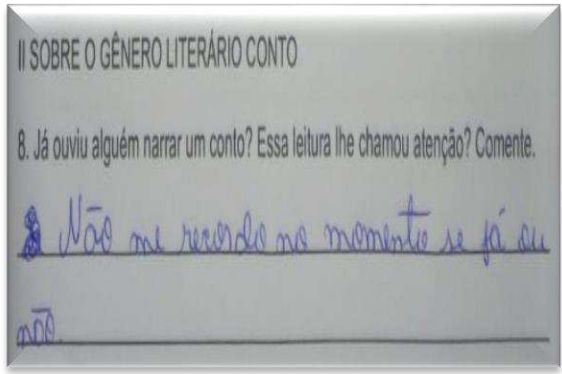
c) Não costumo ir à biblioteca.

(Fonte: dados da pesquisa)

A sexta questão, a aluna afirmou que costuma ir à biblioteca quando um “*amigo indica um livro que está lendo*”. Isso pode acontecer porque desperta curiosidade. Por esta e demais razões têm interesse também em ir.

Para a sétima questão, ela relatou que “*algumas vezes*” costuma levar livros para ler em sua residência. Atitude relevante da parte dela, pois a leitura em seu lar pode ser bem mais prazerosa. Além de ser muito importante para seu desenvolvimento como leitora.

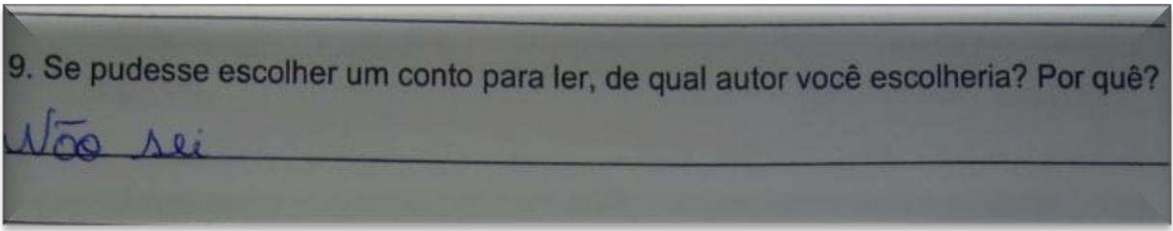
Figura 16- Resposta de Macêdo, zona urbana de Alcantil-PB.

II. LEITURA LITERÁRIA / Questão 7. Você costuma levar livros para ler em casa? <input type="radio"/> Sim. <input type="radio"/> Não. <input checked="" type="radio"/> Algumas vezes. Questão 8. Já ouviu alguém narrar um conto? Essa leitura lhe chamou atenção? Comente.	
	

(Fonte: dados da pesquisa)

Com relação à oitava questão, ela afirmou que “*não me recordo no momento se já ou não*”. Então, há hipótese de ter ouvido alguém narrar um conto, só não lembra. A nona pergunta, informou com um “*não sei*”, em outras palavras, se ela tivesse que escolher um conto para fazer uma leitura, qual autor seria a sua preferência. Diante disso, ela respondeu que não sabe.

Figura 17- Resposta de Macêdo, zona urbana de Alcantil-PB.

II SOBRE O GÊNERO LITERÁRIO CONTO/ Questão 9. Se pudesse escolher um conto para ler, de qual autor você escolheria? Por quê?


(Fonte: dados da pesquisa)

Figura 18- Resposta de Macêdo, zona urbana de Alcantil-PB.

Questão 10. Você já ouviu falar ou conhece os contos de Machado de Assis? Sim. Não.
Se sua resposta foi afirmativa, cite o(s) título(s) que você lembra...

10. Você já ouviu falar ou conhece os contos de Machado de Assis?

Sim. Não.

Se sua resposta foi afirmativa, cite o(s) título(s) que você lembra...

Eu não sei nem mesmo livro dele pois eu nunca li só ouvir falar

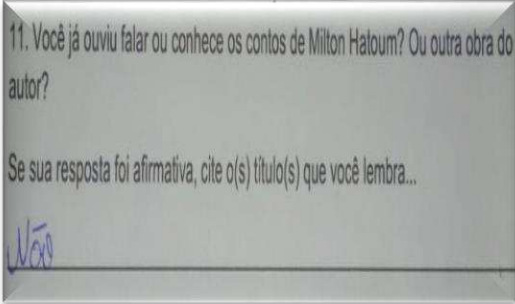
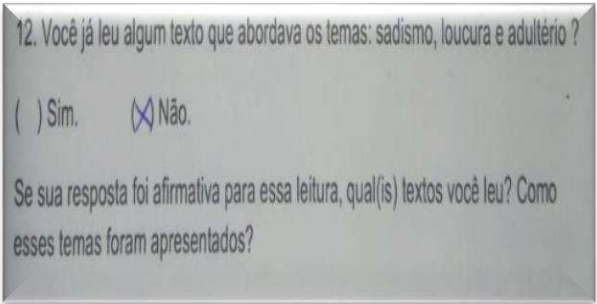
(Fonte: dados da pesquisa)

Para a décima questão, a aluna constatou que “*já ouviu falar de Machado de Assis, porém nunca leu obras do autor*”. Importante ressaltar que olhamos essa resposta com um olhar positivo, pois não conhecendo o autor e suas obras, ao ler pela primeira vez obteve a chance de explorar seu horizonte de expectativa, principalmente porque “La obra literária existe en el circuito vivo que se establece entre el lector y el texto: el lector infunde significados intelectuales y emocionales a la configuración de símbolos verbales, y esos símbolos canalizan sus pensamientos y sentimientos.” (ROSENBLATT, 2002, p. 51). E, foi exatamente o que aconteceu, o contato com o texto pela primeira vez, fez com que a leitora se sensibilizasse com a história emotiva da personagem, Victoria Soller.

De acordo com Regina Zilberman (1998, p. 83), as “[...] ordens de convenção constitutivas do horizonte de expectativa através do qual autor/leitor concebem e interpretam a obra” podem ser através das leituras que ele tenha feito anteriormente, também pelos meios comunicativos da atualidade.

A décima primeira questão, a aluna relatou que não conhecia os contos de Milton Hatoum, provavelmente, nunca ouviu falar no autor também. A partir desse questionamento, tivemos a oportunidade de apresentá-lo e seguindo o mesmo raciocínio do comentário anterior, ela cultivou seu horizonte de expectativa.

Figura 19- Resposta de Macêdo, zona urbana de Alcantil-PB.

<p>Questão 11. Você já ouviu falar ou conhece os contos de Milton Hatoum? Ou outra obra do autor? Se sua resposta foi afirmativa, cite o (s) título (s) que você lembra. Questão 12. Você já leu algum texto que abordava os temas: sadismo, loucura e adultério? <input type="radio"/> Sim. <input type="radio"/> Não. Se sua resposta foi afirmativa. Como esses temas foram apresentados</p>	
 <p>11. Você já ouviu falar ou conhece os contos de Milton Hatoum? Ou outra obra do autor? Se sua resposta foi afirmativa, cite o(s) título(s) que você lembra...</p> <p>Não</p>	 <p>12. Você já leu algum texto que abordava os temas: sadismo, loucura e adultério? <input type="radio"/> Sim. <input checked="" type="radio"/> Não. Se sua resposta foi afirmativa para essa leitura, qual(is) textos você leu? Como esses temas foram apresentados?</p>

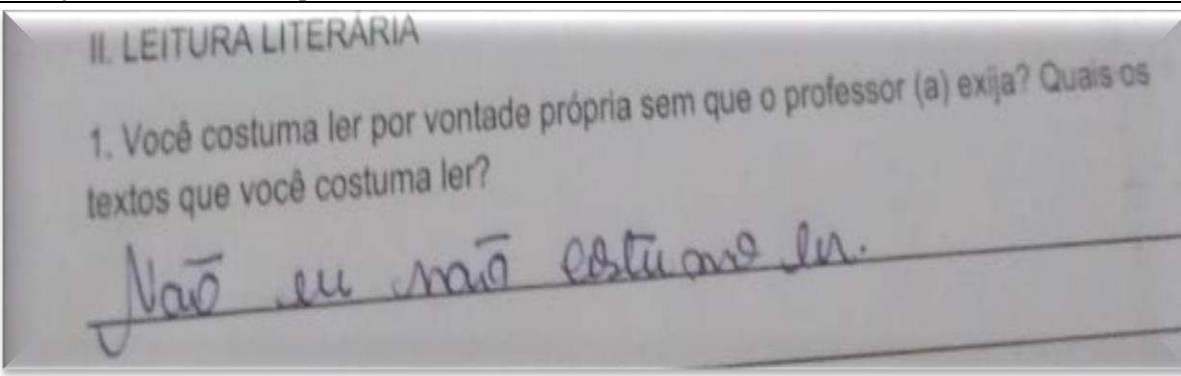
(Fonte: dados da pesquisa)

Concluindo, especificamente nossas perguntas, chegamos à décima segunda questão a qual ela explicou que não leu nenhum texto que aborde os temas: sadismo, loucura e adultério. Pode até ter lido, pois são temas que são explorados em vários textos, porém ao escrever a resposta no questionário deve ter esquecido.

4.4 “*Sim, chamou foi interessante à forma que ele leu*”: Lima

Continuando à nossa transcrição de respostas do questionário de sondagem, apresentamos a participante, Lima. Dentre as alunas, ela deixou bem claro que não costumava ler.

Figura 20- Resposta da aluna: Lima, zona rural de Alcantil-PB.

<p>II. LEITURA LITERÁRIA/ Questão 1. Você costuma ler por vontade própria sem que o professor (a) exija? Quais os textos que você costuma ler?</p>
 <p>II. LEITURA LITERÁRIA 1. Você costuma ler por vontade própria sem que o professor (a) exija? Quais os textos que você costuma ler?</p> <p>Não eu não costumo ler.</p>

(Fonte: dados da pesquisa)

Figura 21- Resposta da aluna: Lima, zona rural de Alcantil-PB.

Questão 2. Na sua casa você tem acesso a livros sem ser os didáticos? Sim Não
Se a sua resposta foi afirmativa, você recorda o nome de algum desses livros ou os seus autores?

2. Na sua casa você tem acesso a livros sem ser os didáticos?
 Sim Não
Se a sua resposta foi afirmativa, você recorda o nome de algum desses livros ou os seus autores?
Não.

(Fonte: dados da pesquisa)

Diante da resposta anterior, para a segunda pergunta, a aluna informou que em sua residência “*não tem acesso a livros*”, além dos didáticos. Partindo para a terceira questão, ela constatou que tem preferência em ler histórias em quadrinhos. Já na quarta indagação, explicou que não se lembrava de texto que lhe chamou à atenção ou que marcou a sua vida como leitora.

Figura 22- Resposta da aluna: Lima, zona rural de Alcantil-PB.

II. LEITURA LITERÁRIA/ Questão 4. Dos textos que você leu ao longo de sua vida, algum o (a) marcou? Qual? Fale sobre ele. **Questão 2.** Na atualidade você está lendo alguma obra literária? Sim. Não. Se sim, qual texto você está lendo?

4. Dos textos que você leu ao longo de sua vida, algum o (a) marcou? Qual? Fale sobre ele.
Não lembro

5. Na atualidade você está lendo alguma obra literária?
 Sim. Não.
Se sim, qual texto você está lendo?

(Fonte: dados da pesquisa)

Constatamos no quinto requisito, se os alunos estavam lendo alguma obra literária na atualidade, a aluna especificou que não. Como podemos observar, as respostas foram negativas. Na sexta indagação, também concluiu que não costuma ir à biblioteca.

Figura 23- Resposta da aluna: Lima, zona rural de Alcantil-PB.

II. LEITURA LITERÁRIA /Questão 6. Você costuma ir à biblioteca da sua escola, sala de leitura ou biblioteca pública? a) Quando o professor (a) solicita b) Indicado por um amigo que está lendo um livro. c) Não costumo ir à biblioteca.

6. Você costuma ir à biblioteca da sua escola, sala de leitura ou biblioteca pública?

a) Quando o professor (a) solicita.

b) Indicado por um amigo que está lendo um livro.

c) Não costumo ir à biblioteca.

7. Você costuma levar livros para ler em casa?

(Fonte: dados da pesquisa)

Figura 24- Resposta da aluna: Lima, zona rural de Alcantil-PB.

Questão 7. Você costuma levar livros para ler em casa? () Sim. () Não. () Algumas vezes.

7. Você costuma levar livros para ler em casa?

() Sim. Não. () Algumas vezes.

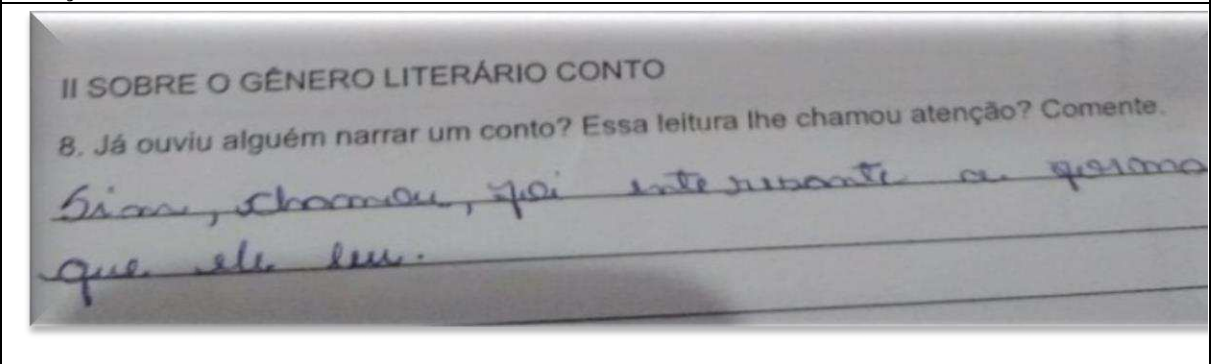
(Fonte: dados da pesquisa)

Dentre a resposta anterior, na sétima questão, ela constatou que não levava livros para ler em casa. Contudo, na oitava questão, a aluna afirmou que já ouviu alguém narrar um conto, e o que chamou atenção foi à forma como esta pessoa leu. Há diversas opções de ler um texto, leitura silenciosa, leitura compartilhada, leitura comentada.

Na leitura comentada, se por acaso é um professor que está com o texto, ele pode indagar aos alunos, para conseguir explorar os horizontes de expectativas. Nesse momento, a “forma” como o texto está sendo apresentado, realmente chama a atenção do leitor ouvinte. Há hipóteses dessa pessoa que leu para esta aluna ser um professor, mas ela não deixou vestígio para comprovarmos essa ideia. Portanto é apenas uma suposição.

Figura 25- Resposta da aluna: Lima, zona rural de Alcantil-PB.

II. LEITURA LITERÁRIA/ Questão 8. Já ouviu alguém narrar um conto? Essa leitura lhe chamou atenção? Comente.

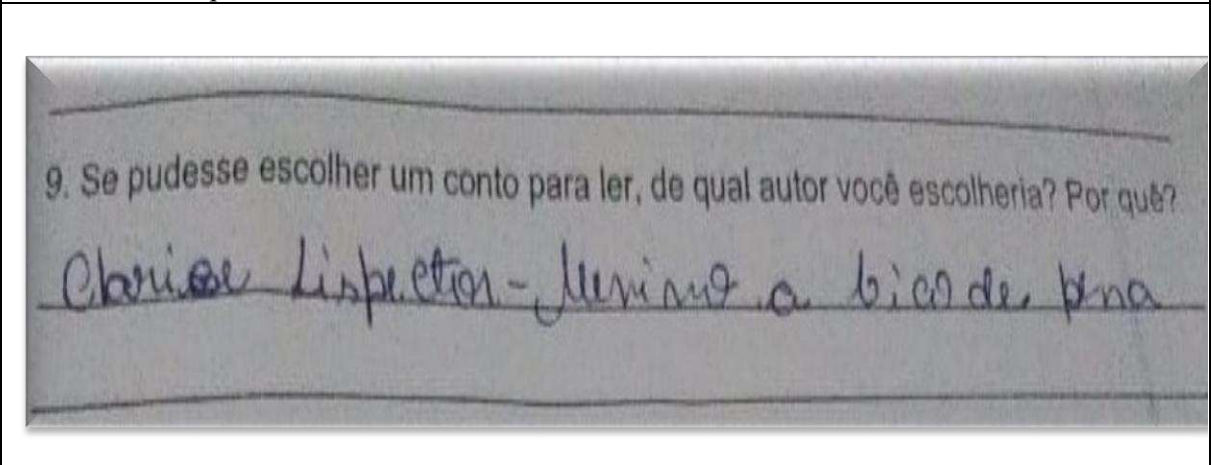


(Fonte: dados da pesquisa)

A nona questão, conseguimos resposta positiva. Pois ela especificou que se tivesse de escolher um conto, dava preferência para “Menino a bico de pena”, de Clarice Lispector. Tudo indica que Macêdo e Lima tenham apreciado os textos de Clarice Lispector na sala de aula, pois estudam juntas, e deram preferência para a autora.

Figura 26- Resposta da aluna: Lima, zona rural de Alcantil-PB.

II. LEITURA LITERÁRIA / Questão 9. Se pudesse escolher um conto para ler, de qual autor você escolheria? Por quê?



(Fonte: dados da pesquisa)

Após a nona questão ser positiva, na décima, ela relatou que não ouviu falar em contos machadianos. Essa afirmação foi muito importante, pois ela teve a oportunidade de conhecer alguns textos de Machado de Assis durante nossos encontros em sala de aula com eles.

Figura 27- Resposta da aluna: Lima, zona rural de Alcantil-PB.

II. LEITURA LITERÁRIA / Questão 10. Você já ouviu falar ou conhece os contos de Machado de Assis? () Sim. () Não. Se sua resposta foi afirmativa, cite o(s) título(s) que você lembra...

10. Você já ouviu falar ou conhece os contos de Machado de Assis?
 () Sim. Não.
 Se sua resposta foi afirmativa, cite o(s) título(s) que você lembra...

(Fonte: dados da pesquisa)

Conseqüentemente, na décima primeira questão, também disse que não ouviu falar em Milton Hatoum, e, muito menos em suas obras. Porém esta informação foi mais um motivo para nós apresentarmos o autor e seus contos, acreditamos no encantamento dos textos literários e o quanto são importantes para a formação de leitores. Essa vivência com a leitura possibilitou os alunos a não só conhecerem os autores Machado de Assis e Milton Hatoum, também terem acesso ao aprendizado que seus textos nos proporcionam.

Figura 28- Resposta da aluna: Lima, zona rural de Alcantil-PB.

II. LEITURA LITERÁRIA / Questão 11. Você já ouviu falar ou conhece os contos de Milton Hatoum? Ou outra obra do autor?

11. Você já ouviu falar ou conhece os contos de Milton Hatoum? Ou outra obra do autor?
 Se sua resposta foi afirmativa, cite o(s) título(s) que você lembra...
 Não

(Fonte: dados da pesquisa)

Finalizamos esse questionário de sondagem com a décima segunda questão, e a aluna explicou que já ouviu falar nos temas: sadismo, adultério e loucura no livro de “Romeu e Julieta”. Estas informações foram muito importantes, principalmente porque como já tinha

ouvido falar dos temas, ficou mais segura ao se posicionar com suas ideias, assim, interagindo e compartilhando seus conhecimentos com os demais alunos.

Figura 29- Resposta da aluna: Lima, zona rural de Alcantil-PB.

II. LEITURA LITERÁRIA/ Questão 1. Você já leu algum texto que abordava os temas: sadismo, loucura e adultério? Sim. Não. **Questão 2** Se sua resposta foi afirmativa para essa leitura, qual(is) textos você leu? Como esses temas foram apresentados?

12. Você já leu algum texto que abordava os temas: sadismo, loucura e adultério ?

Sim. Não.

Se sua resposta foi afirmativa para essa leitura, qual(is) textos você leu? Como esses temas foram apresentados?

O livro de Romeu e Julieta.

(Fonte: dados da pesquisa)

Consideramos relevante que, esse tipo de abordagem com o questionário de sondagem foi uma opção de compreendermos a realidade dos alunos de forma prática, já que o tempo de duração da vivência foi rápido. Especificamente, no nosso caso que as aulas foram na modalidade de ensino remoto emergencial. Como se pode observar, o que tínhamos era apenas a voz quando ligavam o microfone e a escrita no *chat*, não tivemos o contato físico, as expressões, as brincadeiras presenciais, nem um número maior de participantes, entre outros detalhes.

4.5 Vivência literária com a sequência expandida de leitura segundo Cosson (2016)

Para elaboração da proposta de leitura, tivemos como referencial teórico Cosson (2016). Utilizamos o modelo proposto pelo autor, o qual é chamado de “sequência expandida”, uma vez que, para o trabalho com textos literários, esse autor afirma que essa sequência “[...] vem deixar mais evidente as articulações que propomos entre experiência, saber e educação literários inscritos no horizonte do letramento literário na escola.” (COSSON, 2016, p. 76). Para tanto, na nossa sequência, usamos os termos utilizados por esse autor quando ele pensou na sequência expandida: motivação, introdução, leitura, contextualização, interpretação e expansão. As estratégias discutidas, pelo autor, motivaram o leitor para a realização da leitura das narrativas, uma vez que se sentiram preparados para receber o texto (motivação), nesse aspecto, atribuíram sentidos ao que foi lido (interpretação).

Em nossa sequência, desfrutamos da estratégia de motivação, pois a consideramos uma possibilidade de entrada para leitura literária. Propomos também, o método recepcional proposto por Aguiar e Bordini (1988), especificamente, no que se refere à observação do horizonte de expectativa dos leitores. Para a elaboração de nossa sequência, optamos por os seguintes pontos para mediação e verificação da leitura: determinação, ruptura e ampliação do horizonte de expectativa.

Observamos que, ao unir a sequência expandida e o método recepcional, conseguimos complementar na leitura uma discussão mais aprofundada dos textos literários, considerando sempre o nível de leitura dos leitores, bem como seus horizontes de expectativas. A partir delas, os alunos puderam desenvolver suas próprias estratégias de leitura no objetivo de romper seus horizontes.

4.6 Da aula presencial ao ensino remoto emergencial: reinvenções e persistências

Nesse contexto, com a suspensão das atividades letivas presenciais por todo território brasileiro, inclusive em todos os países, nós professores e pesquisadores fomos desafiados por esse período de surto epidêmico, pois a educação não pode parar. Diante deste quadro, apresentamos nossa vivência com a turma na modalidade remota emergencial, e refletimos acerca da realidade da nossa pesquisa.

Constatamos, a partir de nossa experiência em sala de aula presencial que os professores lutam para chamar a atenção dos alunos. Sempre que necessário, falam: “foca aqui na leitura”,

“Rute estou falando com você”, “vira para frente, senta direito e presta atenção! ”, “Marina, leia em voz alta, por favor! ”, “Mateus, já escreveu a tarefa que está no quadro? ” É importante ressaltar que, infelizmente, esse diálogo olhando firme para o aluno não se obtém numa sala de aula virtual. Uma vez que tudo é diferente, inclusive o que, possivelmente, temos é a voz em áudio, isso quando ligam o microfone.

A partir do contexto informado, continuamos com o método recepcional para a aplicação da sequência expandida de Cosson (2016). Tivemos como objetivo fazer uma ação de leituras compartilhadas do conto: “Encontros na Península”, de Milton Hatoum, juntamente com os textos: “Missa do galo” e “A causa secreta”, de Machado de Assis.

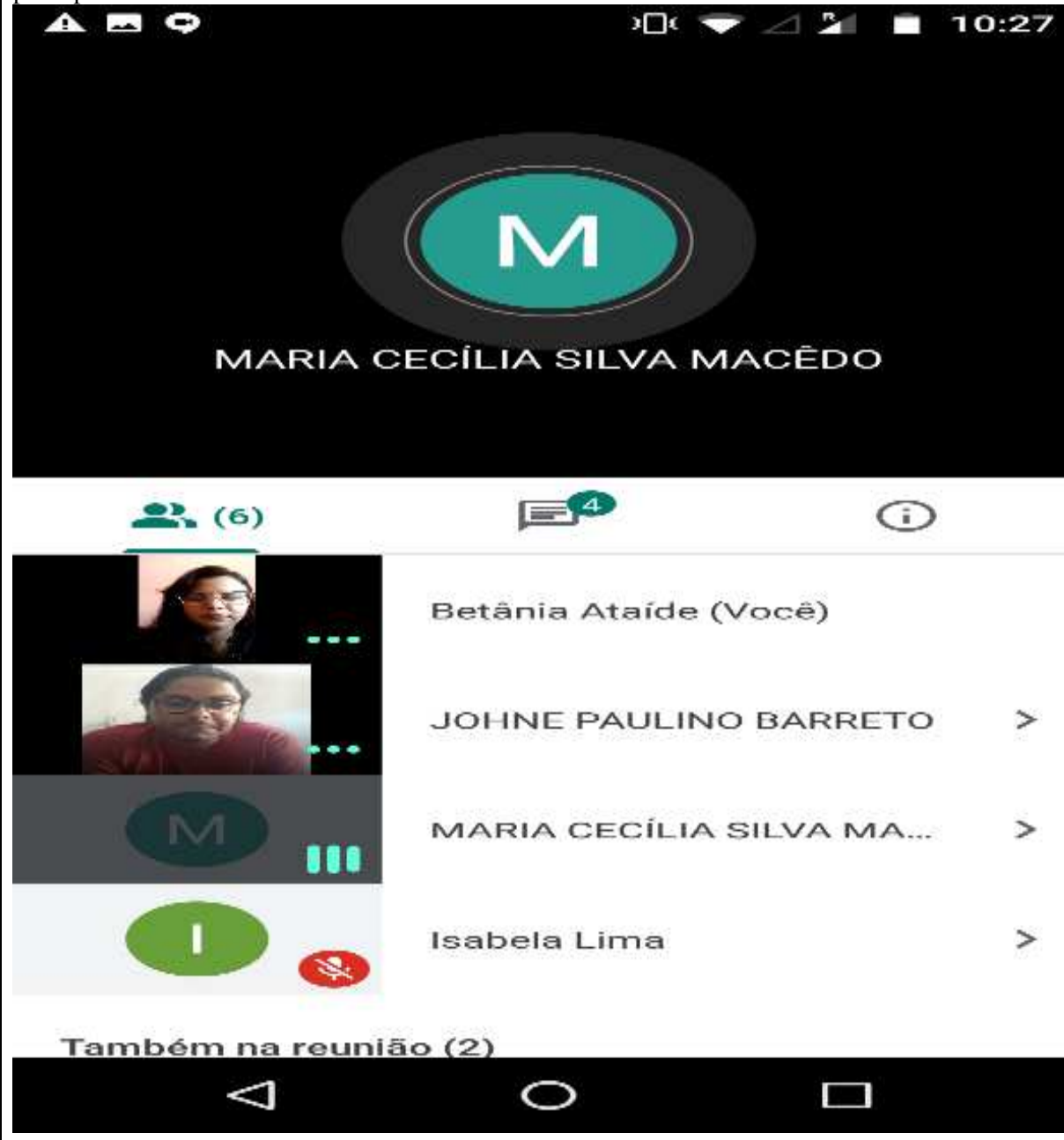
Verificamos que o maior desafio atual da educação, em nosso país, foi adequar-se a este cenário imposto pela pandemia do covid-19. É nítida a complexidade desafiadora quando nos deparamos com apenas duas alunas usufruindo desta modalidade de ensino.

Nesse dia tivemos a presença das alunas Macêdo e Lima. Importante frisar que, ficamos preocupados com a quantidade de participantes, mas o professor nos advertiu acerca da situação em qual a turma se encontrava. Entendemos a realidade e refletimos sobre a qualidade ao invés de quantidade.

Figura 30- Período de observação

Aula remota no dia 24/08/20 através do link: <https://meet.google.com/gfz-mpq-hyb>, às 10h10.
Professor: Johne Paulino Barreto / Profa. Maria Betânia Ataíde

Conteúdo: O Realismo em Portugal e no Brasil: características gerais, contexto histórico-social e principais escritores.



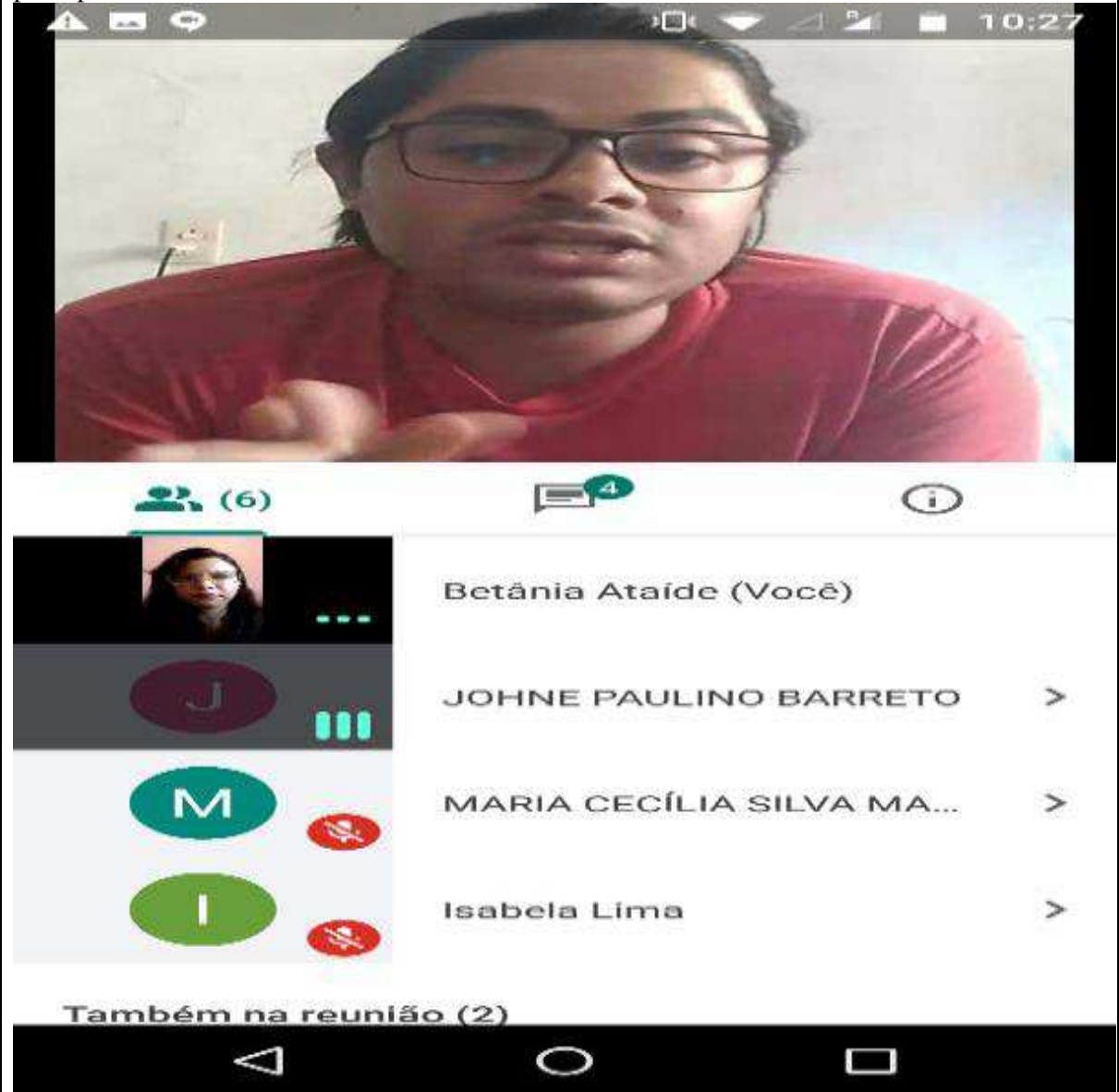
The screenshot shows a Google Meet interface. At the top, there's a status bar with icons for signal, Wi-Fi, battery, and the time 10:27. Below that, a large green 'M' logo is centered on a black background, with the name 'MARIA CECÍLIA SILVA MACÊDO' written below it. Underneath the main screen, there are three icons: a group of people (6), a speech bubble (4), and an information icon (i). Below these icons, there's a list of participants. The first two are video thumbnails of women. The third is a green circle with a white 'M' and a red mute icon. The fourth is a green circle with a white 'I' and a red mute icon. To the right of the thumbnails, the names are listed: 'Betânia Ataíde (Você)', 'JOHNE PAULINO BARRETO', 'MARIA CECÍLIA SILVA MA...', and 'Isabela Lima'. At the bottom, there's a section titled 'Também na reunião (2)'.

(Fonte: dados da pesquisa)

Figura 31- Período de observação

Aula remota no dia 24/08/20 através do link: <https://meet.google.com/gfz-mpq-hyb>, às 10h10.
Professor: Johne Paulino Barreto / Profa. Maria Betânia Ataíde

Conteúdo: O Realismo em Portugal e no Brasil: características gerais, contexto histórico-social e principais escritores.



(Fonte: dados da pesquisa)

No que se refere a essas imagens acima do período da observação registramos outras. Devido à semelhança, pontuamos que estas foram suficientes para a demonstração e descrição do momento prestigiado por nós pesquisadores e colaboradores da pesquisa.

4.7 A celebração da “Missa do galo”, de Machado de Assis em sala de aula

Após as aulas observadas e a sondagem do questionário acerca de indagações relevantes para a nossa vivência, em sala de aula, no ensino remoto emergencial, preparamos as etapas de apresentação. Levando em consideração as respostas dos alunos da nossa pesquisa, e a partir dos questionamentos, fizemos uma leitura compartilhada e comentada em que motivamos todos os alunos para que acompanhassem e se expressassem com naturalidade.

Informamos que nossa vivência literária deu início no dia 21/09/20 às 10h10 com o conteúdo: “Missa do galo”, de Machado de Assis. Conforme já temos conhecimento, o conto quando é abordado nos livros didáticos vêm, muitas das vezes, com a função de servir apenas para atividades de cunho linguístico. Em contrapartida, isso prejudica a relação entre o texto e o leitor, uma vez que o sujeito se torna passivo e lê a obra para adquirir informações, além de deixar de lado toda sensibilidade. Advertimos que não conseguimos imagens desse encontro, pois foi à primeira aula e tivemos dificuldade com as gravações, fora nossa inexperiência com essa modalidade de ensino.

Com relação ao questionário de sondagem, solicitamos que os alunos respondessem em suas residências antes de iniciarmos a nossa ação de leitura literária. Deixamos aqui registrado que elaboramos um *PDF* do conto “Missa do galo”, de Machado de Assis e enviamos ao grupo via *WhatsApp* da turma do 2º ano do Ensino Médio para que eles pudessem ter acesso ao material.

Como já foi dito anteriormente, essa aula foi de motivação, por esta razão, fizemos uma leitura compartilhada do conto e uma breve apresentação da biografia de Machado de Assis. Essa explanação acerca do autor aconteceu por causa de alguns não o conhecerem, como já foi dito em respostas do questionário. Fizemos a leitura com os primeiros parágrafos do texto, em seguida solicitamos que a aluna Maria Cecília continuasse.

Após a leitura de Maria Cecília, houve uma pausa para a discussão e fazermos alguns comentários a respeito do texto. Posteriormente, Isabella continuou com a leitura seguindo o mesmo método. Concluimos a leitura desse conto no horário da aula, com duração de 60 minutos. Encerramos a aula antes do que imaginávamos, pois, o tempo foi breve para a leitura compartilhada e comentada do conto. Entretanto, como o intuito não era adentrarmos aos detalhes, visto que utilizamos este encontro para motivar os alunos, e também para adquirirmos experiência com essa modalidade de ensino remoto emergencial, informamos que o horário foi suficiente para alcançarmos nosso objetivo proposto.

4.8 Motivação e reencontro no diálogo intertextual entre Milton Hatoum e Machado de Assis

Após o momento da aula de motivação tivemos um encontro no dia 28/09/2020. Nesse dia, observamos uma quantidade maior de discentes com a participação de outro aluno. Iniciamos nossa ação de leitura com a discussão do conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum, conforme já apresentado na sequência expandida de Cosson (2016). Para este encontro, elaboramos o material do conto em *PDF* e enviamos ao grupo através do *whatsApp* da turma para que todos tivessem acesso à leitura.

Ao contrário das aulas presenciais que os alunos levam cadernos e os professores têm o quadro para expor a escrita, a online tem um *chat* (espaço para escrever as informações e indagações). No que diz respeito às anotações, foi exatamente o que aconteceu, em nossas pausas durante a leitura para discutir acerca dos temas, personagens, espaço, enredo, aproveitamos para escrever e deixar registrado nesse meio de comunicação. Observamos que nesse momento houve bastante interação e participação de Macêdo, pois era a aluna que mais escrevia no *chat*.

Acreditamos que para existir, na íntegra, a compreensão e interpretação de um texto é necessário lermos mais de uma vez. Ao discutirmos acerca do enredo, Macêdo precisou retornar ao texto para compreender o que estávamos explicando, e ao conferir a passagem que estavam sendo abordada, disse: “[...] estava lendo de novo, porque eu não tinha entendido kkk”. Importante refletirmos acerca do interesse dela em compreender, e isso, foi muito produtivo. Entretanto, Cosson (2016, p. 6) destaca que “[...] quando o texto é extenso, o ideal é que a leitura seja feita fora da sala de aula, seja na casa do aluno ou em ambiente próprio, como a sala de leitura ou biblioteca por determinado período”. Nesse sentido, constatamos que o conto era extenso contendo cerca de quatro laudas frente e verso. Por esta razão, a necessidade de lê-lo duas ou três vezes.

Ao iniciarmos a nossa discussão, questionamos se eles tinham lido o texto em casa e o que tinham compreendido. Macêdo respondeu: “no momento eu entendi que ele estava à procura de um emprego e encontra uma mulher que lhe oferece água”. Justamente o que aconteceu, o professor foi recepcionado por uma moça morena que lhe ofereceu algo para beber enquanto aguardava Victoria. Melhor dizendo: “Fui vê-la no endereço que me deu: um apartamento num palacete modernista, travessa da avenida Diagonal. Uma mocinha morena,

alta e magra abriu a porta: fique à vontade. O que deseja beber? Água, respondi timidamente.” (HATOUM, 2009, p. 103). Os demais alunos, praticamente, não participaram no primeiro momento da aula. Houve até uma cobrança do professor para Gabrielly interagir mais, visto que somente Maria Cecília estava participando, e Mikael, apenas, deu “bom dia” e ficou na escuta.

Figura 32- “Encontros na Península”, de Milton Hatoum.

Aula do dia 28/09/20 pelo link: <https://meet.google.com/hgb-znax-tqo>, conteúdo: leitura e discussão do conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum / Prof. Johne Paulino / Profa. Maria Betânia

Participant	Time	Message
Maria Cecília	13 min	o professor
Maria Cecília	11 min	não se sabe ao certo
Você	10 min	Emylle??? Mais participação.
MIKAEL RENAN DE OLIVEIRA	10 min	Bom dia
Maria Cecília	10 min	
Maria Cecília	20 min	sim eu estava lendo de novo, porque eu não tinha entendido kkk
Maria Cecília	18 min	no momento eu entendi que ele esta a procura de um emprego e encontra uma mulher que lhe oferece agua
EMYLE GABRIELLY MACEDO	17 min	Tô

Merece destaque, também nessa perspectiva, a fala do aluno visto que, após o “bom dia”, demonstrou interesse e começou a participar. Os nossos comentários eram acerca do comportamento do professor (personagem do conto) diante a mocinha morena que trabalhava para Victoria, uma vez que ele, no texto, é adjetivado e considerado como um rapaz tímido. Principalmente na hora que a moça oferece algo para ele beber, “O que deseja beber? Água, respondi timidamente.” (HATOUM, 2009, p. 103). Nessa mesma linha de raciocínio, o aluno esclarece: “*acho que é isso que falaram por causa do respeito*”. Em outras palavras, o professor além da timidez tinha o perfil de ser respeitador (leitura dos alunos).

Consideramos essenciais às observações de Macêdo ao questionarmos: “*ela só queria ler Machado de Assis*”; “*será por causa dos romances?*” Quem leu o conto completo e o primeiro capítulo dessa dissertação já tem a resposta. Ressaltamos que ela tinha interesse de conhecer os contos e romances de Machado de Assis com o objetivo de descobrir “[...] em qual conto ou romances? Tu sabes, professor?” (HATOUM, 2009, p. 110). Estas interrogações eram para saber o porquê Soares tinha tanto desprezo por Machado, pois vivia comparando-o a Eça de Queirós. “Ele não se cansa de afirmar que Eça é muito superior a Machado, que é o maior escritor brasileiro.” (HATOUM, 2009, p. 106).

Além disso, Victoria descobriu que Soares é adúltero, possivelmente um ser mal, cruel e louco, ela afirmou “Agora quero encontrar aquele louco nas páginas de Machado.” (HATOUM, 2009, p. 103). Por esta razão, Macêdo fez bem em perguntar. Abrindo um parêntese, a aula foi muito elogiada pelo professor da turma: “*estou adorando a aula, parabéns*”. Estávamos tão empolgados que esquecemos até o horário, foi preciso ele avisar.

Figura 33- “Encontros na Península”, de Milton Hatoum.

Aula do dia 28/09/20 pelo link: <https://meet.google.com/hgb-znax-tqo>, conteúdo: leitura e discussão do conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum / Prof. Johne Paulino Barreto /Prof.ª Maria Betânia

The screenshot shows a Google Meet chat interface with two columns of messages. At the top, the name 'JOHNE PAULINO BARRETO' is visible on both sides, along with a 'Você' label and a microphone icon. Below the name bars are icons for participants (6), chat, and information. The chat messages are as follows:

Sender	Time	Message
Maria Cecília	10 min	isso ela so queria ler machado de assis
Maria Cecília	8 min	não sei kkk
Maria Cecília	7 min	sera por causa dos romances?
Maria Cecília	7 min	demorada
Maria Cecília	5 min	não
Maria Cecília	5 min	concordo com isabella
MIKAEL RENAN DE OLIVEIRA	5 min	acho que é isso que falaram
MIKAEL RENAN DE OLIVEIRA	5 min	por causa do respeito
Maria Cecilia	4 min	verdade
Maria Cecilia	2 min	sim
Você	1 min	Só lembrando: A aula vai até 11h10. ❤️
Você	1 min	Estou adorando a aula. Parabéns!

Levando em consideração as citações das obras machadianas no conto de Hatoum, observemos a fala de Melissa quando ela diz: “*o autor se apresenta ser tão bom que ele mesmo indica outro autor para o leitor*”. Considerando-se essa discussão, ela elogiou Hatoum, devido ele citar romances e contos de Machado de Assis em seu texto: “[...] fez uma pausa na leitura dos contos e duas semanas depois terminou as *Memórias póstumas de Brás Cuba*. ” (HATOUM, 2009, p. 105).

Em outros termos, verifica-se a intertextualidade presente do conto de Hatoum, no caso da alusão e a citação. Outra informação importante foi quando Macêdo explanou: “*como é engraçado kkk ela tinha obras de machado creio que ela já tinha lido só que não entendeu e por isso queria um professor brasileiro*”. Possivelmente, Victória entendeu sim, porém são aceitáveis as dúvidas, principalmente porque Machado de Assis é de um país o qual não é o dela, e por ter várias obras publicadas, a viúva tinha pressa em desvendar os segredos de Soares, a quem ela dedicou seus dias de amor.

Ótima observação na fala de Lima, ao afirmar que Machado de Assis “*traz conhecimento para a vida toda*”. No que concerne Bordini e Aguiar (1988, p. 10), “O acesso aos mais variados textos, informativos e literários, proporciona, assim, a tessitura de um universo de informações sobre a humanidade e o mundo que gera vínculos entre leitor e os outros homens. ” Ser um leitor ativo não é no sentido de se diferenciar dos demais que não costumam ler ou querer ser melhor, e sim, na busca de entender e fazer parte, intelectualmente, de uma sociedade movida pela tecnologia e modernização, numa sociedade em que existe um sistema de opressores oprimindo os mais carentes de educação, como já disse o grande Paulo Freire.

Portanto, estávamos discutindo a importância da leitura e literatura na vida das pessoas, pois o texto descreve Victoria como uma leitora dedicada, “[...] durante o verão ela leu com zelo de tradutora doze dos dezoito contos indicados; no começo de setembro, fez uma pausa na leitura dos contos e duas semanas depois terminou as *Memórias Póstumas de Brás Cuba*. ” (HATOUM, 2009, p. 104-105). Ao chegarmos nesse fragmento, uma das alunas que não gostava muito de ler, como já foi dito nas respostas do questionário, surpreendeu a todos com a informação acima.

Nesse momento, percebemos como o texto foi bem recepcionado por ela, principalmente quando a aluna começou a interagir e dialogar com os demais alunos participantes. Lamentável que sua participação foi, praticamente, ao concluirmos nosso encontro. E quando fomos alertados que já se aproximava o horário para concluir a aula, ela se expressou com um “*oxe kkk*”, em outras palavras, não acredito que já vai terminar, logo agora que estava gostando da leitura.

Figura 34- “Encontros na Península”, de Milton Hatoum.

Aula do dia 28/09/20 pelo link: <https://meet.google.com/hgb-znax-tqo>, conteúdo: leitura e discussão do conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum / Prof.: Johne Paulino Barreto/ Profa. Maria Betânia



The screenshot shows a Google Meet interface. At the top, there is a video feed of a woman with glasses and dark hair. The status bar at the top of the video shows the time 11:11, 4G signal, and battery level. Below the video, there is a control bar with icons for participants (5), chat, and information. The chat log below the video shows the following messages:

ISABELLA MELISSA DE LIMA 7 min
Traz conhecimento pra vida toda

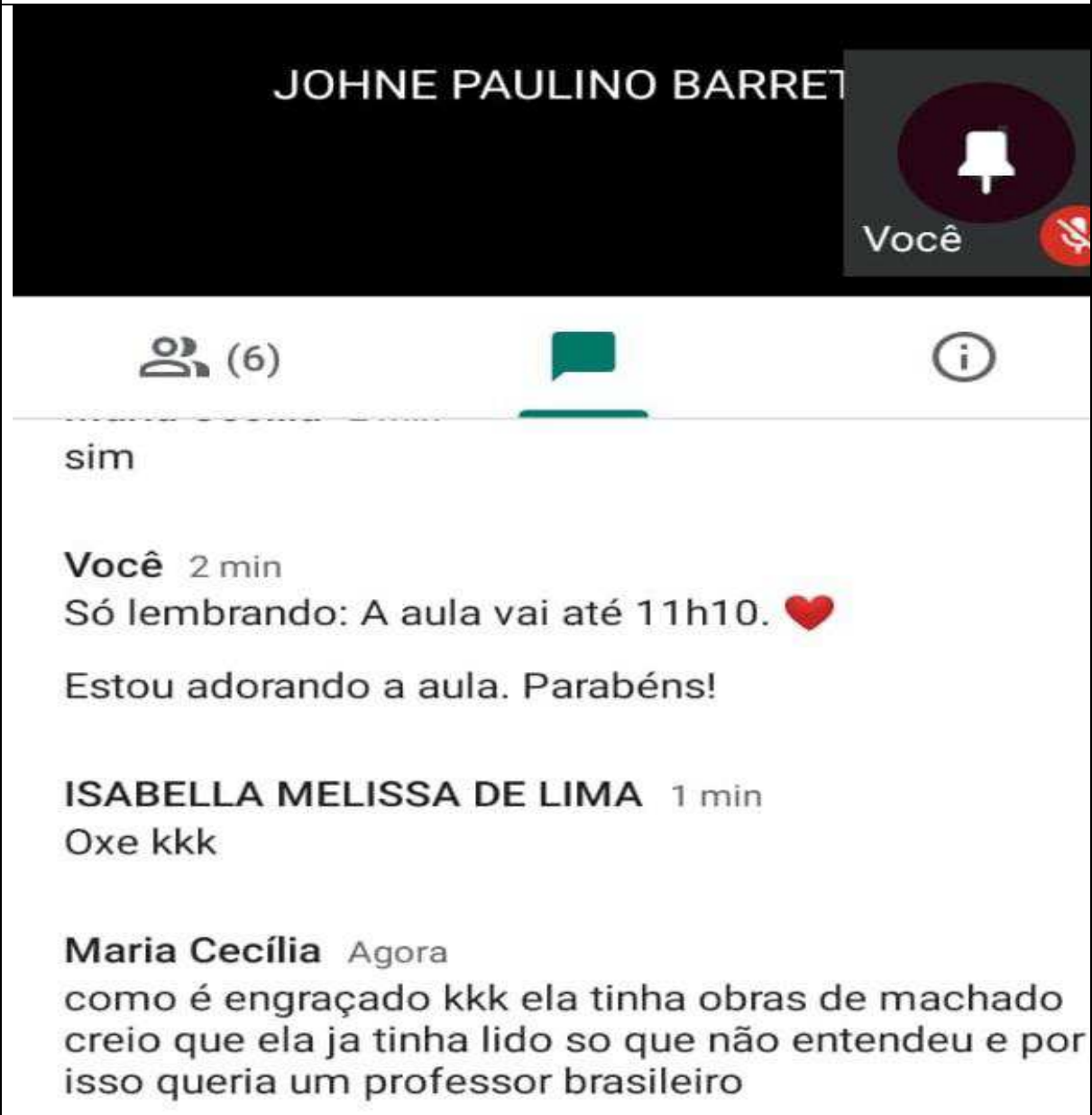
Maria Cecília 3 min
machado de assis

Maria Cecília 1 min
sim
acho também se inspira nele

ISABELLA MELISSA DE LIMA Agora
O autor se apresentar ser tão bom que ele mesmo indica outro autor para o leitor

Figura 35- “Encontros na Península”, de Milton Hatoum.

Aula do dia 28/09/20 pelo link: <https://meet.google.com/hgb-znax-tqo>, conteúdo: leitura e discussão do conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum / Prof. John Paulino Barreto /Prof.ª Maria Betânia.



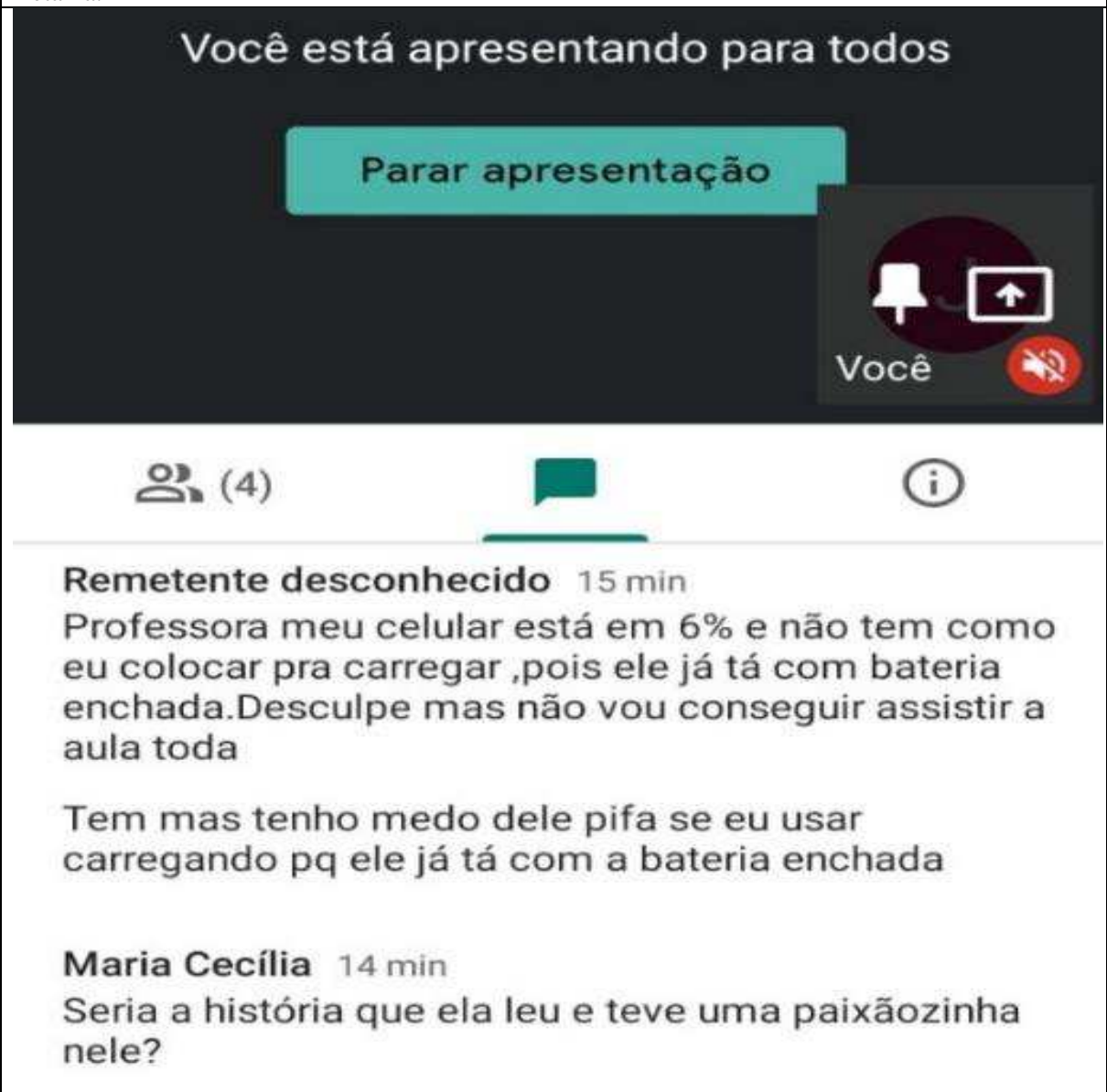
Continuando com a aula anterior, pois o conto foi extenso e não deu para concluir. Além de deixarmos Isabella querendo mais. Para isso, seguimos o ponto de vista de Cosson (2016) e solicitamos que eles continuassem com a leitura em casa, ou em outro ambiente mais apropriado. Seguimos nosso encontro no dia 05/10/2020 com o link: <http://meet.google.com/rmj-fkyr-dvz>, às 10h10, com o conteúdo: Continuação do conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum. Já tínhamos descoberto como fazer apresentação do material desta aula, além de entregarmos o *PDF* via *WhatsApp*, fizemos uma apresentação

do material, portanto, os alunos não podiam reclamar que não tinham acesso ao conto. Assegurando que eles já tinham lido em casa, pois essa foi a sugestão, a leitura em seu lar, pois além de reler o que já tinha sido apresentado tiveram a oportunidade de concluir a leitura na íntegra do texto.

Nesse contexto de aulas remotas emergenciais, deparamos com um desafio de uma participante sendo registrada como “Remetente desconhecido”, verificamos a imagem abaixo. Ela informou que não ia participar da aula por completa, pois o celular estava com a bateria em 6%, e não tinha como carregá-lo, visto que ele se encontrava com a bateria inchada. Ademais seria perigoso ficar com o aparelho ligado na tomada, e usando enquanto dava a carga. Justificativa aceita, caso fosse aula presencial poderia acontecer de a aluna não poder participar pelo simples argumento do ônibus não vir, como, por exemplos os alunos da zona rural, e assim por diante.

Figura 36- “Encontros na Península”, de Milton Hatoum.

Aula do dia 05/10/20 às 10h10 pelo link: <http://meet.google.com/rmj-fkyr-dvz>, conteúdo: Continuação do conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum / Prof. John Paulino/Prof.^a Maria Betânia.



Partindo para outras reflexões, levamos em consideração as *Teses sobre o conto*, de Piglia (2004, p. 89), no livro: “*Formas breves*” (2004), o autor define a primeira tese explicando que o conto narra duas histórias. De acordo com o Piglia (2004, p. 90), “[...] cada uma das duas histórias é contada de modo distinto”. Pontuamos que no conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum há mais de uma história, e Macêdo comentou no *chat*: “*seria a história que ela leu e teve uma paixãozinha nele*”.

Tabela 37- “Encontros na Península”, de Milton Hatoum.

Aula do dia 05/10/20 às 10h10 pelo link: <http://meet.google.com/rmj-fkyr-dvz>, conteúdo: Continuação do conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum / Prof. Johne Paulino/Prof.^a Maria Betânia.



Essa paixãozinha que ela citou foi para dizer que Victoria se apaixonou pelo professor, assim como também, foi recíproco os sentimentos dele. Nessa passagem, verificamos que Hatoum também dialoga com Machado, pois o enamoramento entre o professor e Victoria fica implícito, cabe a cada leitor fazer a interpretação. Esse fragmento é semelhante ao do conto “Missa do galo”, em que o Sr. Nogueira e Conceição também vivem algo parecido.

Examinemos uma passagem em que há vestígios de namoro entre a viúva e o professor quando ele diz: “Desviei meu olhar e observei num relance os ombros quase nus, mais claros que o açafraão. ” (HATOUM, 2009, p. 106). Qual o objetivo de um professor olhar para os ombros nus de uma aluna se ele não tiver algum interesse?

Segundo essas declarações, podemos, sim, afirmar que ele tem interesse em Victoria. Para concluir nossas observações acerca da paixão dele para com ela, temos o momento que ele pergunta ansioso: “Terminaram? Quero dizer, não são mais amantes?, perguntei ansioso.” (HATOUM, 2009, p. 107).

Figura 38- “Encontros na Península”, de Milton Hatoum.

Aula do dia 05/10/20 às 10h10 pelo link: <http://meet.google.com/rmj-fkyr-dvz>, conteúdo: Continuação do conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum / Prof. John Paulino/Prof.ª Maria Betânia



Por esta razão, os alunos definiram que o professor ficou *alegre e feliz* ao saber que Victória não estava mais namorando Soares, uma vez que antes, ele tinha ficado constrangido como afirmou Macêdo. Concluimos essa aula, com a sensação de dever cumprido, ao ler o comentário de Renan ao dizer: “*Eu gostei foi um conto muito bom*”. Para quem está iniciando seus primeiros contatos com os textos narrativos e faz essa expressão, gera uma reflexão. Interessa-nos saber da vivência do leitor com o texto, se houve prazer em lê-lo, ou se leu apenas

para satisfazer o mediador. Foi muito importante à fala dele para acreditarmos que podemos, sim, trabalhar com o gênero conto em sala de aula. E é preciso perceber as satisfações dos leitores.

Figura39- “Encontros na Península”, de Milton Hatoum.

Aula do dia 05/10/20 às 10h10 pelo link: <http://meet.google.com/rmj-fkyr-dvz>, conteúdo: Continuação do conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum / Prof. Johne Paulino/Prof.ª Maria Betânia.



4.9 Do Encantamento literário através dos contos de Machado de Assis e Milton Hatoum

Após a análise das aulas anteriores, descrevemos nesse tópico os momentos que trabalhamos com o conto “A causa secreta”, de Machado de Assis. A primeira e segunda aula aconteceu no dia 19/10/2020, através do link: <https://meet.google.com/tqf-ptoms-cus>, com o conteúdo: A leitura do conto “A causa secreta”, de Machado de Assis.

Inicialmente, questionamos as leitoras participantes se o título do conto tinha lhe chamado atenção. De imediato, responderam que não, como consta na figura abaixo. Mas depois, refletiram e perceberam algo, uma vez que, “[...] com a leitura do conto, percebe-se que o título, na verdade, antecipa características da estrutura narrativa a ser desenvolvida. (CINTRA, 1979, p. 109). Nesse ponto de vista, verificamos a fala de Macêdo quando diz que o título “*mostra mistério kkk já dá curiosidade*”.

Figura 40 - Conto “A causa secreta”, de Machado de Assis.

Aula do dia 19/10/20 às 08h-9h e 10h15-11h15. link: <http://meet.google.com/tqf-ptoms-cus> conteúdo: A leitura do conto “A causa secreta”, de Machado de Assis. / Prof. Johnne Paulino /Prof.^a Maria Betânia.



The image shows a screenshot of a Google Meet chat window. At the top, there are three circular icons: a red one with a white slash and a percentage sign (mute), a white one with a red telephone handset (end call), and a red one with a white slash and a video camera icon (video off). Below these icons, there is a header bar with a person icon and the number (6), a green speech bubble icon, and a circular icon with a question mark. The main chat area contains four messages:

- Maria Cecília** 13 min
Sinceramente, não kkkk
- ISABELLA MELISSA DE LIMA** 12 min
Também não
- Maria Cecília** 7 min
Sim
- Maria Cecília** 1 min
Mostra mistério kkk
Já dá curiosidade

Esta observação dela está relacionada ao que Cintra (1979, p. 109) esclarece: “o título funciona, portanto, como um signo de antecipação”. Dentre as respostas, foi isso que a aluna percebeu ao dizer que o título traz mistério e curiosidade, uma vez que nos deparamos com um personagem, no caso Fortunato, homem misterioso. Há uma passagem no texto que demonstra essa ideia, por exemplo, “A sensação que o estudante recebia era de repulsa ao mesmo tempo que de curiosidade [...].” (ASSIS, 2019, p. 196).

Vale a pena registrar que, “[...] não podia negar que estava assistindo a um ato de rara dedicação, e era desinteressado como parecia, não havia mais que aceitar o coração humano como um poço de mistérios.” (ASSIS, p. 196). Portanto, as características dos personagens Fortunado e Garcia estão presentes no título. Importante frisar que a leitura estava agradando as alunas. Questionamos se elas estavam compreendendo a discussão e Isabella respondeu que “*sim, tô gostando muito*”.

Figura 41 - Conto “A causa secreta”, de Machado de Assis.

Aula do dia 19/10/20 às 08h-9h e 10h15-11h15. link: <http://meet.google.com/tqf-pts-cus> conteúdo: A leitura do conto “A causa secreta”, de Machado de Assis. / Prof. Johnne Paulino /Prof.ª Maria Betânia.



(5)

i

ISABELLA MELISSA DE LIMA 5 min
Sim

Maria Cecília 3 min
Sim, tá ótimo

Da sim pra entender

Jasi Souza 3 min
tou sim

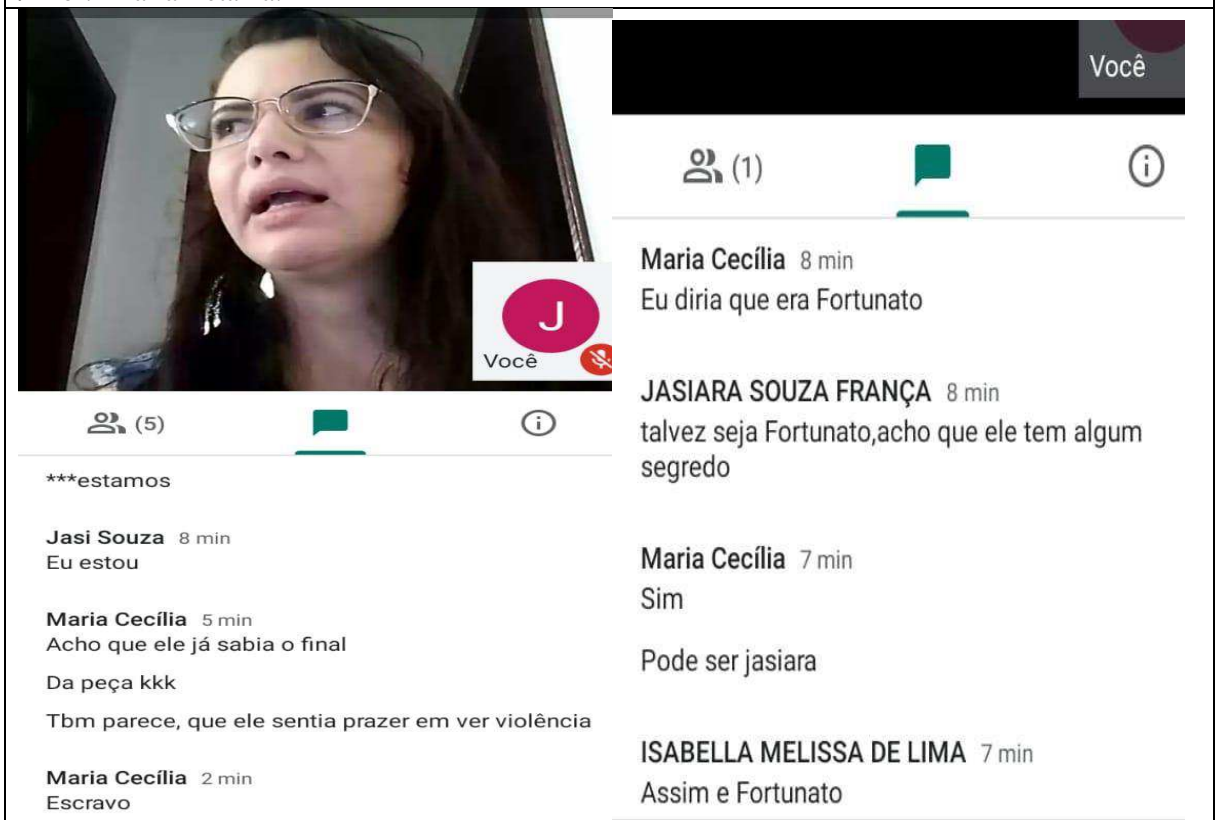
ISABELLA MELISSA DE LIMA 2 min
Sim, tô gostando muito

Sabemos da importância de ler um texto e sentir prazer pela leitura, por isso, questionávamos os alunos, acerca da compreensão do enredo. A aluna comentou: *“Acho que ele já sabia o final da peça kkk tbm parece, que ele sentia prazer em ver violência”*. Nessa passagem estávamos lendo a cena que Garcia e Fortunato estavam no teatro assistindo uma peça teatral, porém, o misterioso se interessava apenas pelas cenas mais sangrentadas e saiu sem concluir o drama. *“A peça era um dramalhão, cozido a facadas, ouriçado de imprecações e remorsos; [...] Nos lances dolorosos, a atenção dele redobrava [...]”* (ASSIS, 2019, p. 194). Fez todo sentido Cecília afirmar que ele gostava de violência.

No que se refere à questão da violência, lembramos de Soares, personagem de *“Encontros na Península”*, de Milton Hatoum. Considerando esse aspecto, perguntamos aos alunos se eles percebiam algumas características semelhantes entre os personagens. Então as alunas responderam que Soares tem as maldades e os segredos de Fortunato. Em outras palavras, eles possuem personalidades idênticas, pois há vestígios deles agirem praticamente com o mesmo temperamento.

Figura 42- Conto *“A causa secreta”*, de Machado de Assis.

Aula do dia 19/10/20 às 08h-9h e 10h15-11h15 pelo link: <http://meet.google.com/tqf-pts-cus>
 conteúdo: A leitura do conto *“A causa secreta”*, de Machado de Assis. / Prof. John Paulino Barreto / Prof.^a Maria Betânia.



The screenshot shows a Google Meet interface. On the left, a video call is in progress with a woman wearing glasses. The chat window on the right displays the following messages:

- Você** (1)
- Maria Cecília** 8 min: Eu diria que era Fortunato
- JASIARA SOUZA FRANÇA** 8 min: talvez seja Fortunato, acho que ele tem algum segredo
- Maria Cecília** 7 min: Sim
- Maria Cecília** 7 min: Pode ser jasiara
- ISABELLA MELISSA DE LIMA** 7 min: Assim e Fortunato
- ***estamos**
- Jasi Souza** 8 min: Eu estou
- Maria Cecília** 5 min: Acho que ele já sabia o final
- Maria Cecília** 5 min: Da peça kkk
- Maria Cecília** 5 min: Tbm parece, que ele sentia prazer em ver violência
- Maria Cecília** 2 min: Escravo

Concluimos a aula anterior, e seguimos com a próxima no mesmo dia, pois uma vez ou outra, o professor oficial da turma sugeria que ficássemos com dois encontros seguidos. Quem ficava satisfeita com aulas assim era Lima, sempre demonstrava interesse e elogiava a maneira que apresentávamos os contos.

Figura 43 - Conto “A causa secreta”, de Machado de Assis.

Aula do dia 19/10/20 às 08h-9h e 10h15-11h15 pelo link: <http://meet.google.com/tqf-pts-cus>
 conteúdo: A leitura do conto “A causa secreta”, de Machado de Assis. / Prof. Johne Paulino/ Prof.^a Maria Betânia.



Na figura seguinte, as observações são acerca de relacionamentos abusivos. Não podíamos ler as passagens que abordavam Maria Luísa sem comentarmos sobre essa temática, principalmente ao observarmos como Garcia a descreve, para ele, era uma mulher muito sensível: “Era esbelta, airosa, olhos meigos e submissos; tinha vinte e cinco anos e parecia não passar de dezenove.” (ASSIS, 2019, p. 197). Além disso, ela era muito nervosa. As alunas

comentaram a respeito de relacinamentos abusivos, no sentido que Maria Luísa não tinha voz, era, fielmente, submissa ao Fortunato. A última palavra era a dele. Ele decidiu abrir uma casa de saúde, mesmo contra a vontade dela, infelizmente, ela era “Criatura nervosa e frágil, padecia só com a ideia de que o marido tivesse de viver em contato com enfermidades humanas; mas não ousou opor-se-lhe, e curvou a cabeça.” (ASSIS, 2019, p. 198).

Figura 44 - Conto “A causa secreta”, de Machado de Assis.

Aula do dia 19/10/20 às 08h-9h e 10h15-11h15 pelo link: <http://meet.google.com/tqf-ptps-cus>
 conteúdo: Leitura do conto “A causa secreta”, de Machado de Assis. / Prof. John Paulino /Prof.^a Maria Betânia.

The screenshot shows a Google Meet chat interface. At the top, the name 'JOHNE PAULINO BARRETT' is visible. Below the name bar, there are icons for participants (1), chat, and help. The chat history shows the following messages:

- Jamais baixar a cabeça.**
- Maria Cecília** 17 min
Tem homens ainda que pensam que mulher só servem para ter filhos.
- JASIARA SOUZA FRANÇA** 16 min
Eu cresci com mulheres fortes que batem o pé mesmo...então eu sempre tive uns bons exemplos...kkkkkk
- Maria Cecília** 15 min
As vezes eles fazem uma coisa que quando a mulher fala eles botam como se fosse a mulher que

Vivemos numa sociedade e época, completamente, diferentes. Somos contemplados com as lutas dos movimentos sociais feministas contra o machismo, mas sabemos que, embora haja um grande avanço, infelizmente em pleno século XXI existem muitas “Maria Luisa” que são submissas, e, em grande parte violentadas, verbalmente e fisicamente, todos os dias. Finalizando essa passagem, uma das alunas comentou que: *“Relacionamento abusivo está presente não só no casamento ou namoro, mas em amizade e convivência, entre várias outras situações”*... Tanto Macêdo quanto os demais alunos acataram com a opinião dela.

Figura 45 - Conto “A causa secreta”, de Machado de Assis.

Aula do dia 19/10/20 às 08h-9h e 10h15-11h15 pelo link: <http://meet.google.com/tqf-ptoms-cus>
 conteúdo: Leitura do conto “A causa secreta”, de Machado de Assis. / Prof. John Paulino / Prof.^a Maria Betânia.



Chat messages:

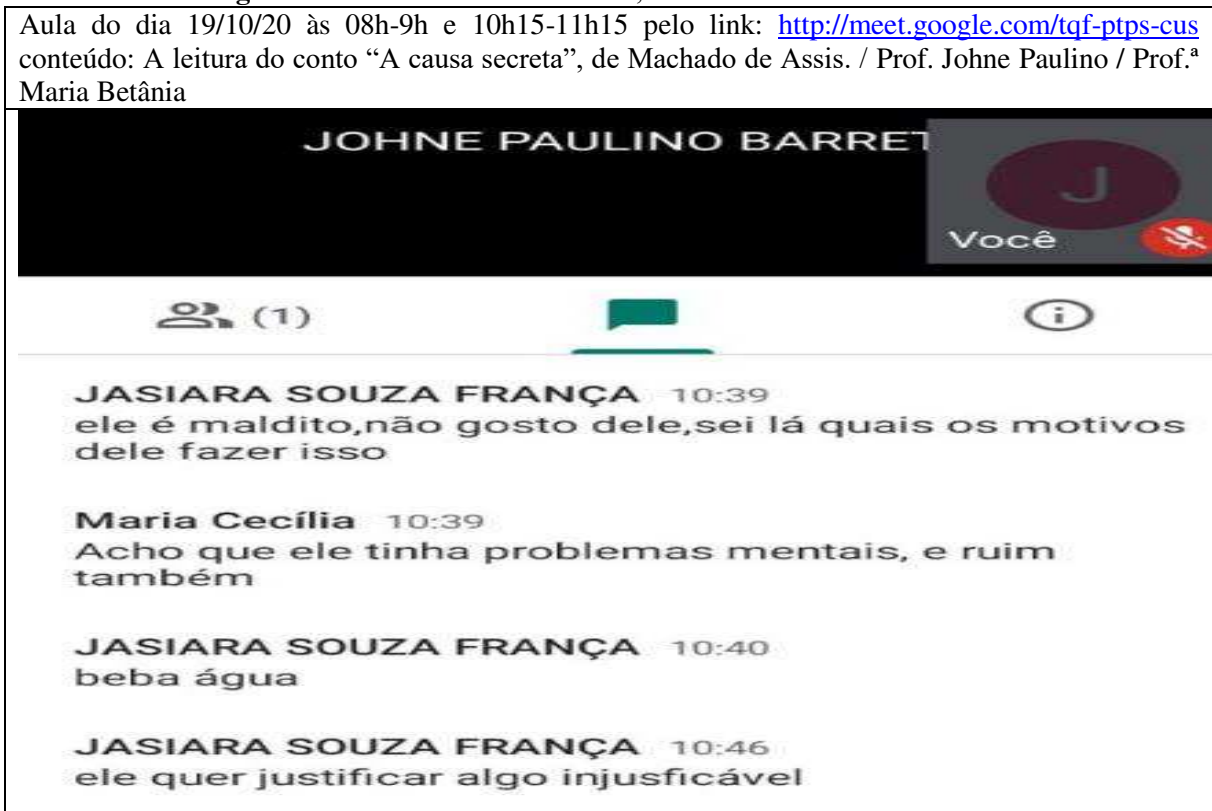
- Maria Cecília** 15 min: As vezes eles fazem uma coisa que quando a mulher fala eles botam como se fosse a mulher que tenha feito faz ela se sentir culpada
- JASIARA SOUZA FRANÇA** 14 min: e relacionamento abusivo está presente não só no casamento ou namora,mas em amizade e convivência,entre várias outras stuações
- Maria Cecília** 14 min: Verdade
- JASIARA SOUZA FRANÇA** 13 min: vc já viu o jornal de 1904 eu acho q é esse ano aí.
- JOHNE PAULINO BARRET** (Você): Sim
- JASIARA SOUZA FRANÇA** 19 min: sim existe
- JASIARA SOUZA FRANÇA** 18 min: como se ele fosse o alfa e ela a impregada,quase q escrava...é horrível
- Você** 18 min: Kkkkkkkkkk
- Você** 18 min: Adoooooro

Sempre que íamos fazendo uma leitura compartilhada, dávamos uma pausa para fazermos comentários discursivos, dialogando e interagindo com o texto na perspectiva de explorar o horizonte de expectativa dos alunos. Perguntamos quais os motivos de Fortunato pegar o rato e colocar nas chamas, além de cortá-lo cada membro do corpo com a tesoura. Jusiara nos deu a seguinte resposta: *“Ele é maldito, não gosto dele, sei lá quais os motivos dele fazer isso”*; *“Ele quer justificar algo injustificável”*; *“As vezes quando vejo isso dá vontade de*

fazer o mesmo, mas com ele, mas não faria, pois não sou um monstro como ele”; *“Foi como eu falei na primeira aula, ele sentia prazer”*. O próprio Garcia já deixou isso bem claro: *““Castiga sem raiva”, pensou o médico, “pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que só a dor alheia lhe pode dar: é o segredo desse homem.”* (ASSIS, 2019, p. 201).

De acordo com D’Onofrio (1979, p. 33), *“Esta narrativa trata da análise de uma alma estranha que se apraz dos sofrimentos alheios”*. Importante às observações de Macêdo quando ela comenta: *“Eu ia vomitar de aflição que eu ia ter, não aguentaria ver uma tortura kkk”*, diferentemente de Jusiara, Macêdo não despertou a ira, e sim reações de aflição, além disso, levantou hipóteses dele ser um doente mental, vejamos: *“acho que ele tinha problemas mentais, e ruim também”*.

Figura 46- Conto “A causa secreta”, de Machado de Assis.



Para D’Onofrio “o que é interessante revelar nesta narrativa não é tanto a psique patológica do protagonista, pois o conteúdo significativo se encontra expresso claramente no próprio texto, segundo o costume machadiano [...]” (D’ONOFRIO, 1979, p. 34). E sua hipótese estava coerente, uma vez que ela o acha louco e ruim ao mesmo tempo. Porque na verdade é isso, mas o que vem a tona é “apontar o uso da mesma técnica narrativa, observada noutros contos, para o tratamento também do tema sadismo: a inversão ao nível fabular, pela qual os

resultados das ações são contrários aos esperados e a expectativa do leitor é contantemente frustrada.” (D’ONOFRIO, 1979, p. 34).

O caso de Soares, ele era casado com uma idosa cadeirante, possivelmente por interesse. Há leitores que poderiam afirmar que é justificável ele ser adúltero e se relacionar com mulheres mais novas, uma vez que ele poderia não ter uma vida sexualmente ativa com Agusta. E a esposa até poderia se submeter a este tipo de relacionamento, quantos triângulos amorosos não existem na sociedade? Tem até a passagem que ela diz para Victoria ensinar o marido dela a amar nem que seja em espanhol.

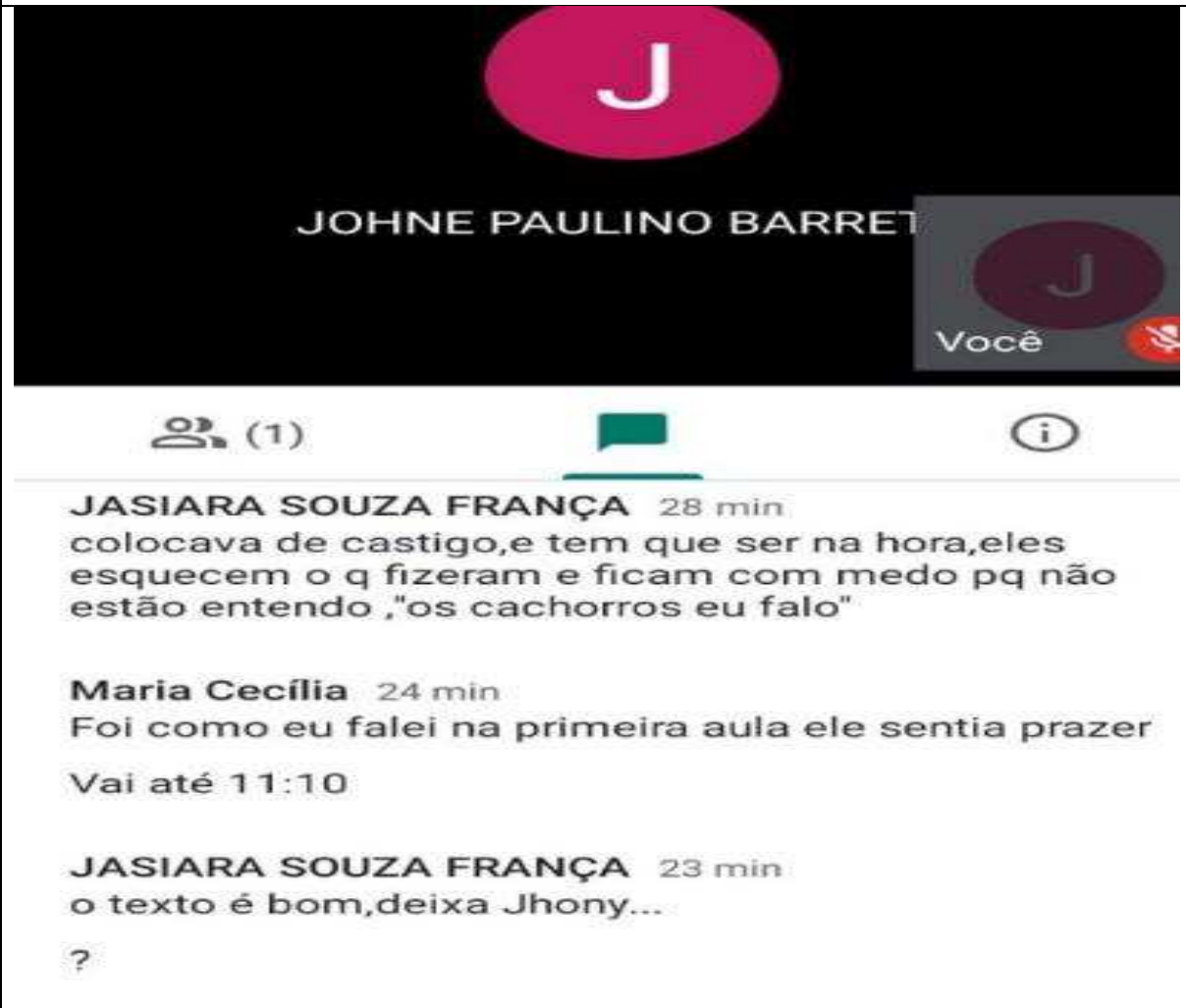
Outro exemplo que também poderia ser motivo de justificativa era a questão de Garcia ter se apaixonado pela esposa de Fortunato, o leitor poderia argumentar que ele estava agindo por ciúmes ou algo semelhante, mas a verdade é que ele sentia era prazer em vê o sofrimento de Garcia após perder Luisa para a morte.

Não era ciúmes ou algo parecido, e sim, sadismo, principalmente quando teve a ideia de abrir o hospital, não era para se satisfazer com a saúde dos pacientes, mas com o sofrimento deles. Quando ele supostamente ajudou o senhor logo no início do conto, fazendo os quartivos, dando atenção, não era por bondade, e sim, por maldade, pois quando o senhor se recuperou e foi agradecer, ele agiu com desprezo.

A aula já estava chegando ao fim, mas Jusiara gostou tanto do texto que pediu ao professor Johnne para nós procedermos, “*O texto é bom, deixa, Johny?* ”.

Figura 47 - Conto “A causa secreta”, de Machado de Assis.

Aula do dia 19/10/20 às 08h-9h e 10h15-11h15 pelo link: <http://meet.google.com/tqf-ptps-cus>
 conteúdo: A leitura do conto “A causa secreta”/ Prof. Johne Paulino Barreto / Prof. Maria Betânia.



Estavam empolgadas e com bastante curiosidade para descobrir com quem Maria Luísa ia ficar. Com Fortunato ou Garcia? Mas a aula chegou ao fim, e elas ficaram com o texto para ler em casa como atividade, e após o retorno continuarmos, nessa tarefa comparativa entre “A causa secreta” e “Encontros na Península”, entre Fortunato e Soares.







4.10 “[...] mas lendo com você eu conheci e entendi que ler contos é muito bom e traz conhecimento e dar sabedoria”: a recepção e ruptura dos horizontes de expectativas

Dando continuidade aos nossos encontros, concluímos no dia 23/11/2020, através do link <http://meet.google.com/jph-dzog-zzm>, com o conteúdo: Resumo e conclusão dos contos “A causa secreta” de Machado de Assis e “Encontros na Península”, de Milton Hatoum.

Inicialmente, os primeiros diálogos foram acerca do horário, o cansaço por ter acordado cedo, etc. Assim como temos esses comentários em aulas presenciais, dos alunos reclamando por acordar cedo para ir até a escola, nas aulas remotas emergências permaneceram. Após as reclamações, questionamos se eles lembravam os contos apresentados no início das aulas. Uma das alunas afirmou que sim, inclusive do conto “Encontros na Península”, do professor que estava em busca de um emprego e só conseguiu devido ser de nacionalidade brasileira: “*que por ele ser Brasileiro ele teve essa oportunidade*”.

Figura 48- Conclusão dos contos “A causa secreta” e “Encontros na Península”.

Aula do dia 23/11/20 às 08h-9h e 10h15-11h15 pelo link: <http://meet.google.com/jph-dzog-zzm>, conteúdo: Resumo e conclusão dos contos “A causa secreta” de Machado de Assis e “Encontros na Península”, de Milton Hatoum / Prof. John Paulino/ Prof. Maria Betânia.

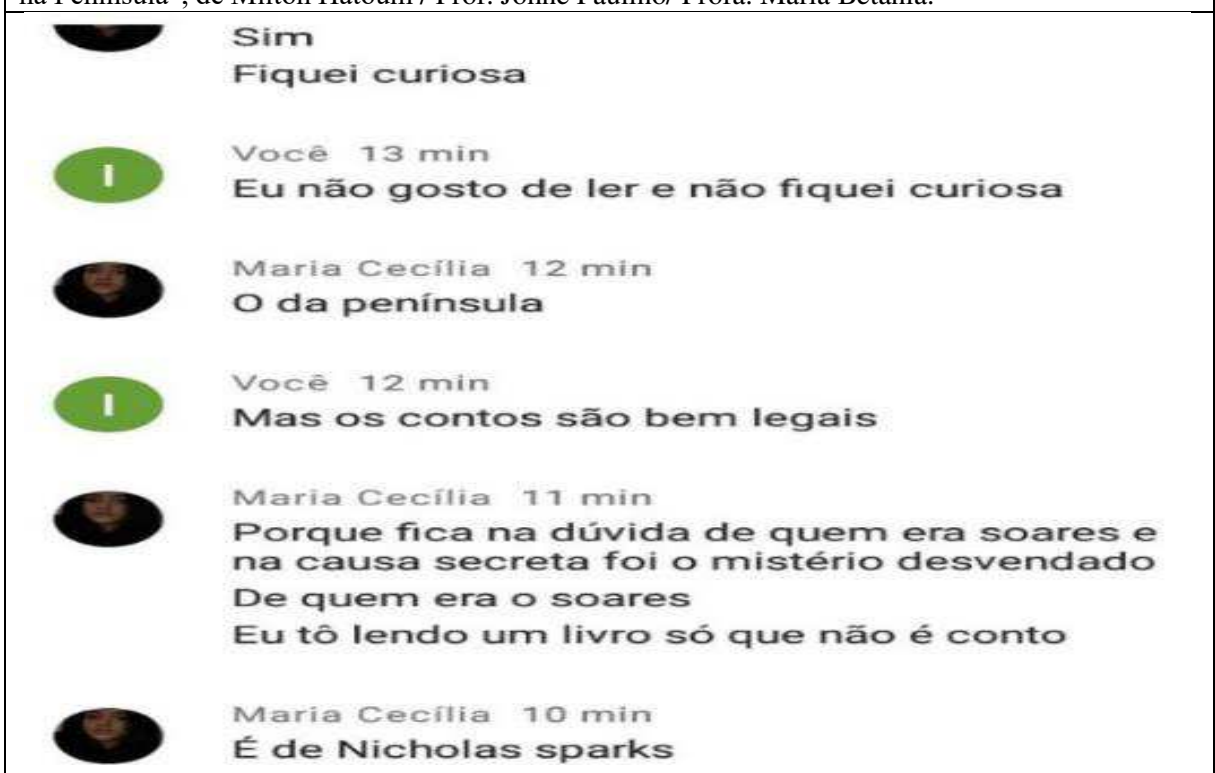
	Vanessaraiane Barbosasilva 34 min Acordei cedinho
	Vanessaraiane Barbosasilva 33 min Bem cansativo
	Maria Cecília 30 min Bom dia
	Maria Cecília 24 min Sim Sim Tá certo
	Maria Cecília 11 min Tô entendendo
	Vanessaraiane Barbosasilva 2 min Que por ele ser Brasileiro ele teve essa oportunidade

Seguimos com o método recepcional e comparativo para atentarmos a recepção dos alunos. Cumprindo o nosso percurso de leitura compartilhada e comentada, Macêdo foi uma

das alunas que mais interagiu nesse encontro, tanto na escrita do *chat* quanto em áudio. Ela concordou que Soares tinha as características de Fortunato, e acredita que o mistério e as interrogações de Victoria Soller tenham alcançado respostas no conto “A causa secreta”, de Machado de Assis.

Figura 49- Conclusão dos contos “A causa secreta” e “Encontros na Península”.

Aula do dia 23/11/20 às 08h-9h e 10h15-11h15 pelo link: <http://meet.google.com/jph-dzog-zzm>, conteúdo: Resumo e conclusão dos contos “A causa secreta” de Machado de Assis e “Encontros na Península”, de Milton Hatoum / Prof. John Paulino/ Profa. Maria Betânia.



The screenshot shows a chat window with the following messages:

- Sim** (13 min): Fiquei curiosa
- Você** (13 min): Eu não gosto de ler e não fiquei curiosa
- Maria Cecília** (12 min): O da península
- Você** (12 min): Mas os contos são bem legais
- Maria Cecília** (11 min): Porque fica na dúvida de quem era soares e na causa secreta foi o mistério desvendado De quem era o soares Eu tô lendo um livro só que não é conto
- Maria Cecília** (10 min): É de Nicholas sparks


Com relação ao enredo dos contos, os comentários mais relevantes foram acerca do tema enamoramento. Os alunos não curtiram o final infeliz em “A causa secreta”, pois a todo instante criavam expectativas de Maria Luísa namorar o Garcia, e quando chegou ao desfecho da narrativa, e perceberam que não foi, exatamente, como eles imaginaram, ficaram decepcionados, melhor dizer, houve a ruptura dos horizontes de expectativas.

Como se pode observar os comentários de Macêdo, “*Nossa bem triste era pra maria Luiza ficar com garcia e Fortunato morresse kkk*”. Ao que tudo indica, aconteceu a ruptura dos horizontes de expectativas dela, pois desde criança costumava ler obras que terminavam com um final feliz, digamos que se alguém tivesse que morrer no desfecho da história, esse alguém era o mal, em outros termos, o vilão e não a mocinha ou o mocinho. Já Vanessa, acredita que a


justificativa da morte de Maria Luisa tenha sido pelo simples fato dela ter ficado traumatizada e com medo de Fortunato.


Figura 50- Conclusão dos contos “A causa secreta” e “Encontros na Península”.

Aula do dia 23/11/20 às 08h-9h e 10h15-11h15 pelo link: <http://meet.google.com/jph-dzog-zzm>, conteúdo: Resumo e conclusão dos contos “A causa secreta” de Machado de Assis e “Encontros na Península”, de Milton Hatoum / Prof. John Paulino/ Prof. Maria Betânia.




 VANESSA RAIANE BARBOSA SILVA 11:55
Bem triste

 Você 11:57
Garcia
Nossa, bem triste, era pra Maria Luiza ficar com Garcia e Fortunato morresse kkk

 VANESSA RAIANE BARBOSA SILVA 11:58
Um amor proibido rs

 Você 12:00
Sim concordo

 VANESSA RAIANE BARBOSA SILVA 12:00
Acho que ele ficou traumatizada
E com muita medo

 Você 12:01
Soares é um homem frio sem sentimentos
Fortunato

 VANESSA RAIANE BARBOSA SILVA 12:03
Kkkk

Verificamos que as leitoras tentaram ficar no lugar da personagem Maria Luisa para compreender a dor e o desespero dela. Umás afirmaram ser calmas, outras nervosas e agitadas, e falaram, oralmente, que poderiam ter atitudes diferentes. Mas também entenderam o contexto e a época em que a personagem foi escrita, inclusive compreenderam o motivo de Maria Luíza ser tão frágil, completamente, submissa a Fortunato.

Figura 51- Conclusão dos contos “A causa secreta” e “Encontros na Península”.

Aula do dia 23/11/20 às 08h-9h e 10h15-11h15 pelo link: <http://meet.google.com/jph-dzog-zzm>, conteúdo: Resumo e conclusão dos contos “A causa secreta” de Machado de Assis e “Encontros na Península”, de Milton Hatoum / Prof. John Paulino/ Prof. Maria Betânia.

 VANESSA RAIANE BARBOSA SILVA 11:38 Terrível	 Você 11:45 Acho muito difícil eu ser calma kkkk
 Você 11:38 Existe	 VANESSA RAIANE BARBOSA SILVA 11:50 Ok Kkkkk
 VANESSA RAIANE BARBOSA SILVA 11:44 Eu sou calma kk	 VANESSA RAIANE BARBOSA SILVA 11:51 Não
 Você 11:44 As vezes nervosa kkkk Sou agitada de mais kkk	 Você 11:51 Agora que ele veio se preocupar com ela kkk
 VANESSA RAIANE BARBOSA SILVA 11:45 Cecília é agitada kk	 VANESSA RAIANE BARBOSA SILVA 11:55 Bem triste
 Você 11:45 Acho muito difícil eu ser calma kkkk	 Você 11:57 Garcia Nossa, bem triste, era pra Maria Luiza ficar com Garcia e Fortunato morresse kkk
 VANESSA RAIANE BARBOSA SILVA 11:50 Ok Kkkkk	 VANESSA RAIANE BARBOSA SILVA 11:58 Um amor proibido rs

Levando em consideração que estávamos fazendo a leitura dos contos e comparando-os, perguntamos aos alunos de qual conto mais gostaram. Macêdo pronunciou: “*Eu gostei desse da causa secreta pq mostrou quem era soares e causou mais sentimentos*”.

Quando ela diz que “causou mais sentimentos”, possivelmente, estava falando que o enredo tem cenas que desperta o lado emocional do leitor, pois a literatura tem esse poder de aflorar o aspecto emotivo durante a ação de leitura. Ou seja, pode causar sentimentos de alegria,

tristeza, raiva, curiosidade, afetividade, etc. Já Raiane descreveu o conto como “um amor proibido”, lembrando que ela estava participando pela primeira vez.

Figura 52- Conclusão dos contos “A causa secreta” e “Encontros na Península”.

Aula do dia 23/11/20 às 08h-9h e 10h15-11h15 pelo link: <http://meet.google.com/jph-dzog-zzm>, conteúdo: Resumo e conclusão dos contos “A causa secreta” de Machado de Assis e “Encontros na Península”, de Milton Hatoum / Prof. John Paulino/ Prof. Maria Betânia.

 VANESSA RAIANE BARBOSA SILVA 11:17 Bom dia	 soares e um nomem trio sem sentimentos Fortunato
 Você 11:17 Bom dia Foi bom e cansativo kkkk	 VANESSA RAIANE BARBOSA SILVA 12:03 Kkkk
 VANESSA RAIANE BARBOSA SILVA 11:17 Bom tbm kk	 VANESSA RAIANE BARBOSA SILVA 12:04 Você é muito simpática! Gostei do conto
 Você 11:19 Eu não fiquei pq eu tava com a mete de termin peças na semana que nem li kkk 	 VANESSA RAIANE BARBOSA SILVA 12:06 Certo
 VANESSA RAIANE BARBOSA SILVA 11:19 É a primeira vez que estou participando, então um pouquinho perdida kk	 B Betânia Ataíde 12:06 9 9862-2102
 VANESSA RAIANE BARBOSA SILVA 11:21 Já ouvi sim	 VANESSA RAIANE BARBOSA SILVA 12:06 Eu pego no grupo
	 VANESSA RAIANE BARBOSA SILVA 12:09 Eu não vi o outro
	 Você 12:09 Eu gostei desse da causa secreta Pq mostrou quem era soares e causou mais sentimentos

Levando em consideração a importância de sermos mediadores de conhecimento, temos fala de Macêdo ao afirmar que temos paixão pelos contos, ou seja, “A *senhora fala com uma paixão sobre os contos que nos deixa motivadas a escutar e ler sobre os contos*”. Para refletirmos, na busca de formarmos leitores, é fundamental que o professor conheça os textos antes de levá-los para a sala de aula, pois os alunos percebem quando o mediador está lendo o

texto com prazer ou apenas para cumprir o cronograma de atividades. Interessante que em nenhum momento, criticaram a quantidade de páginas dos textos, pois eles ficaram focados nas histórias em si, além de se identificarem com as ideias centrais do texto literário.

Ressaltamos que instigamos tanto, que até a aluna que falou não gostar de leitura ficou insentivada. Lembrando que anteriormente, no questionário de sondagem ela falou que não gostava de ler. Para nós, foi uma satisfação ela dizer: *“foi muito proveitoso conhecer os contos que você apresentou”*.

Trabalhar com a literatura exige do mediador que ele sinta prazer pela leitura, pois em contrapartida, irá apenas contribuir para a reprodução de modelos tradicionalistas que motivam os alunos decorarem datas, aspectos gramaticais, nomes de escritores e resumo de textos. Ao vivenciarmos com a obra e o autor a dinâmica da leitura torna-se mais prazerosa. Além de tudo isso, Vanessa Raiane fez uma observação que nos chamou a atenção.

Concluimos a análise com essas informações: *“Eu sempre gostei de ler só que deixei esse hobby depois desses contos despertei”*, fala de Macêdo. *“Se me dessem o livro pra ler eu não me interessaria mas lendo com você eu conheci e entendi que ler contos é muito bom e traz conhecimento e dar sabedoria”*, Lima. A partir das palavras dessas alunas podemos refletir o quanto é importante trabalhar com a motivação utilizando os gêneros literários, em especial o conto.

Figura 53- Conclusão dos contos “A causa secreta” e “Encontros na Península”.

Aula do dia 23/11/20 às 08h-9h e 10h15-11h15 pelo link: <http://meet.google.com/jph-dzog-zzm>, conteúdo: Resumo e conclusão dos contos “A causa secreta” de Machado de Assis e “Encontros na Península”, de Milton Hatoum / Prof. John Paulino/ Prof. Maria Betânia.

Maria Cecília 8 min
 Porque fica na dúvida de quem era soares e na causa secreta foi o mistério desvendado De quem era o soares
 Eu tô lendo um livro só que não é conto

Maria Cecília 7 min
 É de Nicholas sparks

Isabela Lima 5 min
 Se me dessem o livro pra ler eu não me interessaria mas lendo com você eu conheci e entendi que ler contos é muito bom e traz conhecimento e dar sabedoria

Maria Cecília 5 min
 Eu sempre gostei de ler só que deixei esse hobby
 Depois desses contos despertei

Isabela Lima 1 min
 Assim minha mãe sempre me motivou a estudar mas não diretamente a ler as motivações pra ler vinheram por alguns professores mas também nunca tive muito interesse ,mas também respeito e admiro quem gosta de ler

Isabela Lima 11:37
 Encontro na península tem sim duas histórias a história que o professor estava em busca de emprego e a segunda é que Victoria sole namorava soares mas ele é casado

Isabela Lima 11:40
 segunda Pliguia todo conto tem duas ou mais história
 Sim

Você 11:45
 Nessas duas histórias a primeira foi que o professor de português estava a procura de emprego e ele encontra Victoria pois Victoria queria entender os contos de Machado de Assis.
 E na segunda Victoria namora Soler e Soler não gosta de Machado de Assis porque ele descrevia Soler e por isso que ele não gostava e por isso Victoria queria conhecer machado assim ela ia descobrir quem era Soler

Você 11:54
 Foi eu errei
 Soares *

Você 11:56
 Sim entendi

Diante dessas respostas, percebemos que os/as alunos/as recepcionaram muito bem os contos analisados. Com a finalidade de investigar a recepção dos textos abordados esses diálogos das participantes apresentam um encatamento pela leitura literária conforme os comentários transcritos. Desse modo, justifica-se a importância de um professor mediador em sala de aula, pois nossa função é despertar o interesse pela leitura. Por fim, Lima em sua fala afirma que “[...] minha mãe sempre me motivou a estudar mas não diretamente a ler as motivações para ler vinheram por alguns professores mas também nunca tive muito interesse,

mas também respeito e admiro quem gosta de ler”. Muito importante o reconhecimento dela com relação a motivação que proporcionamos aos alunos. Ela afirmou que não tem muito interesse, mas já conseguiu compreender o quão é fantástica a leitura.

Portanto, averigamos o quanto é fantástico levar para a sala de aula os gêneros textuais, em especial o conto. Para Koch e Elias (2009, p. 61) “o ensino dos gêneros seria, pois, uma forma concreta de dar poder de atuação aos educadores e, por decorrência, aos educandos”. Disto isto, verificamos que ao trabalhar com o gênero conto foi uma experiência gratificante para nós que somos encantados pela literatura, principalmente com os alunos que se sentiram estimulados para realizarem a leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a realização de uma pesquisa que tinha o objetivo de formar leitores críticos-reflexivos, em sala de aula, na modalidade de ensino presencial, esta passou por transformações, visto que o cenário escolar mudou em razão da pandemia provocada pelo vírus COVID-19. Diante desse novo contexto escolar, o ensino, na atualidade, está vivenciando uma série de repercussões problemáticas. Mesmo com os avanços tecnológicos, estamos em período pandêmico. Portanto, os professores tiveram que se adaptar ao modelo de ensino emergencial e, para isto, sistematizaram novo perfil de aula com o intuito de despertar o interesse dos alunos.

Nesta dissertação, analisamos os contos “Encontros na Península”, de Milton Hatoum, “Missa do galo” e “A causa secreta”, de Machado de Assis. Escolhemos estas narrativas como objeto de estudo da nossa dissertação e realizamos uma ação de leitura com a turma do 2º ano do Ensino Médio, da Escola Cidadã Integral Professora Maria Cecília de Castro, em Alcantil-PB.

Nossa vivência com a leitura literária aconteceu na modalidade de ensino emergencial, devido às mudanças contextuais já explicadas, o que resultou em inúmeras questões e dificuldades para nossa atuação em sala de aula presencial. Além da ação de leitura, atentamos para uma revisão bibliográfica e construímos uma análise reflexiva dos contos supracitados, seguindo as seguintes perguntas: 1) Que marcas dos textos de Machado de Assis podemos verificar no conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum? Com quais textos de Machado de Assis o conto supracitado mais dialoga?

No primeiro capítulo, trabalhamos com as concepções de leitura. E chegamos à conclusão de considerarmos a complexidade do leitor, pois Guimarães e Batista (2012) afirmam que é importante “visitar a história de quem somos e do que construímos.” Ao lermos uma narrativa ou qualquer gênero textual é possível correlacionarmos essa leitura a outros textos com que tivemos contato em algum momento de nossas vivências literárias. A perspectiva bakhtiniana realça o entendimento acerca do diálogo entre as narrativas, a importância de reaproveitar os textos para realização de uma nova produção textual. Nesse percurso, há uma importante reflexão acerca da intertextualidade, Genette (2006, p. 8), explica que a intertextualidade está relacionada “[...] como presença efetiva de um texto em outro”.

Através dessa citação, compreendemos que as obras literárias interagem entre si, pois ao lermos um texto de um autor contemporâneo, deparamos com nomes de personagens, personalidades, cenas idênticas, enredos semelhantes a textos clássicos. Toda vez que isso

acontece, procuramos compará-los. Para isto, buscamos a solução na literatura comparada que para Carvalhal (2004, p. 74), “[...] é uma forma específica de interrogar os textos literários na sua interação com outros textos, literários ou não, e outras formas de expressão cultural e artística”. Destacamos que ao lermos alguns textos machadianos e os relacionarmos com o conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum, encontramos em textos de Machado de Assis, “Luís Soares”, e “Leandro Soares”, personagem do conto “A Parasita Azul”. O que chamou nossa atenção são as características dos personagens de ambos os autores.

Nesse segundo capítulo, apresentamos três resumos dos contos intitulados: “Encontros na Península”, de Milton Hatoum, “A causa secreta” e “Missa do galo”, de Machado de Assis. Além disso, discutimos o diálogo presente entre os textos de Machado e o conto de Hatoum. E proporcionamos uma reflexão acerca dos enredos desses contos que foram nosso objeto de estudo. Ademais, fizemos um convite aos leitores para desvendarem os mistérios de relacionamentos envolvendo os personagens: O professor e Victoria, Garcia e Maria Luiza, Nogueira e Conceição.

No terceiro capítulo, destacamos que as mídias sociais receberam amplos acessos com o progresso das tecnologias e as diversas plataformas de interação, principalmente com o advento da pandemia do Covid-19, essa realidade ampliou, inclusive nas instituições escolares com a implementação do Ensino Remoto Emergencial, dando seguimento ao processo de ensino-aprendizagem.

Diante das dificuldades de encontramos uma escola para apresentarmos nossa ação de leitura, fomos agraciados com a parceria do professor de Língua Portuguesa, John Paulino. Realizamos dois encontros para observar as aulas, depois aplicamos um questionário de sondagem para que pudéssemos traçar o perfil dos alunos. Essa abordagem foi uma estratégia para compreender a realidade dos alunos de maneira mais prática, já que o tempo de duração da observação foi rápido demais. Para elaboração da proposta de leitura, seguimos o referencial teórico de Cosson (2016). Utilizamos o modelo proposto pelo autor, que ele chama de “sequência expandida”. Baseamo-nos também, no método recepcional de Aguiar e Bordini (1988), especificamente, no que se refere à observação da etapa dos horizontes de expectativas dos leitores.

No quarto capítulo, apresentamos a transcrição das questões com as repostas do questionário aplicado. No primeiro questionamento perguntamos se o leitor lia por vontade própria, ou se por obrigação. Passamos a refletir quanto à primeira resposta de Marina ao afirmar que lê “*por vontade própria e também com incentivo dos professores*”, e acrescentou:

“*eu sempre leio conto, romance, história em quadrinho etc*”. Averiguamos o quanto é importante à mediação do professor e a motivação no requisito ensino de literatura e gêneros literários.

Após as aulas observadas e a sondagem, fizemos uma leitura compartilhada e comentada do conto “Missa do galo” de Machado de Assis para motivarmos os alunos. Após a leitura de Macêdo, houve uma pausa para a discussão e fazermos alguns comentários a respeito do texto. Iniciamos nossa ação de leitura com a discussão do conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum. Levando em consideração as citações das obras machadianas no conto de Hatoum, observemos a fala de Melissa quando ela diz: “*o autor se apresenta ser tão bom que ele mesmo indica outro autor para o leitor*”.

Considerando-se essa discussão, ela elogiou Hatoum, devido ele citar romances e contos de Machado de Assis em seu texto: “[...] fez uma pausa na leitura dos contos e duas semanas depois terminou as *Memórias póstumas de Brás Cuba*. ” (HATOUM, 2009, p. 105). Ou seja, verifica-se a intertextualidade presente do conto de Hatoum, no caso da alusão e a citação. Com a leitura do conto “A causa secreta”, de Machado de Assis, referenciamos à questão da violência. Os alunos informaram que Soares tem as maldades e os segredos de Fortunato.

Em outras palavras, os personagens possuem personalidades idênticas. Com relação ao enredo dos contos, os comentários mais relevantes foram acerca do tema enamoramento. Portanto, concluímos nossa dissertação, informando que os alunos não curtiram o final infeliz em “A causa secreta”, pois a todo instante criavam expectativas de Maria Luísa namorar Garcia. Ao perceberem que o desfecho da narrativa não foi, exatamente, como imaginaram, ficaram decepcionados. Alguns dos sentimentos que sentiram foram: decepção, raiva, curiosidade. Outros ficaram emocionados e encantados com os contos, etc. Tendo alcançado essa reflexão, afirmamos que ocorreu a ruptura dos horizontes de expectativas como era esperado por nós professores.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, E. P. **Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19.** Em Rede: Revista de Educação a Distância. V7, n. 1, 2020, p. 257-275. Disponível em: <Acesso em: 30/03/2021.
- ASSIS, Machado de, 1839-1908. **Todos os contos**, volume 2 / Machado de Assis; 1.ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- ASSIS, Machado de, 1839-1908. **Memórias póstumas de Brás Cubas; Dom Casmurro / Machado de Assis.** São Paulo: abril Cultural, 1982.
- ASSIS, Machado de, 1839-1908- **Crítica e interpretação. 2. Contos brasileiros – História e Crítica. 3. Rosa, João Guimarães, 1908-1967- Crítica e interpretação. 4. Lins, Osman, Graciliano, 1892-1953- Crítica e interpretação.** I. Onofrio, Salvatore d’.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas / Vera Teixeira de Aguiar /e/ Maria da Glória Bordini.** –Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- AMORIM, José Edilson de. **Leitura, análise e interpretação. / Pesquisa em literatura / Hélder Pinheiro (org.).** 2. ed. Campina Grande: Bagagem, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 6. Ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch, 1895-1975. **Estética da criação verbal / Mikhail Bakhtin [tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzeller] - 2’ cd. - São Paulo Martins Fontes, 1997. - (Coleção Ensino Superior).**
- BATISTA E GUIMARÃES, **Língua e Literatura: Machado de Assis na sala de Aula / Alexandre Huady Torres Guimarães, Ronaldo de Oliveira Batista (organizadores).** – São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BRAIT, Beth. **Bakhtin, dialogismo e polifonia / Beth Brait (org.).** - 1. ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: contexto, 2016.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura. In: Vários escritos.** 3.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada: Textos fundadores/ Organização de Eduardo F. Coutinho e Tânia Franco Carvalhal.** Rio de Janeiro, Rocca, 2ª ed. 2011.
- CARVALHAL, Tânia Franco, 1943- **Literatura comparada / Tânia Franco Carvalhal.** - 4.ed. rev. e ampliada. - São Paulo: Ática, 2006.
- CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil.** 3 ed. São Paulo: Paulus, 2009.
- CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópio.** Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1993.

COSSON, Rildo: **Letramento literário: teoria e prática** / Rildo Cosson – 2.ed., 6ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2016.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA LIMA, Luiz. **A interação do texto com o leitor**. In **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestes: La littérature ou second degré**. Paris: Ed. Du Seuil, 1982. (Points essais) / Estratos traduzidos do francês por Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Belo Horizontes/ Faculdade de Letras, 2006.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. Série e princípios, 2. São Paulo:

GOUVEIA, Arturo. **A Consagração da impertinência (Machado de Assis, Borges, Guimarães Rosa e a teoria do conto) / Machado de Assis desce aos infernos/** Arturo Gouveia e Sulenita Severo (org.). 2. Ed. Coleção Ambiente 4. João Pessoa: ideia, 2011.

GARCIA, Elias. **Pesquisa bibliográfica versus revisão bibliográfica - uma discussão necessária**. Disponível em: <http://e.revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/viewFile/13193/10642>, acesso em 16/02/2021.

HATOUM, Milton. **A cidade ilhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. De Sérgio Tellaroli). São Paulo: Ática, 1994.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor: Aspectos Cognitivos da leitura**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e escrever: estratégias de produção textual** / Ingedore Villaça Koch, Vanda Maria Elias. – São Paulo: Contexto, 2009.

LEFFA, J. Vilson. **Aspectos da leitura. Uma perspectiva psicolinguística**- Ed. 1º Porto Alegre, 1996.

MACHADO DE ASSIS, (RJ, 22 fev. 1856), em (Marmota Fluminense, nº 690, 4 mar. 1856... no livro **“Toda poesia de Machado de Assis”**. [Organização e prefácio Cláudio Murilo Leal]. Rio de Janeiro Record, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção primeiros passos; 74).

MARINHO e PINHEIRO. **O cordel no cotidiano escolar/** Ana Cristina Marinho, Hélder Pinheiro. – São Paulo: Cortez, 2012.

OLIVEIRA, Maria do Socorro de Lima et al. **Diálogos com docentes sobre ensino remoto e planejamento didático**. Recife: EDUFRPE, 2020.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Flores da escrivaninha**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**/ Ricardo Piglia; tradução José Marcos Mariani de Macedo. – São Paulo: Companhia das letras, 2004.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico**. São Paulo, 2002.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: método e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** / Cleber Cristiano Prodanov, Emami Cesar de Freitas. – 2.ed.- Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROSENBLATT, Louise M. La literatura como exploración. Fondo de Cultura econômica / Carr. Picacho-Ajusco 227, Col. Bosques del Pedregal 14200, México, D.F.

SAMOYAULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Trad. Sandra Nitri. São Paulo: HUCITEC, 2008.

STROGENSKI, Maria José Ferreiro. SOARES, Susane. **Ensino de Literatura: uma proposta por unidade temática**. Revista dos alunos de graduação em Letras: Paraná, 2011.

SOARES, A. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 1993.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 2004.

Disponível em: <http://www.cursosdeescrita.com.br/7150/de-poe-a-piglia-em-busca-das-teorias-sobre-o-conto-e-o-encontro-de-uma-gramatica-do-silencio>, acesso, 11/11/2020.

Disponível em: O patrimônio histórico cultural reconhecido pela UNESCO em Barcelona utilizado pelo turismo, <https://www.redalyc.org/pdf/2610/261056058008.pdf>, acesso em 05/02/2021.

Disponível em: **Relações intertextuais e sentidos dialógicos**, Luzinete Carpin Niedzieluk (UDESC, Florianópolis/SC, Brasil) Sandra Ramalho e Oliveira (UDESC, Florianópolis/SC, Brasil) <https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/71451/48088> acesso em 09/02/2021.

Disponível em: <https://meridianum.paginas.ufsc.br/files/2010/12/BAKHTIN-Mikhail.-A-cultura-popular-na-idade-m%C3%A9dia-e-no-renascimento-o-contexto-de-Francois-rabelais.pdf>, acesso em 05/02/2021.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Termos de Assentimento destinado aos pais ou responsáveis de alunos menores de idade



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

TERMO DE ASSENTIMENTO

Eu, Isabella Melissa de Lima, menor, estou sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “ENCONTROS NA PENÍNSULA”, DE MILTON HATOUM – UM REENCONTRO COM TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS EM SALA DE AULA. Este estudo tem como objetivo Investigar a recepção dos alunos do 2º ano através de leituras comparativas entre o conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum e “A causa secreta”, de Machado de Assis, a partir de uma vivência com o ensino remoto da escola Cidadã Integral Professora Maria Cecília de Castro, em Alcantil-PB, devido ao período epidêmico- covid-19.

Fui informado (a) pelo (a) pesquisador (a) Maria Betânia da Costa Ataíde, residente e domiciliada na cidade de Campina Grande/PB, e (83) 99862-2102, de maneira clara e detalhada de todas as etapas da pesquisa. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novos esclarecimentos e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que aceito participar do estudo, sabendo que tenho liberdade de recusar a responder qualquer questionamento sem que haja qualquer de prejuízo seja ele físico, psicológico ou financeiro, bem como de retirar meu consentimento a qualquer momento.

Se me sentir prejudicado (a) durante a realização da pesquisa, poderei procurar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP para esclarecimentos no endereço abaixo discriminado:

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/ HUAC

Rua.: Dr. Carlos Chagas, s/ n,

São José, Campina Grande – PB,

E-mail.: cep@huac.ufcg.edu.br,

Telefone.: (83) 2101 – 5545.

Campina Grande-PB, 24 de agosto de 2018.

Maria Betânia da Costa Ataíde

Pesquisador (a) Responsável

Assinatura do voluntário/ menor

Isabella Melissa de Lima





UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

TERMO DE ASSENTIMENTO

Eu, Maria Cecília Silva Macêdo, menor, estou sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “ENCONTROS NA PENÍNSULA”, DE MILTON HATOUM – UM REENCONTRO COM TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS EM SALA DE AULA. Este estudo tem como objetivo Investigar a recepção dos alunos do 2º ano através de leituras comparativas entre o conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum e “A causa secreta”, de Machado de Assis, a partir de uma vivência com o ensino remoto da escola Cidadã Integral Professora Maria Cecília de Castro, em Alcantil-PB, devido ao período epidêmico- covid-19.

Fui informado (a) pelo (a) pesquisador (a) Maria Betânia da Costa Ataíde, residente e domiciliada na cidade de Campina Grande/PB, e (83) 99862-2102, de maneira clara e detalhada de todas as etapas da pesquisa. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novos esclarecimentos e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que aceito participar do estudo, sabendo que tenho liberdade de recusar a responder qualquer questionamento sem que haja qualquer de prejuízo seja ele físico, psicológico ou financeiro, bem como de retirar meu consentimento a qualquer momento.

Se me sentir prejudicado (a) durante a realização da pesquisa, poderei procurar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP para esclarecimentos no endereço abaixo discriminado:

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/ HUAC

Rua.: Dr. Carlos Chagas, s/ n,

São José, Campina Grande – PB,

E-mail.: cep@huac.ufcg.edu.br,

Telefone.: (83) 2101 – 5545.

Campina Grande-PB, 24 de agosto de 2018.

Maria Betânia da Costa Ataíde

Pesquisador (a) Responsável

Assinatura do voluntário/ menor

Maria José da S. Macêdo





UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

TERMO DE ASSENTIMENTO

Eu, Jasiana Souza França, menor, estou sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “ENCONTROS NA PENÍNSULA”, DE MILTON HATOUM – UM REENCONTRO COM TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS EM SALA DE AULA. Este estudo tem como objetivo Investigar a recepção dos alunos do 2º ano através de leituras comparativas entre o conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum e “A causa secreta”, de Machado de Assis, a partir de uma vivência com o ensino remoto da escola Cidadã Integral Professora Maria Cecília de Castro, em Alcantil-PB, devido ao período epidêmico- covid-19.

Fui informado (a) pelo (a) pesquisador (a) Maria Betânia da Costa Ataíde, residente e domiciliada na cidade de Campina Grande/PB, e (83) 99862-2102, de maneira clara e detalhada de todas as etapas da pesquisa. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novos esclarecimentos e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que aceito participar do estudo, sabendo que tenho liberdade de recusar a responder qualquer questionamento sem que haja qualquer de prejuízo seja ele físico, psicológico ou financeiro, bem como de retirar meu consentimento a qualquer momento.

Se me sentir prejudicado (a) durante a realização da pesquisa, poderei procurar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP para esclarecimentos no endereço abaixo discriminado:

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/ HUAC

Rua.: Dr. Carlos Chagas, s/ n,

São José, Campina Grande – PB,

E-mail.: cep@huac.ufcg.edu.br,

Telefone.: (83) 2101 – 5545.

Campina Grande-PB, 24 de agosto de 2018.

Maria Betânia da Costa Ataíde

Pesquisador (a) Responsável

Assinatura do voluntário/ menor

Jasiana Souza França





UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

TERMO DE ASSENTIMENTO

Eu, Karina Chagas de Jesus Costa, menor, estou sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “ENCONTROS NA PENÍNSULA”, DE MILTON HATOUM – UM REENCONTRO COM TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS EM SALA DE AULA. Este estudo tem como objetivo Investigar a recepção dos alunos do 2º ano através de leituras comparativas entre o conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum e “A causa secreta”, de Machado de Assis, a partir de uma vivência com o ensino remoto da escola Cidadã Integral Professora Maria Cecília de Castro, em Alcantil-PB, devido ao período epidêmico- covid-19.

Fui informado (a) pelo (a) pesquisador (a) Maria Betânia da Costa Ataíde, residente e domiciliada na cidade de Campina Grande/PB, e (83) 99862-2102, de maneira clara e detalhada de todas as etapas da pesquisa. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novos esclarecimentos e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que aceito participar do estudo, sabendo que tenho liberdade de recusar a responder qualquer questionamento sem que haja qualquer de prejuízo seja ele físico, psicológico ou financeiro, bem como de retirar meu consentimento a qualquer momento.

Se me sentir prejudicado (a) durante a realização da pesquisa, poderei procurar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP para esclarecimentos no endereço abaixo discriminado:

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/ HUAC

Rua.: Dr. Carlos Chagas, s/ n,

São José, Campina Grande – PB,

E-mail.: cep@huac.ufcg.edu.br,

Telefone.: (83) 2101 – 5545.

Campina Grande-PB, 24 de agosto de 2018.

Maria Betânia da Costa Ataíde

Pesquisador (a) Responsável

Karina Chagas de Jesus Costa

Assinatura do voluntário/ menor





UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

TERMO DE ASSENTIMENTO

Eu, Ricard Romm de Oliveira, menor, estou sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “ENCONTROS NA PENÍNSULA”, DE MILTON HATOUM – UM REENCONTRO COM TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS EM SALA DE AULA. Este estudo tem como objetivo Investigar a recepção dos alunos do 2º ano através de leituras comparativas entre o conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum e “A causa secreta”, de Machado de Assis, a partir de uma vivência com o ensino remoto da escola Cidadã Integral Professora Maria Cecília de Castro, em Alcantil-PB, devido ao período epidêmico- covid-19.

Fui informado (a) pelo (a) pesquisador (a) Maria Betânia da Costa Ataíde, residente e domiciliada na cidade de Campina Grande/PB, e (83) 99862-2102, de maneira clara e detalhada de todas as etapas da pesquisa. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novos esclarecimentos e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que aceito participar do estudo, sabendo que tenho liberdade de recusar a responder qualquer questionamento sem que haja qualquer de prejuízo seja ele físico, psicológico ou financeiro, bem como de retirar meu consentimento a qualquer momento.

Se me sentir prejudicado (a) durante a realização da pesquisa, poderei procurar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP para esclarecimentos no endereço abaixo discriminado:

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/ HUAC
Rua.: Dr. Carlos Chagas, s/ n,
São José, Campina Grande – PB,
E-mail.: cep@huac.ufcg.edu.br,
Telefone.: (83) 2101 – 5545.

Campina Grande-PB, 24 de agosto de 2018.

Maria Betânia da Costa Ataíde

Pesquisador (a) Responsável

Assinatura do voluntário/ menor

Maria Malalena da Silva





UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

TERMO DE ASSENTIMENTO

Eu, Vanessa Raiane Barbosa Silva, menor, estou sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “ENCONTROS NA PENÍNSULA”, DE MILTON HATOUM – UM REENCONTRO COM TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS EM SALA DE AULA. Este estudo tem como objetivo Investigar a recepção dos alunos do 2º ano através de leituras comparativas entre o conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum e “A causa secreta”, de Machado de Assis, a partir de uma vivência com o ensino remoto da escola Cidadã Integral Professora Maria Cecília de Castro, em Alcantil-PB, devido ao período epidêmico- covid-19.

Fui informado (a) pelo (a) pesquisador (a) Maria Betânia da Costa Ataíde, residente e domiciliada na cidade de Campina Grande/PB, e (83) 99862-2102, de maneira clara e detalhada de todas as etapas da pesquisa. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novos esclarecimentos e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que aceito participar do estudo, sabendo que tenho liberdade de recusar a responder qualquer questionamento sem que haja qualquer de prejuízo seja ele físico, psicológico ou financeiro, bem como de retirar meu consentimento a qualquer momento.

Se me sentir prejudicado (a) durante a realização da pesquisa, poderei procurar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP para esclarecimentos no endereço abaixo discriminado:

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/ HUAC

Rua.: Dr. Carlos Chagas, s/ n,

São José, Campina Grande – PB,

E-mail.: cep@huac.ufcg.edu.br.

Telefone.: (83) 2101 – 5545.

Campina Grande-PB, 24 de agosto de 2018.

Maria Betânia da Costa Ataíde

Pesquisador (a) Responsável

Assinatura do voluntário/ menor

Vanessa Raiane Barbosa Silva.



Apêndice B: Termo de Anuência Institucional



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Eu, Maria Aparecida da Silva, Diretora Escolar da Escola ECIT- Escola Cidadã Integral Professora Maria Cecília de Castro, autorizo o desenvolvimento da pesquisa intitulada: **“ENCONTROS NA PENÍNSULA”, DE MILTON HATOUM – UM REENCONTRO COM TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS EM SALA DE AULA**, nesta instituição, que será realizada nos meses de agosto, setembro, e outubro do corrente ano, tendo como pesquisadora Maria Betânia da Costa Ataíde, sob orientação do Dr. José Edilson de Amorim.

Campina Grande - PB, 24 de agosto de 2020

Maria Aparecida da Silva

Assinatura

Maria Aparecida da Silva
Diretora Escolar
Aut. nº 11.281
Matricula 186.315-1

APÊNDICE C: Questionário de sondagem

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Caro (a) aluno (a),

Solicitamos sua colaboração para a realização desta pesquisa intitulada “Encontros na Península”, de Milton Hatoum – Um Reencontro com Textos de Machado de Assis em Sala de Aula, a ser desenvolvida pela aluna mestranda Maria Betânia da Costa Ataíde, sob a orientação do professor Dr. José Edilson de Amorim. Para tanto, pedimos que respondam a esse questionário. Agradecemos antecipadamente pela colaboração.

I. Identificação: Nome Completo: _____

Idade: ____ Sexo: ____

Você mora na zona rural ou urbana da cidade de Alcantil- PB?

II. LEITURA LITERÁRIA

1. Você costuma ler por vontade própria sem que o professor (a) exija? Quais os textos que você costuma ler?

2. Na sua casa você tem acesso a livros sem ser os didáticos?

Sim Não Se a sua resposta foi afirmativa, você recorda o nome de algum desses livros ou os seus autores?

3 Qual o tipo de leitura que mais lhe agrada?

Revistas. Conto. Romance. História em quadrinhos. Poema. Jornais. Crônica. Teatro. Cordel. Outros.

4. Dos textos que você leu ao longo de sua vida, algum o (a) marcou? Qual? Fale sobre ele.

5. Na atualidade você está lendo alguma obra literária?

Sim. Não. Se sim, qual texto você está lendo?

6. Você costuma ir à biblioteca da sua escola, sala de leitura ou biblioteca pública?

a) Quando o professor (a) solicita.

b) Indicado por um amigo que está lendo um livro.

c) Não costumo ir à biblioteca.

7. Você costuma levar livros para ler em casa?

Sim. Não. Algumas vezes.

II SOBRE O GÊNERO LITERÁRIO CONTO

8. Já ouviu alguém narrar um conto? Essa leitura lhe chamou atenção? Comente.

9. Se pudesse escolher um conto para ler, de qual autor você escolheria? Por quê?

10. Você já ouviu falar ou conhece os contos de Machado de Assis?

Sim. Não. Se sua resposta foi afirmativa, cite o(s) título(s) que você lembra...

11. Você já ouviu falar ou conhece os contos de Milton Hatoum?

Ou outra obra do autor? Se sua resposta foi afirmativa, cite o(s) título(s) que você lembra...

12. Você já leu algum texto que abordava os temas: sadismo, loucura e adultério?

Sim. Não.

Se sua resposta foi afirmativa para essa leitura, qual (is) textos você leu?

Como esses temas foram apresentados?

Obrigada pela colaboração!

APÊNDICE D: Sequência Expandida



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO
MESTRANDA: MARIA BETÂNIA DA COSTA ATAÍDE
ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM

SEQUÊNCIA EXPENDIDA DE LEITURA SEGUNDO COSSON (2016)

Público-alvo: Alunos do 2º ano do Ensino Médio manhã.

Espaço: sala de aula virtual.

Plataforma: *Google meet*.

Duração: 6 encontros (aulas de 60 minutos).

Materiais didáticos: PDF dos Contos objeto de estudo: Machado de Assis e Milton Hatoum

Instrumentos de coletas: Câmera do celular, ação de leitura compartilhada, grupo do whatsapp.

Objetivos:

Geral: Promover uma ação de leitura compartilhada dos contos: “Encontros na Península”, de Hatoum, “Missa do galo” e “A causa secreta”, de Machado de Assis.

Específicos:

Realizar uma leitura motivacional com o conto “Missa do galo” de Machado de Assis;

Incentivar à formação de leitores de contos;

Apresentar as relações intertextuais entre os contos “Encontros na Península”, “Missa do galo” e “A causa Secreta”.

Procedimentos metodológicos:

Módulo I: Aproximação com o conto

Conteúdo: Conto “Missa do galo”, de Machado de Assis.

1ª Encontro (Uma aula de 60 minutos)

Explicaremos sobre a pesquisa que será realizada.

Motivação: Para Cosson (2016, p. 77) “[...] a motivação consiste em uma atividade de preparação, de introdução dos alunos no universo do livro a ser lido”. Tal preparação pode ser abordando um conteúdo temático que fará parte da atividade que será desenvolvida, etc.

Iniciaremos a aula dialogando acerca do título do conto “Missa do galo”, de Machado de Assis para verificar os seus horizontes de expectativas.

Levantaremos questionamentos sobre a temática do conto.

De acordo com Cosson (2016, p. 57) “o limite da motivação dentro da nossa proposta costuma ser de uma aula. Se ela necessitar passar disso, certamente não cumprirá seu papel dentro da sequência”.

Com essa motivação esperamos provocar uma reflexão que os preparem para receber os contos. Após esse momento, apresentaremos o conto: “Missa do galo”, de Machado de Assis para realizarem a leitura compartilhada. Ouviremos as observações dos alunos e os estimularemos a comentarem das passagens que mais se identificaram.

Introdução

Segundo Cosson (2016, p. 57), “Chamamos de introdução à apresentação do autor e da obra”. Levando em consideração que iremos apresentar dois autores, um contemporâneo e um clássico. Nessa etapa, é importante explicar um pouco do percurso histórico de cada autor, citar algumas obras equivalentes a cada um, de preferência as mais estudadas. Para isto, podemos fazer uma breve apresentação da biografia do autor, abordado no livro: **Machado de Assis (Estudo crítico e biográfico)**, de Pereira (2019).

Interpretação

Iniciar a discussão sobre o que os alunos identificaram do conto apresentado. Discutir acerca dos temas: adultério, fragilidade da estrutura familiar, a figura feminina romantizada, temas presentes na narrativa. O(s) motivo(s) de terem gostado ou não.

2ª e 3ª Encontro (Duas aulas de 60 minutos)

Daremos início a essa aula com a leitura compartilhada do conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum (2009). Solicitar a participação dos alunos na leitura. Com o objetivo de identificar no conto supracitado os textos de Machado de Assis.

Possibilitaremos que os alunos falem de suas impressões e perguntaremos se existem relações com o conto apresentado na aula anterior. Oportunizaremos momento de discussão, de modo que eles percebam como ambos os textos tratam da tematização do triângulo amoroso. Daremos espaço para que eles exponham o que acharam dos contos e o que esperavam dos personagens. Ao ler o conto “Encontro na Península”, de Milton Hatoum nos deparamos com citações das obras de Machado de Assis, como, por exemplos, “**Memórias Póstumas de Brás Cubas**”; “**Dom Casmurro**”, e “**Papéis Avulsos**”. Para isto, iremos questionar se os alunos conhecem as obras supracitadas acima.

O conto “Encontros na Península”, de Hatoum é composto por quatro laudas. Possivelmente ocupará duas aulas, visto que o objetivo é ler, analisar, e observar o horizonte de expectativas dos leitores.

Para isto, será mais conveniente trabalhá-lo em duas aulas, dando um intervalo. Só assim, poderemos seguir as orientações do autor quando ele diz: “Ao acompanhar a leitura dos alunos por meio dos intervalos, o professor poderá ajuda-los a resolver ou, pelo menos, equacionar questões que vão desde a interação com o texto, até o ritmo de leitura [...]”. (COSSON, 2016, p. 64).

Então funcionará da seguinte forma: Iniciaremos a leitura das duas primeiras páginas e deixaremos as demais para segunda aula. Nesse Intervalo, sugerimos aos leitores para se possível ler o conto por inteiro em sua residência. Para isto iremos disponibilizar o texto em PDF para a turma.

Observar, também, o horizonte de expectativas do leitor diante do título do livro, acionando seus conhecimentos de mundo. Nesse momento, será aberta uma roda de conversação.

Faremos questionamentos, estimulando as considerações e discussões sobre a leitura: o narrador é onisciente, observador ou personagem? Quais são os personagens envolvidos (principais e secundários)? Em que ambiente se passam os acontecimentos? Em qual conto ou romance de Machado de Assis encontra-se o personagem Soares? Quais são as principais características de Soares? Entre o professor e Victoria perceberam um possível envolvimento amoroso? Na opinião de vocês por que Soares afirma que Eça de Queiroz é superior a Machado de Assis? Dentre outras indagações

Módulo II: Leitura compartilhada do conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum.

Conteúdo: Elementos paratextuais dos livros **Todos os contos, volume I, II, III**, de Machado de Assis e **A Cidade Ilhada**, de Milton Hatoum.

5º e 6º Encontros (Duas aulas de 60 minutos)

De acordo com Cosson (2016, p. 90) “A abordagem temática é, sem dúvida, o modo mais familiar de tratar uma obra para qualquer leitor dentro ou fora de sala de aula”.

Iremos trabalhar com os seguintes temas: enamoramento, sadismo, adultério e loucura.

A princípio, nessa aula iremos fazer uma leitura compartilhada do conto “A causa secreta”, de Machado de Assis (2019).

Após a leitura fazer uma comparação com o conto “Encontros na Península”, de Hatoum.

Também iremos dividir a leitura da narrativa em dois encontros, visto que o conto é composto por cinco laudas.

Para Cosson (2016, p. 92) “a segunda interpretação tem por objetivo a leitura aprofundada de um de seus aspectos. Ela pode estar centrada sobre uma personagem, um tema, um traço estilístico, (...) questões históricas, outras leituras”.

Nesse sentido, iremos trabalhar com esse conto a fim de descobrir quem é o personagem Soares, presente no conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum.

Para isto, iremos analisar os aspectos narrativos, as relações intertextuais, e principalmente, focar nos temas citados anteriormente e no personagem Fortunato. Uma vez já levantamos suspeita de que Soares de “Encontros na Península”, de Hatoum tem características semelhantes a Fortunato de “A causa Secreta”, de Machado de Assis.

Encerramento com a leitura dos contos “A causa secreta”, de Machado de Assis e “Encontros na Península” de Milton Hatoum

Quando chegamos a essa etapa “[...] encerra-se o trabalho de leitura centrada na obra e é chegado o momento de se intervir nas relações textuais. ”, (COSSON, 2016, p. 94).

Nessa aula iremos averiguar os horizontes de expectativas dos alunos através da leitura dos contos “A causa secreta” e “Encontros na Península”.

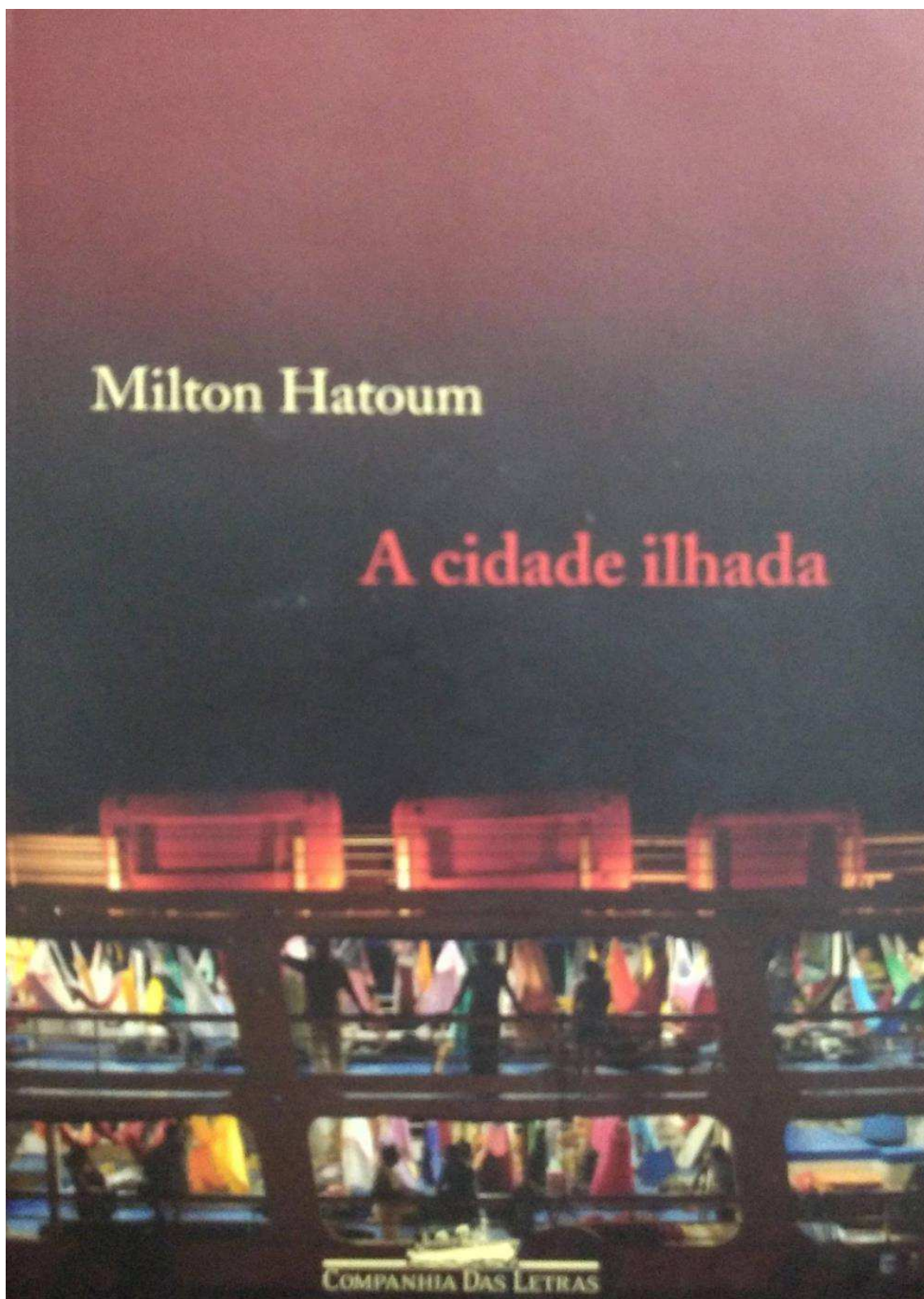
Vale ressaltar que, esse movimento de ultrapassagem do limite de um texto para outros textos, quer visto como extrapolação dentro do processo de leitura quer visto como intertextualidade no campo literário, que denominamos de expansão. Desse modo, a expansão busca destacar as

possibilidades de diálogo que toda obra articula com os textos que a precederam ou que lhes são contemporâneos ou posteriores (COSSON, 2016, p. 94).

E faremos uma roda de conversação oral para que eles possam relatar suas expectativas acerca dos contos trabalhados em aulas anteriores.

Partindo da leitura do conto “A causa secreta”, de Machado de Assis, os leitores, possivelmente, irão estabelecer relações intertextuais na narrativa “Encontros na Península”, de Hatoum.

Anexo 1- PDF “Encontros na Península”



Encontros na península

O ano é 1980: agosto, muito calor em Barcelona. E pencas de turistas barulhentos, como hordas de bárbaros vindos do Norte. Eu procurava um emprego naquele verão de jejuns forçados; ganhar pesetas com traduções era difícil, mas qualquer serviço seria bem-vindo: balconista de uma mercearia de Gracia, garçom no bairro Gótico ou nas tascas do velho porto mediterrâneo. Então o acaso saiu da sombra e o telefone tocou. Uma mulher havia lido um cartaz no Centro de Estudos Brasileiros: ensina-se português do Brasil. Victoria Soller queria aprender português. Fui vê-la no endereço que me deu: um apartamento num palacete modernista, travessa da avenida Diagonal.

Uma mocinha morena, alta e magra abriu a porta: Fique à vontade. O que deseja beber?

Água, respondi timidamente.

A sra. Soller já vem.

Na sala observei quadros de Miró e Antoni Tàpies e uma gravura do século XIX com a figura de Tirant lo Blanc

no palco de uma batalha. Uma sala catalã. Daí a poucos minutos a sra. Soller apareceu: da minha altura, só um pouco mais magra que as mulheres de Monet. E mais bonita que as figuras femininas dos pintores impressionistas. Victoria quis saber quem era eu, e de onde era. Um estudante brasileiro, eu disse. Um ex-bolsista de um instituto de Madri. E acrescentei: Um escritor brasileiro inédito, à procura de um emprego.

Já tens um emprego, ela disse. E só porque és brasileiro.

A pátria me salvou neste verão, pensei. Picado de curiosidade, perguntei por que ela queria aprender o português falado no Brasil.

Não quero falar, ela disse com firmeza. Quero ler Machado de Assis.

Corrigi o que havia pensado: o sentimento íntimo do país me salvou a tempo.

E, para impressionar minha futura aluna, eu disse em catalão: *Molt bé*. E por que a senhora quer ler Machado?

Sente-se, disse Victoria. Não é preciso me tratar por senhora. Quero que me indiques algumas obras de Machado. Os contos e romances que mais te impressionaram.

Victoria já havia adquirido as obras completas do Bruxo e os dicionários Caldas Aulete e Moraes. Agora queria uma base gramatical e uma ajuda para traduzir certas expressões. Sugeri a minha aluna a leitura de dois romances e dezoito contos de Machado. Quantas horas de aula por semana?

Duas tardes inteiras, respondeu.

Como Victoria pagava bem. Uma catalã de mão aberta. E que leitora. Durante o verão ela leu com zelo de tradutora doze dos dezoito contos indicados; no começo de

setembro, fez uma pausa na leitura dos contos e duas semanas depois terminou as *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Eu tentava tirar dúvidas de gramática e sintaxe, e também históricas: algumas datas importantes, esse e aquele ministério, nomes de personagens, políticos do Império e da República, ruas e lugares do Rio. No fim do outono, depois de ter lido e relido *Dom Casmurro*, ela comentou:

Já se vê que os narradores de Machado são terríveis, irônicos, geniais. E o homem era de fato culto. Cultíssimo, *verdad?* O século XIX francês é pródigo de grandes prosadores. Mas como Machado de Assis pode ter surgido no subúrbio do mundo?

Mistérios do subúrbio, eu disse. Ou, quem sabe, da literatura do subúrbio.

Que tipo de república é o Brasil hoje?, perguntou Victoria.

Uma república sinistra, uma ditadura.

Que lástima. Por sorte, Francisco Franco já faz parte do nosso passado, que não é menos sinistro. Os catalães o odiavam. Franco na Espanha, Salazar ao lado. Parece que vocês, latino-americanos, herdaram a alma desses déspotas.

Não sei se é uma herança de almas, talvez uma herança histórica, o passado colonial, eu disse. E então me encorajei e decidi aceitar uma taça do Rioja que ela me oferecera e estava bebendo.

Mejor así, verdad?

Así como?, perguntei.

Con vino, professor, ela disse, sorrindo.

Por supuesto. Mas por que tu te interessas tanto por Machado?

Ela ficou séria e me encarou com os olhos grandes, da

cor de açafião. Desviei meu olhar e observei num relance os ombros quase nus, mais claros que o açafião.

Queres mesmo saber? Por causa de Soares, meu amante português.

É professor de literatura brasileira?

Não, mas é louco por Eça de Queirós. Ele disse que Machado foi pérfido ao criticar cruelmente dois romances do escritor português. Não sei se isso é verdade; sei que Soares não se conforma com essas críticas, e até ficou exaltado quando perguntou: por que a dor física e a miséria são menos aflitivas que a dor moral? Ele não se cansa de afirmar que Eça é muito superior a Machado, que é o maior escritor brasileiro. Por isso eu quis ler no original o rival de Eça. Coisas de amantes. Agora só falta dissipar uma dúvida. Dúvida de leitora apaixonada.

Não entendi se ela se referia à obra de Machado ou ao resíduo da paixão recente. Esvaziou uma taça com um gole prolongado e nervoso, depois abriu e fechou várias vezes o livro *Papéis avulsos*, como se procurasse algum segredo dentro do volume de capa dura; com esse gesto impaciente, um lápis caiu no chão. Victoria se curvou para pegá-lo. Fingi não olhar para o decote da blusa azul, um decote em V, em cujo vértice brilhava uma flecha bordada. Meu fingimento foi desastroso, porque ela sorriu ao fisgar meu olhar indiscreto e eu acabei tomando um gole ainda mais prolongado e nervoso.

Ficamos uns segundos em silêncio. Eu ainda lamentava minha indiscrição, mas esse lamento foi substituído pelo ciúme que senti de Soares.

Acabo de enterrar nossa história, confessou Victoria. Ontem mesmo enviei uma carta para o Soares; escrevi que

ele não sabe ler, porque já havia lhe dito que não sabe amar.

Terminaram? Quero dizer, não são mais amantes?, perguntei, ansioso.

Ouçã a minha história, disse Victoria. Em janeiro eu viajei para o Algarve e passei uns dias em Lisboa. Quando saía do palácio da Ajuda, um homem me abordou para contar a história do palácio. Enquanto ele falava, eu reparava o homem. Nem alto nem baixo, roupa simples, um lisboeta mediano. Mas que olhos, e que olhar. Uma viúva recebe um olhar assim e sonha. Eu sonhei. E esqueci o palácio, a Nossa Senhora da Ajuda, as belezas de Lisboa. Esse encontro foi no fim da manhã. Almoçamos no Chiado, próximo ao hotel onde eu estava hospedada. Falei de mim, da minha viuvez que ia completar três anos, falei de Barcelona e da Catalunha. Ele falou de literatura: era um leitor compulsivo. E o que fazia na vida? Leio, ele disse. Consegui um emprego que me permite ler a maior parte do tempo. Bibliotecário? Nada disso: cuido de uma dama. Ganho mal, mas hoje posso provar que Eça é mais talentoso que Machado.

Eu conhecia alguma coisa de Eça, mas nada de Machado, prosseguiu Victoria. Antes da sobremesa, Soares me disse que Machado só escrevia sobre adúlteros e loucos, era um imitador vulgar de Laurence Sterne, Shakespeare, Almeida Garrett e alguns franceses. Faltava-lhe a visão crítica da sociedade, do país, uma visão que Eça esbanjava. Além disso, o tom filosofante, voltairiano, dava a Machado um ar pretensioso, puro complexo de colonizado. Teve a pretensão de ser um iluminista nos trópicos. Pretensão fracassada, claro. E ainda inventou narradores que parecem rir de tudo: do leitor, de si próprios, de Deus

e até do diabo. Um brasileiro pedante, um cultor de galhofas, disse Soares a Victoria.

Victoria encheu as duas taças e continuou:

Fiquei impressionada com o tom da voz de Soares. Cheguei a pensar que Machado não era apenas um autor, mas também um inimigo. Defunto, mesmo assim, inimigo. Pois bem, o namoro começou naquela tarde. Não vou contar detalhes. Qual é a tua idade?

Vinte e oito.

Um jovem, mas nessa idade já deves ter amado e sofrido. Eu, aos trinta e seis, só havia amado um homem e esse homem morreu jovem. Soares foi meu segundo amante. Nós nos encontrávamos em Lisboa, sempre no mesmo hotel. Ele me telefonava toda semana e perguntava: Por que tu não vens tal dia? Eu ia de avião uma vez por mês, às vezes duas. Ele chegava ao hotel na hora do almoço. Comida frugal, porque nosso banquete era na cama. Ele ia embora antes de escurecer. Nunca dormimos juntos porque ele lia à noite para uma mulher.

Um enfermeiro noturno?

Já vais saber, disse Victoria. Soares não me contou mais nada de sua vida. Lia e cuidava de uma dama. Isso era tudo. Às vezes eu achava que ele ia enlouquecer de tanto comparar Eça com Machado, ou que não cuidava de ninguém e só lia a obra dos dois rivais. Uma tarde de maio, antes de sair do hotel, ele me beijou e acariciou com tanta volúpia que adiamos a nossa despedida. Foi a tarde mais ardorosa dos nossos encontros. Pensei em alugar este apartamento e me mudar para Lisboa; poderia ter sido a decisão de uma vida, mas foi uma fantasia de minutos. Ou nem isso. O coração humano é mesmo uma caixa de mistérios. Quando Soares saiu, eu o vi da janela do hotel; en-

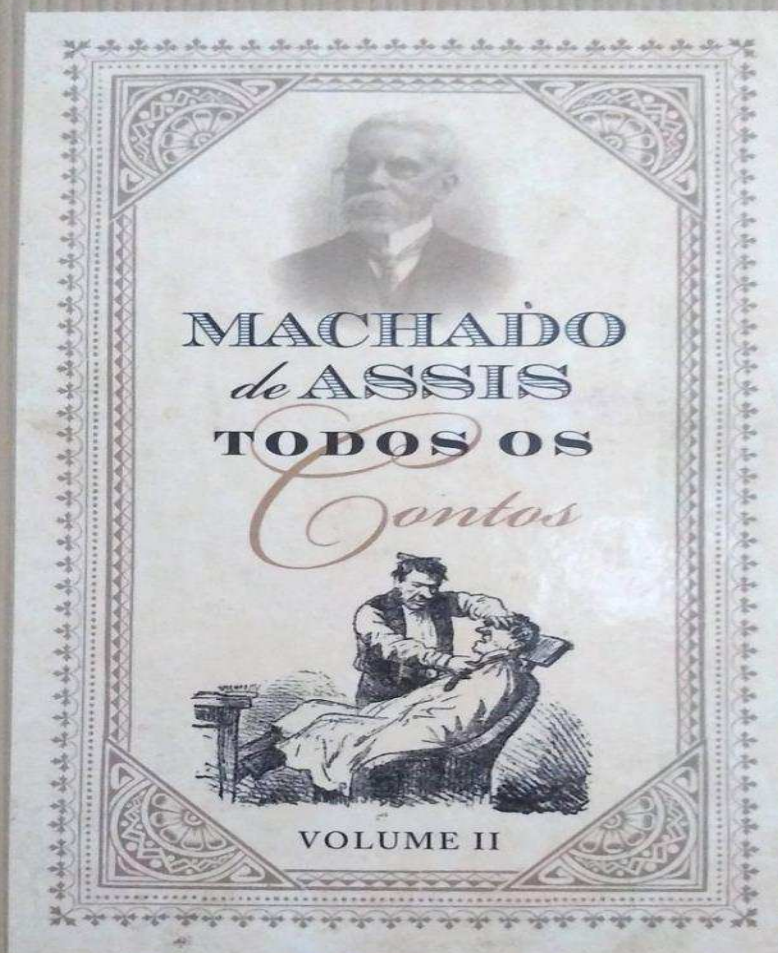
quanto ele andava, eu me despedia da Catalunha, sonhando com a vida em Lisboa. Olhava para ele, embebida de desejo e felicidade, que são graças gratuitas. Até cantarolei na minha língua uma canção de amor catalã. Então ele parou e se curvou para um mendigo sentado na calçada. Meu amante tirou do bolso uma moeda, jogou-a para o alto e, quando o cobre ia cair nas mãos estendidas, Soares agarrou a esmola e deu uma gargalhada. O mendigo tomou um susto, os braços dele caíram. Soares enfiou a moeda no bolso e apressou o passo, balançando a cabeça; talvez cantasse. Eu, que cantarolava, emudeci. Pensei: qual é o segredo desse homem? Quando ele me telefonou numa quarta-feira de junho, marquei um encontro no domingo daquela semana. Ele gaguejou, disfarçou, disse que domingo era um dia ruim. E repetiu: um dia muito ruim. Parei de insistir e ameacei: domingo ou nunca mais. Ele concordou. Quem pode com uma catalã? No domingo, Soares almoçou calado e não quis ir para a cama. Quer dizer, fomos para a cama, mas ele dormiu, roncou. Eu tinha atravessado a península Ibérica para escutar o ronco de um amante e esse amante acordou assustado, vestiu-se às pressas, me beijou às pressas e foi embora. Fingi que ia ao aeroporto e segui Soares de longe. Eu me senti ridícula, rebaixada. Ele parou diante de uma casa em Alfama. Havia alguma reunião lá dentro. Três mulheres de preto entraram na casa, e eu fui atrás delas. A sala estava cheia de gente, podia ser um velório, mas era um aniversário. Cantaram parabéns, depois os convidados cumprimentaram uma mulher sentada, toda de preto. Soares não estranhou minha presença. Ao contrário, fez festa quando me viu, e me apresentou à aniversariante, que permaneceu sentada, o colo coberto por uma manta escura. Soares disse: Augus-

ta, esta é Victoria Soller, minha professora de espanhol. Victoria, falei muito de si à minha esposa. E, depois de dizer isso, ele se ajoelhou e beijou o rosto da mulher. Um beijo demorado, tão demorado que ele teve tempo de me olhar com uma expressão cínica, voraz, de prazer mórbido. Olhar de um louco. Eu mal conseguia respirar. As pessoas falavam comigo, eu não ouvia nada. Minha rival era uma mulher idosa, mais velha que ele. Só então percebi que Augusta estava sentada numa cadeira de rodas e segurava um terço. Ela fez um sinal: queria falar comigo. Eu me curvei e ela cochichou estas palavras no meu ouvido: Ensine meu marido a amar, nem que seja em espanhol. Soares concordou, rindo, como se tivesse escutado. Saí de lá chorando, e amaldiçoei aquele homem.

Victoria levou a taça à boca e me olhou com apreensão; não enxugou os lábios que o vinho avermelhara ainda mais. O rosto dela quase tocou o meu quando disse em voz baixa:

Agora quero encontrar aquele louco nas páginas de Machado. Mas em qual conto ou romance? Tu sabes, professor?

Anexo 2- Conto “A causa secreta”



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

— Da espinha. Os médicos diziam que a moléstia não era talvez recente, e ia tocando o ponto melindroso. Chegamos assim a 1859. Desde março desse ano a moléstia agravou-se muito; teve uma pequena parada, mas para os fins do mês chegou ao estado desesperador. Nunca vi depois criatura mais enérgica diante da iminente catástrofe; estava então de uma magreza transparente, quase fluida; ria, ou antes, sorria apenas, e vendo que eu escondia as minhas lágrimas, apertava-me as mãos agradecida. Um dia, estando só com o médico, perguntou-lhe a verdade; ele ia mentir, ela disse-lhe que era inútil, que estava perdida. — Perdida, não — murmurou o médico. — Jura que não estou perdida? — Ele hesitou, ela agradeceu-lho. Uma vez certa que morria, ordenou o que prometera a si mesma.

— Casou com o senhor, aposto?

— Não me lembre essa triste cerimônia; ou antes, deixe-me lembrá-la, porque me traz algum alento do passado. Não aceitou recusas nem pedidos meus; casou comigo à beira da morte. Foi no dia 18 de abril de 1859. Passei os últimos dois dias, até 20 de abril, ao pé da minha noiva moribunda, e abracei-a pela primeira vez, feita cadáver.

— Tudo isso é bem esquisito.

— Não sei o que dirá a sua fisiologia. A minha, que é de profano, crê que aquela moça tinha ao casamento uma aversão puramente física. Casou meio defunta, às portas do nada. Chame-lhe monstro, se quer, mas acrescente divino.

Gazeta de Notícias, 15 de julho de 1886.

A CAUSA SECRETA

Garcia, em pé, mirava e estalava as unhas; Fortunato, na cadeira de balanço, olhava para o teto; Maria Luísa, perto da janela, concluía um trabalho de agulha. Havia já cinco minutos que nenhum deles dizia nada. Tinham falado do dia, que estivera excelente — de Catumbi, onde morava o casal Fortunato, e de uma casa de saúde, que adiante se explicará. Como os três personagens aqui presentes estão agora mortos e enterrados, tempo é de contar a história sem rebuço.

Tinham falado também de outra cousa, além daquelas três, cousa tão feia e grave, que não lhes deixou muito gosto para tratar do

dia, do bairro e da casa de saúde. Toda a conversação a este respeito foi constrangida. Agora mesmo, os dedos de Maria Luísa parecem ainda trêmulos, ao passo que há no rosto de Garcia uma expressão de severidade, que lhe não é habitual. Em verdade, o que se passou foi de tal natureza, que para fazê-lo entender, é preciso remontar à origem da situação.

Garcia tinha-se formado em medicina, no ano anterior, 1861. No de 1860, estando ainda na Escola, encontrou-se com Fortunato, pela primeira vez, à porta da Santa Casa; entrava, quando o outro saía. Fez-lhe impressão a figura; mas, ainda assim, tê-la-ia esquecido, se não fosse o segundo encontro, poucos dias depois. Morava na rua de D. Manoel. Uma de suas raras distrações era ir ao teatro de São Januário, que ficava perto, entre essa rua e a praia; ia uma ou duas vezes por mês, e nunca achava acima de quarenta pessoas. Só os mais intrépidos ousavam estender os passos até aquele recanto da cidade. Uma noite, estando nas cadeiras, apareceu ali Fortunato, e sentou-se ao pé dele.

A peça era um dramalhão, cosido a facadas, ouriçado de imprecações e remorsos; mas Fortunato ouviu-a com singular interesse. Nos lances dolorosos, a atenção dele redobrava, os olhos iam avidamente de um personagem a outro, a tal ponto que o estudante suspeitou haver na peça reminiscências pessoais do vizinho. No fim do drama, veio uma farsa; mas Fortunato não esperou por ela e saiu; Garcia saiu atrás dele. Fortunato foi pelo beco do Cotovelo, rua de São José, até o largo da Carioca. Ia devagar, cabisbaixo, parando às vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e ele ia andando. No largo da Carioca entrou num tálburi, e seguiu para os lados da praça da Constituição. Garcia voltou para casa sem saber mais nada.

Decorreram algumas semanas. Uma noite, eram nove horas, estava em casa, quando ouviu rumor de vozes na escada; desceu logo do sótão, onde morava, ao primeiro andar, onde vivia um empregado do arsenal de guerra. Era este, que alguns homens conduziam, escada acima, ensanguentado. O preto que o servia acudiu a abrir a porta; o homem gemia, as vozes eram confusas, a luz pouca. Deposto o ferido na cama, Garcia disse que era preciso chamar um médico.

— Já aí vem um — acudiu alguém.

Garcia olhou: era o próprio homem da Santa Casa e do teatro. Imaginou que seria parente ou amigo do ferido; mas, rejeitou a suposição, desde que lhe ouvira perguntar se este tinha família ou pessoa próxima. Disse-lhe o preto que não, e ele assumiu a direção do serviço, pediu às pessoas estranhas que se retirassem, pagou aos carregadores, e deu as primeiras ordens. Sabendo que o Garcia era vizinho e estudante de medicina pediu-lhe que ficasse para ajudar o médico. Em seguida contou o que se passara.

— Foi uma malta de capoeiras. Eu vinha do quartel de Moura, onde fui visitar um primo, quando ouvi um barulho muito grande, e logo depois um ajuntamento. Parece que eles feriram também a um sujeito que passava, e que entrou por um daqueles becos; mas eu só vi a este senhor, que atravessava a rua no momento em que um dos capoeiras, roçando por ele, meteu-lhe o punhal. Não caiu logo; disse onde morava, e, como era a dous passos, achei melhor trazê-lo.

— Conhecia-o antes? — perguntou Garcia.

— Não, nunca o vi. Quem é?

— É um bom homem, empregado no arsenal de guerra. Chama-se Gouvêa.

— Não sei quem é.

Médico e subdelegado vieram daí a pouco; fez-se o curativo, e tomaram-se as informações. O desconhecido declarou chamar-se Fortunato Gomes da Silveira, ser capitalista, solteiro, morador em Catumbi. A ferida foi reconhecida grave. Durante o curativo, ajudado pelo estudante, Fortunato serviu de criado, segurando a bacia, a vela, os panos, sem perturbar nada, olhando friamente para o ferido, que gemia muito. No fim, entendeu-se particularmente com o médico, acompanhou-o até o patamar da escada, e reiterou ao subdelegado a declaração de estar pronto a auxiliar as pesquisas da polícia. Os dous saíram, ele e o estudante ficaram no quarto.

Garcia estava atônito. Olhou para ele, viu-o sentar-se tranquilamente, estirar as pernas, meter as mãos nas algibeiras das calças, e fixar os olhos no ferido. Os olhos eram claros, cor de chumbo, moviam-se devagar, e tinham a expressão dura, seca e fria. Cara magra e pálida; uma tira estreita de barba, por baixo do queixo, e de uma têmpera a outra, curta, ruiva e rara. Teria quarenta anos. De quando

em quando, voltava-se para o estudante, e perguntava alguma coisa acerca do ferido; mas tornava logo a olhar para ele, enquanto o rapaz lhe dava a resposta. A sensação que o estudante recebia era de repulsa ao mesmo tempo que de curiosidade; não podia negar que estava assistindo a um ato de rara dedicação, e se era desinteressado como parecia, não havia mais que aceitar o coração humano como um poço de mistérios.

Fortunato saiu pouco antes de uma hora; voltou nos dias seguintes, mas a cura fez-se depressa, e, antes de concluída, desapareceu sem dizer ao obsequiado onde morava. Foi o estudante que lhe deu as indicações do nome, rua e número.

— Vou agradecer-lhe a esmola que me fez, logo que possa sair — disse o convalescente.

Correu a Catumbi daí a seis dias. Fortunato recebeu-o constrangido, ouviu impaciente as palavras de agradecimento, deu-lhe uma resposta enfasiada e acabou batendo com as borlas do chambre no joelho. Gouvêa, defronte dele, sentado e calado, alisava o chapéu com os dedos, levantando os olhos de quando em quando, sem achar mais nada que dizer. No fim de dez minutos, pediu licença para sair, e saiu.

— Cuidado com os capoeiras! — disse-lhe o dono da casa, rindo-se.

O pobre-diabo saiu de lá mortificado, humilhado, mastigando a custo o desdém, forcejando por esquecê-lo, explicá-lo ou perdoá-lo, para que no coração só ficasse a memória do benefício; mas o esforço era vão. O ressentimento, hóspede novo e exclusivo, entrou e pôs fora o benefício, de tal modo que o desgraçado não teve mais que trepar à cabeça e refugiar-se ali como uma simples ideia. Foi assim que o próprio benfeitor insinuou a este homem o sentimento da ingratidão.

Tudo isso assombrou o Garcia. Este moço possuía, em gérmen, a faculdade de decifrar os homens, de decompor os caracteres, tinha o amor da análise, e sentia o regalo, que dizia ser supremo, de penetrar muitas camadas morais, até apalpar o segredo de um organismo. Picado de curiosidade, lembrou-se de ir ter com o homem de Catumbi, mas advertiu que nem recebera dele o oferecimento formal da casa. Quando menos, era-lhe preciso um pretexto, e não achou nenhum.

Tempos depois, estando já formado, e morando na rua de Mata-cavalos perto da do Conde, encontrou Fortunato em uma gôndola, encontrou-o ainda outras vezes, e a frequência trouxe a familiaridade. Um dia Fortunato convidou-o a ir visitá-lo ali perto, em Catumbi.

— Sabe que estou casado?

— Não sabia.

— Casei-me há quatro meses, podia dizer quatro dias. Vá jantar conosco domingo.

— Domingo?

— Não esteja forjando desculpas; não admito desculpas. Vá domingo.

Garcia foi lá domingo. Fortunato deu-lhe um bom jantar, bons charutos e boa palestra, em companhia da senhora, que era interessante. A figura dele não mudara; os olhos eram as mesmas chapas de estanho, duras e frias; as outras feições não eram mais atraentes que dantes. Os obséquios, porém, se não resgatavam a natureza, davam alguma compensação, e não era pouco. Maria Luísa é que possuía ambos os feitiços, pessoa e modos. Era esbelta, airosa, olhos meigos e submissos; tinha vinte e cinco anos e parecia não passar de dezenove. Garcia, à segunda vez que lá foi, percebeu que entre eles havia alguma dissonância de caracteres, pouca ou nenhuma afinidade moral, e da parte da mulher para com o marido uns modos que transcendiam o respeito e confinavam na resignação e no temor. Um dia, estando os três juntos, perguntou Garcia a Maria Luísa se tivera notícia das circunstâncias em que ele conhecera o marido.

— Não — respondeu a moça.

— Vai ouvir uma ação bonita.

— Não vale a pena — interrompeu Fortunato.

— A senhora vai ver se vale a pena — insistiu o médico.

Contou o caso da rua de D. Manoel. A moça ouviu-o espantada. Insensivelmente estendeu a mão e apertou o pulso ao marido, risonha e agradecida, como se acabasse de descobrir-lhe o coração. Fortunato sacudia os ombros, mas não ouvia com indiferença. No fim contou ele próprio a visita que o ferido lhe fez, com todos os pormenores da figura, dos gestos, das palavras atadas, dos silêncios, em suma, um es-

túrdio. E ria muito ao contá-la. Não era o riso da dobrez. A dobrez é evasiva e oblíqua; o riso dele era jovial e franco.

“Singular homem!”, pensou Garcia.

Maria Luísa ficou desconsolada com a zombaria do marido; mas o médico restituiu-lhe a satisfação anterior, voltando a referir a dedicação deste e as suas raras qualidades de enfermeiro; tão bom o enfermeiro, concluiu ele, que, se algum dia fundar uma casa de saúde, irei convidá-lo.

— Valeu? — perguntou Fortunato.

— Valeu o quê?

— Vamos fundar uma casa de saúde?

— Não valeu nada; estou brincando.

— Podia-se fazer alguma cousa; e para o senhor, que começa a clínica, acho que seria bem bom. Tenho justamente uma casa que vai vagar, e serve.

Garcia recusou nesse e no dia seguinte; mas a ideia tinha-se metido na cabeça ao outro, e não foi possível recuar mais. Na verdade, era uma boa estreia para ele, e podia vir a ser um bom negócio para ambos. Aceitou finalmente, daí a dias, e foi uma desilusão para Maria Luísa. Criatura nervosa e frágil, padecia só com a ideia de que o marido tivesse de viver em contato com enfermidades humanas; mas não ousou opor-se-lhe, e curvou a cabeça. O plano fez-se e cumpriu-se depressa. Verdade é que Fortunato não curou de mais nada, nem então, nem depois. Aberta a casa, foi ele o próprio administrador e chefe de enfermeiros, examinava tudo, ordenava tudo, comprava e caldos, drogas e contas.

Garcia pôde então observar que a dedicação ao ferido da rua de D. Manoel não era um caso fortuito, mas assentava na própria natureza deste homem. Via-o servir como nenhum dos fâmulos. Não recuava diante de nada, não conhecia moléstia aflitiva ou repelente, e estava sempre pronto para tudo, a qualquer hora do dia ou da noite. Toda a gente pasmava e aplaudia. Fortunato estudava, acompanhava as operações, e nenhum outro curava os cáusticos. “Tenho muita fé nos cáusticos”, dizia ele.

A comunhão dos interesses apertou os laços da intimidade. Garcia tornou-se familiar na casa; ali jantava quase todos os dias, ali observava

a pessoa e a vida de Maria Luísa, cuja solidão moral era evidente. E a solidão como que lhe duplicava o encanto. Garcia começou a sentir que alguma coisa o agitava, quando ela aparecia, quando falava, quando trabalhava, calada, ao canto da janela, ou tocava ao piano umas músicas tristes. Manso e manso, entrou-lhe o amor no coração. Quando deu por ele, quis expeli-lo, para que entre ele e Fortunato não houvesse outro laço que o da amizade; mas não pôde. Pôde apenas trancá-lo; Maria Luísa compreendeu ambas as cousas, a afeição e o silêncio, mas não se deu por achada.

No começo de outubro deu-se um incidente que desvendou ainda mais aos olhos do médico a situação da moça. Fortunato metera-se a estudar anatomia e fisiologia, e ocupava-se nas horas vagas em rasgar e envenenar gatos e cães. Como os guinchos dos animais atordoavam os doentes, mudou o laboratório para casa, e a mulher, compleição nervosa, teve de os sofrer. Um dia, porém, não podendo mais, foi ter com o médico e pediu-lhe que, como cousa sua, alcançasse do marido a cessação de tais experiências.

— Mas a senhora mesma...

Maria Luísa acudiu, sorrindo:

— Ele naturalmente achará que sou criança. O que eu queria é que o senhor, como médico, lhe dissesse que isso me faz mal; e creia que faz...

Garcia alcançou prontamente que o outro acabasse com tais estudos. Se os foi fazer em outra parte, ninguém o soube, mas pode ser que sim. Maria Luísa agradeceu ao médico, tanto por ela como pelos animais, que não podia ver padecer. Tossia de quando em quando; Garcia perguntou-lhe se tinha alguma cousa, ela respondeu que nada.

— Deixe ver o pulso.

— Não tenho nada.

Não deu o pulso, e retirou-se. Garcia ficou apreensivo. Cuidava, ao contrário, que ela podia ter alguma cousa, que era preciso observá-la e avisar o marido em tempo.

Dous dias depois — exatamente o dia em que os vemos agora —, Garcia foi lá jantar. Na sala disseram-lhe que Fortunato estava no gabinete, e ele caminhou para ali; ia chegando à porta, no momento em que Maria Luísa saía aflita.

— Que é? — perguntou-lhe.

— O rato! o rato! — exclamou a moça sufocada e afastando-se.

Garcia lembrou-se que na véspera ouvira ao Fortunato queixar-se de um rato, que lhe levava um papel importante; mas estava longe de esperar o que viu. Viu Fortunato sentado à mesa, que havia no centro do gabinete, e sobre a qual pusera um prato com espírito de vinho. O líquido flamejava. Entre o polegar e o índice da mão esquerda segurava um barbante, de cuja ponta pendia o rato atado pela cauda. Na direita tinha uma tesoura. No momento em que o Garcia entrou, Fortunato cortava ao rato uma das patas; em seguida desceu o infeliz até a chama, rápido, para não matá-lo, e dispôs-se a fazer o mesmo à terceira, pois já lhe havia cortado a primeira. Garcia estacou horrorizado.

— Mate-o logo! — disse-lhe.

— Já vai.

E com um sorriso único, reflexo de alma satisfeita, alguma coisa que traduzia a delícia íntima das sensações supremas, Fortunato cortou a terceira pata ao rato, e fez pela terceira vez o mesmo movimento até a chama. O miserável estorcia-se, guinchando, ensanguentado, chamuscado, e não acabava de morrer. Garcia desviou os olhos, depois voltou-os novamente, e estendeu a mão para impedir que o suplício continuasse, mas não chegou a fazê-lo, porque o diabo do homem impunha medo, com toda aquela serenidade radiosa da fisionomia. Faltava cortar a última pata; Fortunato cortou-a muito devagar, acompanhando a tesoura com os olhos; a pata caiu, e ele ficou olhando para o rato meio cadáver. Ao descê-lo pela quarta vez, até a chama, deu ainda mais rapidez ao gesto, para salvar, se pudesse, alguns farrapos de vida.

Garcia, defronte, conseguia dominar a repugnância do espetáculo para fixar a cara do homem. Nem raiva, nem ódio; tão somente um vasto prazer, quieto e profundo, como daria a outro a audição de uma bela sonata ou a vista de uma estátua divina, alguma coisa parecida com a pura sensação estética. Pareceu-lhe, e era verdade, que Fortunato havia-o inteiramente esquecido. Isto posto, não estaria fingindo, e devia ser aquilo mesmo. A chama ia morrendo, o rato podia ser que tivesse ainda um resíduo de vida, sombra de sombra; Fortunato aproveitou-o

para cortar-lhe o focinho, e pela última vez chegar a carne ao fogo. Afinal deixou cair o cadáver no prato, e arredou de si toda essa mistura de chamusco e sangue.

Ao levantar-se deu com o médico e teve um sobressalto. Então, mostrou-se enraivecido contra o animal, que lhe comera o papel; mas a cólera evidentemente era fingida.

“Castiga sem raiva”, pensou o médico, “pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que só a dor alheia lhe pode dar: é o segredo deste homem”.

Fortunato encareceu a importância do papel, a perda que lhe trazia, perda de tempo, é certo, mas o tempo agora era-lhe preciosíssimo. Garcia ouvia só, sem dizer nada, nem lhe dar crédito. Relembra os atos dele, graves e leves, achava a mesma explicação para todos. Era a mesma troca das teclas da sensibilidade, um diletantismo *sui generis*, uma redução de Calígula.

Quando Maria Luísa voltou ao gabinete, daí a pouco, o marido foi ter com ela, rindo, pegou-lhe nas mãos e falou-lhe mansamente:

— Fracalhona!

E voltando-se para o médico:

— Há de crer que quase desmaiou?

Maria Luísa defendeu-se a medo, disse que era nervosa e mulher; depois foi sentar-se à janela com as suas lãs e agulhas, e os dedos ainda trêmulos, tal qual a vimos no começo desta história. Hão de lembrar-se que, depois de terem falado de outras cousas, ficaram calados os três, o marido sentado e olhando para o teto, o médico estalando as unhas. Pouco depois foram jantar; mas o jantar não foi alegre. Maria Luísa cismava e tossia; o médico indagava de si mesmo se ela não estaria exposta a algum excesso na companhia de tal homem. Era apenas possível; mas o amor trocou-lhe a possibilidade em certeza; tremeu por ela e cuidou de os vigiar.

Ela tossia, tossia, e não se passou muito tempo que a moléstia não tirasse a máscara. Era a tísica, velha dama insaciável, que chupa a vida toda, até deixar um bagaço de ossos. Fortunato recebeu a notícia como um golpe; amava deveras a mulher, a seu modo, estava acostumado com ela, custava-lhe perdê-la. Não poupou esforços, médicos, remé-

dios, ares, todos os recursos e todos os paliativos. Mas foi tudo vão. A doença era mortal.

Nos últimos dias, em presença dos tormentos supremos da moça, a índole do marido subjugou qualquer outra afeição. Não a deixou mais; fitou o olho baço e frio naquela decomposição lenta e dolorosa da vida, bebeu uma a uma as aflições da bela criatura, agora magra e transparente, devorada de febre e minada de morte. Egoísmo aspérrimo, faminto de sensações, não lhe perdoou um só minuto de agonia, nem lho pagou com uma só lágrima, pública ou íntima. Só quando ela expirou, é que ele ficou aturdido. Voltando a si, viu que estava outra vez só.

De noite, indo repousar uma parenta de Maria Luísa, que a ajudara a morrer, ficaram na sala Fortunato e Garcia, velando o cadáver, ambos pensativos; mas o próprio marido estava fatigado, o médico disse-lhe que repousasse um pouco.

— Vá descansar, passe pelo sono uma hora ou duas: eu irei depois.

Fortunato saiu, foi deitar-se no sofá da saleta contígua, e adormeceu logo. Vinte minutos depois acordou, quis dormir outra vez, cochilou alguns minutos, até que se levantou e voltou à sala. Caminhava nas pontas dos pés para não acordar a parenta, que dormia perto. Chegando à porta, estacou assombrado.

Garcia tinha-se chegado ao cadáver, levantara o lenço e contemplara por alguns instantes as feições defuntas. Depois, como se a morte espiritualizasse tudo, inclinou-se e beijou-a na testa. Foi nesse momento que Fortunato chegou à porta. Estacou assombrado; não podia ser o beijo da amizade, podia ser o epílogo de um livro adúltero. Não tinha ciúmes, note-se; a natureza compô-lo de maneira que lhe não deu ciúmes nem inveja, mas dera-lhe vaidade, que não é menos cativa ao ressentimento. Olhou assombrado, mordendo os beiços.

Entretanto, Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver, mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero. Fortunato, da porta, onde ficara, saboreou tranquilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa.

Gazeta de Notícias, 1º de agosto de 1885.

Anexo 3- Conto "Missa do galo"

MISSA DO GALO

Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta. Era noite de Natal. Havendo ajustado com um vizinho irmos à missa do galo, preferi não dormir; combinei que eu iria acordá-lo à meia-noite.

A casa em que eu estava hospedado era a do escrivão Meneses, que fora casado, em primeiras núpcias, com uma de minhas primas. A segunda mulher, Conceição, e a mãe desta acolheram-me bem, quando vim de Mangaratiba para o Rio de Janeiro, meses antes, a estudar preparatórios. Vivia tranquilo, naquela casa assobradada da rua do Senado, com os meus livros, poucas relações, alguns passeios. A família era pequena, o escrivão, a mulher, a sogra e duas escravas. Costumes velhos. Às dez horas da noite toda a gente estava nos quartos; às dez e meia a casa dormia. Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Meneses que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse consigo. Nessas ocasiões, a sogra fazia uma careta, e as escravas riam à socapa; ele não respondia, vestia-se, saía e só tornava na manhã seguinte. Mais tarde é que eu soube que o teatro era um eufemismo em ação. Meneses trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana. Conceição padecera, a princípio, com a existência da comborça; mas, afinal, resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito.

Boa Conceição! Chamavam-lhe "a santa", e fazia jus ao título, tão facilmente suportava os esquecimentos do marido. Em verdade, era um temperamento moderado, sem extremos, nem grandes lágrimas, nem grandes risos. No capítulo de que trato, dava para maometana; aceitaria um harém, com as aparências salvas. Deus me perdoe, se a julgo mal. Tudo nela era atenuado e passivo. O próprio rosto era mediano, nem bonito nem feio. Era o que chamamos uma pessoa simpática. Não dizia mal de ninguém, perdoava tudo. Não sabia odiar; pode ser até que não soubesse amar.

Naquela noite de Natal foi o escrivão ao teatro. Era pelos anos de 1861 ou 1862. Eu já devia estar em Mangaratiba, em férias; mas fiquei até o Natal para ver "a missa do galo na Corte". A família recolheu-se à hora do costume; eu meti-me na sala da frente, vestido e pronto. Dali

passaria ao corredor da entrada e sairia sem acordar ninguém. Tinha três chaves a porta; uma estava com o escrivão, eu levaria outra, a terceira ficava em casa.

— Mas, Sr. Nogueira, que fará você todo esse tempo? — perguntou-me a mãe de Conceição.

— Leio, D. Inácia.

Tinha comigo um romance, os *Três Mosqueteiros*, velha tradução creio do *Jornal do Comércio*. Sentei-me à mesa que havia no centro da sala, e à luz de um candeeiro de querosene, enquanto a casa dormia, trepei ainda uma vez ao cavalo magro de D'Artagnan e fui-me às aventuras. Dentro em pouco estava completamente ébrio de Dumas. Os minutos voavam, ao contrário do que costumam fazer, quando são de espera; ouvi bater onze horas, mas quase sem dar por elas, um acaso. Entretanto, um pequeno rumor que ouvi dentro veio acordar-me da leitura. Eram uns passos no corredor que ia da sala de visitas à de jantar; levantei a cabeça; logo depois vi assomar à porta da sala o vulto de Conceição.

— Ainda não foi? — perguntou ela.

— Não fui, parece que ainda não é meia-noite.

— Que paciência!

Conceição entrou na sala, arrastando as chinelinhas da alcova. Vestia um roupão branco, mal-apanhado na cintura. Sendo magra, tinha um ar de visão romântica, não disparatada com o meu livro de aventuras. Fechei o livro; ela foi sentar-se na cadeira que ficava de frente de mim, perto do canapé. Como eu lhe perguntasse se a havia acordado, sem querer, fazendo barulho, respondeu com presteza:

— Não! qual! Acordei por acordar.

Fitei-a um pouco e duvidei da afirmativa. Os olhos não eram de pessoa que acabasse de dormir; pareciam não ter ainda pegado no sono. Essa observação, porém, que valeria alguma coisa em outro espírito, depressa a botei fora, sem advertir que talvez não dormisse justamente por minha causa, e mentisse para me não afligir ou aborrecer. Já disse que ela era boa, muito boa.

— Mas a hora já há de estar próxima — disse eu.

— Que paciência a sua de esperar acordado, enquanto o vizinho dorme! É esperar sozinho! Não tem medo de almas do outro mundo? Eu cuidei que se assustasse quando me viu.

— Quando ouvi os passos estranhei; mas a senhora apareceu logo.
 — Que é que estava lendo? Não diga, já sei, é o romance dos

Mosqueteiros.

— Justamente: é muito bonito.

— Gosta de romances?

— Gosto.

— Já leu a *Moreninha*?

— Do Dr. Macedo? Tenho lá em Mangaratiba.

— Eu gosto muito de romances, mas leio pouco, por falta de tempo. Que romances é que você tem lido?

Comecei a dizer-lhe os nomes de alguns. Conceição ouvia-me com a cabeça reclinada no espaldar, enfiando os olhos por entre as pálpebras meio cerradas, sem os tirar de mim. De vez em quando passava a língua pelos beiços, para umedecê-los. Quando acabei de falar, não me disse nada; ficamos assim alguns segundos. Em seguida, vi-a endireitar a cabeça, cruzar os dedos e sobre eles pousar o queixo, tendo os cotovelos nos braços da cadeira, tudo sem desviar de mim os grandes olhos espertos:

“Talvez esteja aborrecida”, pensei eu.

E logo alto:

— D. Conceição, creio que vão sendo horas, e eu...

— Não, não, ainda é cedo. Vi agora mesmo o relógio, são onze e meia. Tem tempo. Você, perdendo a noite, é capaz de não dormir de dia?

— Já tenho feito isso.

— Eu, não; perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso, e, meia hora que seja, hei de passar pelo sono. Mas também estou ficando velha.

— Que velha o quê, D. Conceição?

Tal foi o calor da minha palavra que a fez sorrir. De costume tinha os gestos demorados e as atitudes tranquilas; agora, porém, ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra embora, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite.

Parava algumas vezes, examinando um trecho de cortina ou consertando a posição de algum objeto no aparador; afinal deteve-se, ante mim, com a mesa de perneio. Estreito era o círculo das suas ideias; tornou ao espanto de me ver esperar acordado; eu repeti-lhe o que ela sabia, isto é, que nunca ouvira missa do galo na Corte, e não queria perdê-la.

— É a mesma missa da roça; todas as missas se parecem.

— Acredito; mas aqui há de haver mais luxo e mais gente também. Olhe, a semana santa na Corte é mais bonita que na roça. São João não digo, nem Santo Antônio...

Pouco a pouco, tinha-se inclinado; fincara os cotovelos no mármore da mesa e metera o rosto entre as mãos espalmadas. Não estando abotoadas, as mangas, caíram naturalmente, e eu vi-lhe metade dos braços, muito claros, e menos magros do que se poderiam supor. A vista não era nova para mim, posto também não fosse comum; naquele momento, porém, a impressão que tive foi grande. As veias eram tão azuis, que apesar da pouca claridade, podia contá-las do meu lugar. A presença de Conceição espertara-me ainda mais que o livro. Continuei a dizer o que pensava das festas da roça e da cidade, e de outras cousas que me iam vindo à boca. Falava emendando os assuntos, sem saber por quê, variando deles ou tornando aos primeiros, e rindo para fazê-la sorrir e ver-lhe os dentes que luziam de brancos, todos iguaizinhos. Os olhos dela não eram bem negros, mas escuros; o nariz, seco e longo, um tantinho curvo, dava-lhe ao rosto um ar interrogativo. Quando eu alteava um pouco a voz, ela reprimia-me:

— Mais baixo! mamãe pode acordar.

E não saía daquela posição, que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras. Realmente, não era preciso falar alto para ser ouvido: cochichávamos os dous, eu mais que ela, porque falava mais; ela, às vezes, ficava séria, muito séria, com a testa um pouco franzida. Afinal, cansou; trocou de atitude e de lugar. Deu volta à mesa e veio sentar-se do meu lado, no canapé. Voltei-me, e pude ver, a furto, o bico das chinelas; mas foi só o tempo que ela gastou em sentar-se, o roupão era comprido e cobriu-as logo. Recordo-me que eram pretas. Conceição disse baixinho:

— Mamãe está longe, mas tem o sono muito leve; se acordasse agora, coitada, tão cedo não pegava no sono.

— Eu também sou assim.

— O quê? — perguntou ela inclinando o corpo para ouvir melhor. Fui sentar-me na cadeira que ficava ao lado do canapé e repeti-lhe a palavra. Riu-se da coincidência; também ela tinha o sono leve; éramos três sonos leves.

— Há ocasiões em que sou como mamãe; acordando, custa-me dormir outra vez, rolo na cama, à toa, levanto-me, acendo vela, passeio, torno a deitar-me, e nada.

— Foi o que lhe aconteceu hoje.

— Não, não — atalhou ela.

Não entendi a negativa; ela pode ser que também não a entendesse. Pegou das pontas do cinto e bateu com elas sobre os joelhos, isto é, o joelho direito, porque acabava de cruzar as pernas. Depois referiu uma história de sonhos, e afirmou-me que só tivera um pesadelo, em criança. Quis saber se eu os tinha. A conversa reatou-se assim lentamente, longamente, sem que eu desse pela hora nem pela missa. Quando eu acabava uma narração ou uma explicação, ela inventava outra pergunta ou outra matéria, e eu pegava novamente na palavra. De quando em quando, reprimia-me:

— Mais baixo, mais baixo...

Havia também umas pausas. Duas outras vezes, pareceu-me que a via dormir; mas os olhos, cerrados por um instante, abriam-se logo sem sono nem fadiga, como se ela os houvesse fechado para ver melhor. Uma dessas vezes creio que deu por mim embebido na sua pessoa, e lembra-me que os tornou a fechar, não sei se apressada ou vagarosamente. Há impressões dessa noite, que me aparecem truncadas ou confusas. Contradigo-me, atrapalho-me. Uma das que ainda tenho frescas é que, em certa ocasião, ela, que era apenas simpática, ficou linda, ficou lindíssima. Estava de pé, os braços cruzados; eu, em respeito a ela, quis levantar-me; não consentiu, pôs uma das mãos no meu ombro, e obrigou-me a estar sentado. Cuidei que ia dizer alguma coisa; mas estremeceu, como se tivesse um arrepio de frio, voltou as costas e foi sentar-se na cadeira, onde me achara lendo. Dali relanceou a vista pelo espelho, que ficava por cima do canapé, falou de duas gravuras que pendiam da parede.

— Estes quadros estão ficando velhos. Já pedi a Chiquinho para comprar outros.

Chiquinho era o marido. Os quadros falavam do principal negócio deste homem. Um representava "Cleópatra"; não me recordo o assunto do outro, mas eram mulheres. Vulgares ambos; naquele tempo não me pareciam feios.

— São bonitos — disse eu.

— Bonitos são; mas estão manchados. E depois francamente, eu preferia duas imagens, duas santas. Estas são mais próprias para sala de rapaz ou de barbeiro.

— De barbeiro? A senhora nunca foi a casa de barbeiro.

— Mas imagino que os fregueses, enquanto esperam, falam de moças e namoros, e naturalmente o dono da casa alegre a vista deles com figuras bonitas. Em casa de família é que não acho próprio. É o que eu penso; mas eu penso muita coisa assim esquisita. Seja o que for, não gosto dos quadros. Eu tenho uma Nossa Senhora da Conceição, minha madrinha, muito bonita; mas é de escultura, não se pode pôr na parede, nem eu quero. Está no meu oratório.

A ideia do oratório trouxe-me a da missa, lembrou-me que podia ser tarde e quis dizê-lo. Penso que cheguei a abrir a boca, mas logo a fechei para ouvir o que ela contava, com doçura, com graça, com tal moleza que trazia preguiça à minha alma e fazia esquecer a missa e a igreja. Falava das suas devoções de menina e moça. Em seguida referia umas anedotas de baile, uns casos de passeio, reminiscências de Paquetá, tudo de mistura, quase sem interrupção. Quando cansou do passado, falou do presente, dos negócios da casa, das canseiras de família, que lhe diziam ser muitas, antes de casar, mas não eram nada. Não me contou, mas eu sabia que casara aos vinte e sete anos.

Já agora não trocava de lugar, como a princípio, e quase não saíra da mesma atitude. Não tinha os grandes olhos compridos, e entrou a olhar à toa para as paredes.

— Precisamos mudar o papel da sala — disse daí a pouco, como se falasse consigo.

Concordei, para dizer alguma coisa, para sair da espécie de sono magnético, ou o que quer que era que me tolhia a língua e os sentidos. Queria e não queria acabar a conversação; fazia esforço para arredar os

olhos dela, e arredava-os por um sentimento de respeito; mas a ideia de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua, o silêncio era completo.

Chegamos a ficar por algum tempo — não posso dizer quanto — inteiramente calados. O rumor único e escasso, era um roer de camundongo no gabinete, que me acordou daquela espécie de sonolência; quis falar dele, mas não achei modo. Conceição parecia estar devaneando. Subitamente, ouvi uma pancada na janela, do lado de fora, e uma voz que bradava: "Missa do galo! missa do galo!"

— Aí está o companheiro — disse ela levantando-se. — Tem graça; você é que ficou de ir acordá-lo, ele é que vem acordar você. Vá, que hão de ser horas; adeus.

— Já serão horas? — perguntei.

— Naturalmente.

— Missa do galo! — repetiram de fora, batendo.

— Vá, vá, não se faça esperar. A culpa foi minha. Adeus, até amanhã.

E com o mesmo balanço do corpo, Conceição enfiou pelo corredor dentro, pisando mansinho. Saí à rua e achei o vizinho que esperava. Guiamos dali para a igreja. Durante a missa, a figura de Conceição interpôs-se mais de uma vez, entre mim e o padre; fique isto à conta dos meus dezessete anos. Na manhã seguinte, ao almoço, falei da missa do galo e da gente que estava na igreja sem excitar a curiosidade de Conceição. Durante o dia, achei-a como sempre, natural, benigna, sem nada que fizesse lembrar a conversação da véspera. Pelo Ano-Bom fui para Mangaratiba. Quando tornei ao Rio de Janeiro em março, o escrivão tinha morrido de apoplexia. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a encontrei. Ouvi mais tarde que casara com o escrevente juramentado do marido.

A Semana, 12 de maio de 1894.

IDEIAS DO CANÁRIO

Um homem dado a estudos de ornitologia, por nome Macedo, referiu a alguns amigos um caso tão extraordinário que ninguém lhe deu